



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

DÉBORA CARVALHO TRINDADE GOMES

**O MAIS CONECTOR NO PORTUGUÊS POPULAR DA BAHIA:
ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS E FORMAIS**

**Salvador
2019**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

DÉBORA CARVALHO TRINDADE GOMES

**O MAIS CONECTOR NO PORTUGUÊS POPULAR DA BAHIA:
ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS E FORMAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como requisito para a obtenção do título de Doutora em Língua e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Figueiredo.
Co-orientador: Prof. Dr. Dante Lucchesi.

Salvador
2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Carvalho Trindade Gomes, Débora
O mais conector no português popular da Bahia:
aspectos sociolinguísticos e formais / Débora Carvalho
Trindade Gomes. -- Salvador, 2019.
182 f.

Orientadora: Cristina Figueiredo.
Coorientador: Dante Lucchesi.
Tese (Doutorado - Doutorado em Língua e Cultura) --
Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras,
2019.

1. Linguística. 2. Sociolinguística. 3. Variação e
mudança nas línguas. 4. Teoria da Gramática. 5.
Aspectos formais. I. Figueiredo, Cristina. II.
Lucchesi, Dante. III. Título.

DÉBORA CARVALHO TRINDADE GOMES

**O MAIS CONECTOR NO PORTUGUÊS POPULAR DA BAHIA:
ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS E FORMAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Língua e Cultura do Instituto de Letras da
Universidade Federal da Bahia como requisito para a
obtenção do título de Doutora em Língua e Cultura.

Aprovada em 18 de março de 2019.

Professora Doutora Maria Cristina Vieira de Figueiredo Silva
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Professor Doutor Alexander Yao Cobbinah
Universidade de São Paulo (USP)

Professora Doutora Silvana Silva de Farias Araújo
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Professor Doutor Rerisson Cavalcante de Araújo
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Professora Doutora Juliana Escalier Ludwig Gayer
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

*A Deus, porque dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas.
À minha família: Francisco, Trindade, Carminha, Quésia e Priscila.*

AGRADECIMENTOS

Percorri uma longa jornada até a concretização desta tese e não fiz isso sozinha. Meus *sinceros agradecimentos* vão para aqueles que me ajudaram a chegar até aqui.

Primeiramente, agradeço a Deus, que tem sido meu *tudo*. Por Ele eu vivo, me movo e existo. É Ele quem faz tudo ter um propósito e fora dEle nada tem sentido.

À minha família, minha base. A meu esposo Francisco, por ser tão companheiro, compreensivo e, sobretudo, incentivador desde a minha graduação. Sempre me fez acreditar que eu poderia ser “doutora”. Aos meus pais, Trindade e Carminha, por me ensinarem o que mais importa e sempre torcerem por mim, acreditando que eu poderia ir além. Às minhas irmãs, Quésia e Priscila, pelo amor, incentivo e apoio.

Aos meus amigos e irmãos, que sempre oram por mim.

À minha orientadora, Profa. Dra. Cristina Figueiredo, por ser uma referência acadêmica. Acreditou em mim desde o início da graduação e me fez chegar várias vezes ao “limite”, só para me mostrar que eu dava conta de ir mais adiante. Muito obrigada por fazer parte da minha vida e ter investido em mim.

Ao meu co-orientador, Prof. Dr. Dante Lucchesi, pelas orientações preciosas sobre os aspectos sociolinguísticos do fenômeno investigado e pelo seu trabalho de pesquisa que, ao longo dos anos, tem sido referência para muitos estudos.

Ao Prof. Dr. Rerisson Cavalcante, pelos conselhos acadêmicos, indicações de leitura, contribuições importantíssimas ao meu Exame de qualificação e orientação sobre os aspectos formais analisados nesta tese.

Ao Prof. Dr. Alan Baxter, que participou da minha pesquisa acadêmica no Mestrado e incentivou a continuação do projeto, a realização desta tese.

À Profa. Dra. Silvana Araújo pelas sugestões e comentários em minha banca de qualificação.

Ao Projeto *Vertentes* (UFBA) e ao Projeto *A língua portuguesa no Semiárido Baiano* (UEFS), por cederem entrevistas de seus acervos para a formação da base empírica de dados.

Às minhas colegas de pesquisa, pelo incentivo, colaboração e compartilhamento de referências para estudo e leitura.

Aos funcionários da Pós-Graduação do ILUFBA, por serem prestativos e atenciosos, orientando-me a cada etapa.

À CAPES, pela bolsa que me permitiu dedicação total à pesquisa durante quatro anos.

RESUMO

Este estudo investiga a mudança no advérbio *mais*, que tem suas funções ampliadas e passa a atuar como um conector, no português popular do Estado da Bahia, em dois contextos sintáticos: subordinação, variando com a preposição *com*, e coordenação entre DPs, variando com a conjunção aditiva *e*. O uso de um mesmo elemento gramatical exercendo funções de partícula comitativa e coordenador se verifica em línguas africanas, pidgins e crioulas, assim como no português falado como L2 em comunidades africanas. Em contraparte, esse uso não é um padrão nas línguas indo-europeias. Em um primeiro momento, faço uma análise variacionista do fenômeno investigado, o conector *mais*. Investigo os condicionamentos sociais e linguísticos para a variante *mais* no universo do português popular baiano, mais especificamente o *português popular do interior*, representado por comunidades rurais e das sedes dos municípios Poções, Santo Antônio de Jesus e Feira de Santana; e o *português popular da capital*, representado pelos bairros de Cajazeiras, Liberdade, Itapuã e Plataforma, localizados na capital Salvador. A base empírica de dados é formada por 120 entrevistas de fala vernácula pertencentes aos acervos de dois projetos de pesquisa sociolinguística desenvolvidos na Universidade Federal da Bahia e na Universidade Estadual de Feira de Santana. Os informantes são de ambos os sexos e estratificados em três faixas etárias, a fim de se identificar uma tendência à variação estável ou mudança em progresso do fenômeno variável nas comunidades de fala. Um total de 2.370 dados foram coletados e submetidos à ferramenta de análise estatística VARBRUL. A pesquisa é norteada pela hipótese de que o *mais* conector é resultado do contato linguístico ocorrido no Brasil nos primeiros séculos de colonização, e uma evidência de que as línguas africanas teriam afetado o Português Brasileiro. A fim de testar tal hipótese, estabeleço a trajetória do *mais* conector em um *continuum* de normas do português popular baiano, retomando os resultados obtidos em pesquisa realizada com o português afro-brasileiro (GOMES, 2014), falado em quatro comunidades afrodescendentes do interior do Estado da Bahia (Helvécia, Cinzento, Sapé e Rio de Contas), e relacionando-os aos resultados do português falado no interior e na capital. Os resultados da análise variacionista indicam que o fenômeno *mais/com* está em mudança nas comunidades do interior e da capital, a variante resultante do contato linguístico *mais* está sendo substituída pela variante padrão *com*, por conta de um processo mais amplo de nivelamento linguístico, em que os modelos dos grandes centros urbanos se difundem para todas as regiões do país, na atualidade (LUCCHESI, 2015). Por outro lado, o fenômeno *mais/e* é uma variação estável. Em relação à projeção da variante *mais* no espectro de variedades do português popular baiano, sua realização é mais frequente no português afro-brasileiro, enquanto esse percentual cai gradualmente nas comunidades da zona rural, nas comunidades das sedes dos municípios do interior, até o outro extremo do *continuum*, a norma urbana da capital. Esses resultados caracterizam a variante *mais* como um resquício do contato linguístico ocorrido na história do Brasil. No segundo momento, esta tese se debruça sobre a dimensão formal do fenômeno. Tenho chamado de *alternância coordenativa-subordinativa(com)* a alternância sintática entre as estruturas coordenada e subordinada, considerando a expressão do conjunto de elementos [DP1, DP2, V, conector] e o significado global das sentenças derivadas, em que os DPs ora aparecem contínuos ora aparecem descontínuos. A partir da associação entre essas estruturas sintáticas, delimito duas questões formais: i) os traços que podem ter licenciado o uso do advérbio *mais* como conector no português popular baiano, permitindo seu uso nas construções coordenadas e subordinadas(*com*); ii) a relação semântica entre os DPs participantes do mesmo evento, nas construções comitativas. Para a primeira questão, proponho que a manutenção do traço semântico <INCLUSÃO> e do traço sintático <RELACIONAL>, no processo de gramaticalização do advérbio *mais*, teria licenciado seu uso como um conector. Em relação à segunda questão, proponho que a atribuição temática do com-DP se dá em um esquema *continuum* onde, de um lado está o comitativo típico, mais simétrico com o Suj-DP, até o outro extremo onde está o caso menos simétrico, codificando apenas co-presença no evento. A partícula *mais/com* é lexical e contribui para a atribuição temática do com-DP num esquema de interação entre seus traços semânticos básicos, as propriedades inerentes ao núcleo do DP introduzido pela preposição e as propriedades semânticas do evento expresso pelo verbo. A mudança no advérbio *mais* é analisada na perspectiva da Sociolinguística Paramétrica.

PALAVRAS-CHAVE: Mais. Comitativo. Coordenação entre DPs. Alternância estrutural.

ABSTRACT

This study investigates the change of the adverb *more*. In popular Portuguese of Bahia State, the function of *more* is amplified as it acts as a connector in two syntactic contexts: subordination, working as the preposition *with*, and coordination between DPs, acting as the additive conjunction *and*. Usage of a single grammatical element playing the role of both comitative particle and coordinator is verified in African, pidgins and creole languages, as well as in Portuguese spoken as L2. However, such usage is not a standard in Indo-European languages. Firstly, I perform a variationist analysis of that observed phenomenon, the connector *more*. Social and linguistic conditioning for the variation of *more* in popular Bahiano Portuguese are investigated. More specifically, this analysis focuses on *popular Portuguese from the countryside*, represented by rural and small town communities (Poções, Santo Antônio de Jesus and Feira de Santana); and on *popular urban Portuguese*, represented by the neighborhoods in the State capital Salvador (Cajazeiras, Liberdade, Itapuã and Plataforma). Empirical data base comprises 120 samples of vernacular speech belonging to the collection of two research projects on sociolinguistics carried out at Federal University of Bahia and State University of Feira de Santana. Informers are from three age groups and from both genders, in order to identify a propensity to stability or to alteration of the phenomenon at the communities. A total of 2.370 data were sampled and submitted to VARBRUL statistics analysis tool. This research is grounded on the hypothesis that the connector *more* results from language exchange in Brazil at the first centuries of colonization, and from an evidence that African languages would have affected the Brazilian Portuguese. In order to prove such hypothesis, the path of the connector *more* is established in a *continuum* of rules of popular Bahiano Portuguese. To do that, I resume the results obtained in a research about Afro-Brazilian Portuguese (GOMES, 2014) spoken in four Afro descendant communities at the countryside of Bahia (Hélcia, Cinzento, Sapé and Rio de Contas) and compare them to the results of the Portuguese spoken in the countryside and in the State capital. Results of the variationist analysis indicate that the phenomenon *more/with* is changing both in the countryside and the State capital communities. The variant *more*, resulting from linguistic exchange is being replaced by the standard variant *with*, due to a linguistic leveling process, in which models from large urban areas are spread to all regions of the country nowadays (LUCCHESI, 2015). On the other hand, the *more/and* phenomenon is a stable variation. As to the projection of the variant *more* in the collection of varieties of Portuguese, its presence is more frequent in Afro-Brazilian Portuguese, while this percentage gradually decreases in the rural area communities, in the small town communities, to the other end of the *continuum*, where there is an urban rule in the State capital. These studies characterize the variant *more* as a trace of the contact between languages that occurred in the history of Brazil. Furthermore, this thesis discusses the formal dimension of the phenomenon. I have been referring to the *coordinative-subordinate(with) alternation* as the syntactic toggle between the coordinate and subordinate structures, considering the expression of the group of elements [DP1, DP2, V, connector] and the global meaning of the derivate sentences, in which the DPs sometimes are continuous and sometimes discontinuous. From the association between these syntactic structures, I address two formal issues: i) the traces that might have licensed the usage of the adverb *more* as a connector in popular Bahiano Portuguese, allowing its usage in coordinate and subordinate(*with*) structures; ii) the semantic relationship between the DPs participating of the same event, in the comitative structures. For the first issue I propose that maintaining the semantic trace <INCLUSION> and the syntactic trace <RELATIONAL>, in the process of grammaticalization of the adverb *more*, would have licensed its usage as a connector. As for the second issue, I propose that thematic attribution of com-DP occurs in a *continuum* scheme where, on one side is the typical comitative, more symmetrical with Suj-DP, to the other edge where is the less symmetrical case, coding only for co-presence in the event. The particle *more/with* is lexical and contributes to the thematical attribution of com-DP in a scheme of interaction between its basic semantic traces, the properties inherent to the core of the DP introduced by the preposition, and the semantic properties of the event expressed by the verb. The change of the adverb *more* is analyzed under the perspective of Parametric Sociolinguistics.

KEYWORDS: More. Comitative. Coordination between DPs. Structural alternation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>With-languages</i> e <i>and-languages</i> na África (STASSEN, 2000).....	47
Figura 2: A coordenação no crioulo caboverdiano	51
Figura 3: Expressão gramatical de coordenador e comitativo em crioulos na África.....	52
Figura 4: A variável faixa etária no português afro-brasileiro.....	56
Figura 5: <i>Continuum</i> de urbanização de acordo com Bortoni-Ricardo (2004).....	61
Figura 6: Disposição das comunidades num <i>continuum</i> do português popular baiano.....	61
Figura 7: Localização das comunidades de fala no Estado da Bahia	78
Figura 8: Praça do Pau Fincado, Nova Viçosa-BA (1983).....	79
Figura 9: Plantação de arroz, Rio de Contas-BA (1962).....	80
Figura 10: Crianças brincando em Cinzento, Planalto-BA	81
Figura 11: Moradores de Sapé em frente à casa, Valença-BA	82
Figura 12: Igreja do Divino Espírito Santo, Poções-BA (19--)	84
Figura 13: Praça da feira, Santo Antônio de Jesus-BA (1957).....	85
Figura 14: Feira semanal, Feira de Santana-BA (196-).....	86
Figura 15: Porto de Salvador, Bahia (1952).....	87
Figura 16: Divisão da capital Salvador por Macro Regiões	89
Figura 17: Localização das comunidades de fala em Salvador	90
Figura 18: Etapas do processamento dos dados no VARBRUL.....	98
Figura 19: Distribuição da variante <i>mais</i> no português popular do Estado da Bahia	124
Figura 20: Síntese dos fatores condicionantes do <i>mais</i> conector no português popular baiano	127
Figura 21: Processos de urbanização e nivelamento linguístico sobre a variante <i>mais</i>	128
Figura 22: Esquema imagético da preposição <i>com</i>	138
Figura 23: Traços semântico e sintático comuns às partículas <i>mais/e/com</i>	158
Figura 24: Papel θ do com-DP num esquema <i>continuum</i>	159

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados coletados do português afro-brasileiro	55
Tabela 2: Cômputo geral das sentenças	99
Tabela 3: O <i>mais comitativo</i> segundo a variável <i>faixa etária</i> no PPI	104
Tabela 4: O <i>mais comitativo</i> segundo a variável <i>urbanização</i> no PPI.....	105
Tabela 5: O <i>mais comitativo</i> segundo a variável <i>município</i> no PPI.....	106
Tabela 6: O <i>mais comitativo</i> segundo a variável <i>estada na comunidade</i> no PPI.....	107
Tabela 7: O <i>mais comitativo</i> segundo a variável <i>função do com-DP</i> no PPI.....	108
Tabela 8: O <i>mais comitativo</i> segundo a variável <i>estrutura do com-DP</i> no PPI.....	109
Tabela 9: O <i>mais comitativo</i> segundo a variável <i>referencialidade</i> no PPI.....	109
Tabela 10: O <i>mais comitativo</i> segundo a variável <i>naturalidade</i> no PPC	111
Tabela 11: O <i>mais comitativo</i> segundo a variável <i>nível de exposição à mídia</i> no PPC	112
Tabela 12: O <i>mais comitativo</i> segundo a variável <i>rede de relações</i> no PPC.....	112
Tabela 13: O <i>mais comitativo</i> segundo a variável <i>função do com-DP</i> no PPC.....	113
Tabela 14: O <i>mais coordenador</i> segundo a variável <i>urbanização</i> no PPI	114
Tabela 15: O <i>mais coordenador</i> segundo a variável <i>município</i> no PPI	115
Tabela 16: O <i>mais coordenador</i> segundo a variável <i>escolaridade</i> no PPI.....	116
Tabela 17: O <i>mais coordenador</i> segundo a variável <i>estada na comunidade</i> no PPI.....	116
Tabela 18: O <i>mais coordenador</i> segundo a variável <i>função dos DPs</i> no PPI	117
Tabela 19: O <i>mais coordenador</i> segundo a variável <i>estrutura do primeiro DP</i> no PPI	119
Tabela 20: O <i>mais coordenador</i> segundo a variável <i>estrutura do segundo DP</i> no PPI.....	120
Tabela 21: O <i>mais coordenador</i> segundo a variável <i>rede de relações</i> no PPC.....	120
Tabela 22: O <i>mais coordenador</i> segundo a variável <i>naturalidade</i> no PPC.....	121
Tabela 23: O <i>mais coordenador</i> segundo a variável <i>função dos DPs</i> no PPC	122
Tabela 24: A função do com-DP no PPI e no PPC.....	171

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Propriedades específicas das conjunções e das preposições	24
Quadro 2: Características da partícula <i>com</i>	28
Quadro 3: Características da partícula <i>mais</i>	32
Quadro 4: Comitativo e coordenadores em línguas europeias e nigero-congolesas	43
Quadro 5: Padrão gramatical para comitativo e coordenadores no PB	44
Quadro 6: Restrições sintáticas e semânticas do <i>mais</i> no português afro-brasileiro.....	58
Quadro 7: Comparação entre os principais pressupostos variacionistas e gerativistas	76
Quadro 8: As variáveis dependentes e suas variantes	91
Quadro 9: Delimitação das entrevistas de fala vernácula.....	94
Quadro 10: Variáveis sociais independentes	95
Quadro 11: Variáveis linguísticas independentes na subordinação(<i>com</i>)	96
Quadro 12: Variáveis linguísticas independentes na coordenação entre DPs	97
Quadro 13: Os acarretamentos/propriedades de Caçado (2005).....	147

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Grau de urbanização dos municípios segundo dados do IBGE.....	106
Gráfico 2: A variante <i>mais</i> na subordinação(<i>com</i>) segundo a <i>faixa etária</i>	111
Gráfico 3: A variante <i>mais</i> na coordenação entre DPs segundo a <i>faixa etária</i>	122

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AdjP	<i>Adjective Phrase</i> , Sintagma Adjetival
AdvP	<i>Adverbial Phrase</i> , Sintagma Adverbial
Art.	Artigo
Art. def.	Artigo definido
Art. indef.	Artigo indefinido
BA	Bahia
CEC	Condição da Estrutura Coordenada
CJ	Cajazeiras
com-DP	Sintagma Nominal introduzido pela preposição <i>com</i>
compl.	Complemento
coord.	Coordenação
CP	<i>Complementizer Phrase</i> , Sintagma Complementizador
CZ	Cinzento
D	Determinante
DP	<i>Determiner Phrase</i> , Sintagma Nominal
esp.	Espanhol
Ex.	Exemplo
FA	Feira de Santana
FR	Feira de Santana rural
FS	Feira de Santana sede
HV	Helvécia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ing.	Inglês
IP	<i>Inflectional Phrase</i> , Sintagma Flexional
IT	Itapuã
LB	Liberdade
LP	Língua Portuguesa
L2	Segunda Língua
N	Nome
papel θ	Papel temático/semântico
PB	Português Brasileiro

PL	Plataforma
PO	Poções
port.	Português
poss.	Possessivo
PP	<i>Prepositional Phrase</i> , Sintagma Preposicional
PPB	Português Popular Brasileiro
PPC	Português Popular da Capital
PPI	Português Popular do Interior
Prep.	Preposição
RC	Rio de Contas
SA	Santo Antônio de Jesus
SP	Sapé
SR	Santo Antônio de Jesus rural
SS	Santo Antônio de Jesus sede
Suj-DP	Sintagma Nominal com função de Sujeito
Tab.	Tabela
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
V	Verbo
VP	<i>Verbal Phrase</i> , Sintagma Verbal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1 CARACTERIZAÇÃO DAS PARTÍCULAS E DAS CONSTRUÇÕES SINTÁTICAS ENVOLVIDAS COM O FENÔMENO EM ESTUDO	22
1.1 AS PARTÍCULAS: PREPOSIÇÃO, CONJUNÇÃO E ADVÉRBIO.....	22
1.1.1 A preposição <i>com</i>	26
1.1.2 A conjunção coordenativa aditiva <i>e</i>	28
1.1.3 O advérbio <i>mais</i>	29
1.2 A SUBORDINAÇÃO E A COORDENAÇÃO	34
2 O USO VARIÁVEL DO MAIS CONECTOR.....	42
2.1 O MAIS CONECTOR: DA ÁFRICA PARA O BRASIL?.....	42
2.2 O MAIS CONECTOR: A VARIAÇÃO NO PORTUGUÊS POPULAR BAIANO	53
2.2.1 O <i>mais</i> conector no português afro-brasileiro (GOMES, 2014).....	54
2.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO	60
2.3.1 A perspectiva de análise variacionista: objetivo e hipóteses	60
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	63
3.1 A DIVERSIDADE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NA PERSPECTIVA DA POLARIZAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA	64
3.2 A SOCIOLINGUÍSTICA PARAMÉTRICA.....	70
3.2.1 Teoria da Gramática e Sociolinguística Variacionista: um diálogo possível	71
3.2.2 Perfil sociocultural das comunidades de fala	77
3.2.2.1 <i>Comunidades rurais afrodescendentes</i>	78
3.2.2.2 <i>Outras comunidades do interior do Estado</i>	83
3.2.2.3 <i>Comunidades da capital Salvador</i>	86
3.2.3 O <i>corpus</i> e o tratamento dos dados	91
3.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO	99

4 A ANÁLISE VARIACIONISTA	102
4.1 A SUBORDINAÇÃO(COM)	103
4.1.1 Variação <i>mais/com</i> no português popular do interior da Bahia	103
4.1.1.1 <i>Faixa etária</i>	104
4.1.1.2 <i>Urbanização e município</i>	105
4.1.1.3 <i>Estada na comunidade</i>	106
4.1.1.4 <i>Função do com-DP</i>	107
4.1.1.5 <i>Estrutura e referencialidade do com-DP</i>	108
4.1.2 Variação <i>mais/com</i> no português popular da capital Salvador	110
4.1.2.1 <i>O contexto social para a variação <i>mais/com</i> em Salvador</i>	110
4.1.2.2 <i>Função do com-DP</i>	112
4.2 A COORDENAÇÃO ENTRE DPs	113
4.2.1 Variação <i>mais/e</i> no português popular do interior da Bahia	114
4.2.1.1 <i>Urbanização</i>	114
4.2.1.2 <i>O contexto social para a variação <i>mais/e</i> no interior</i>	115
4.2.1.3 <i>Função dos DPs coordenados</i>	117
4.2.1.4 <i>Estrutura dos DPs coordenados</i>	118
4.2.2 Variação <i>mais/e</i> no português popular da capital Salvador	120
4.2.2.1 <i>Rede de relações e naturalidade do informante</i>	120
4.2.2.2 <i>Faixa etária</i>	121
4.2.2.3 <i>Função e estrutura dos DPs</i>	122
4.3 A TRAJETÓRIA DO <i>MAIS</i> CONECTOR NO PORTUGUÊS POPULAR BAIANO	123
4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO	126
5 OS ASPECTOS FORMAIS: QUESTÕES E PROPOSTAS DE ANÁLISE.....	130
5.1 A ALTERNÂNCIA ESTRUTURAL E A QUESTÃO DA SIMETRIA ENTRE DPs	133
5.1.1 Comitativo e predicados simétricos.....	136
5.1.2 A perspectiva estrutural	143
5.1.3 A perspectiva semanticista	145
5.2 SÍNTESE DO DEBATE TEÓRICO E QUESTÕES FORMAIS	151
5.3 PROPOSTAS DE ANÁLISE FORMAL	155
5.3.1 Os traços do <i>mais</i> conector	156

5.3.2 <i>Continuum</i> de simetria entre o Suj-DP e o com-DP.....	159
5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO	163
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	166
REFERÊNCIAS.....	173

INTRODUÇÃO

Esta tese pretende dar continuidade à descrição do Português Popular Brasileiro (PPB) através da análise do uso do advérbio *mais* como conector¹, implicando uma mudança em suas propriedades funcionais. No português popular do Estado da Bahia, o *mais* é empregado como conector em dois contextos sintáticos: em subordinação(*com*)², variando com a preposição *com*, como em (1a); e em coordenação entre DPs³, variando com a conjunção aditiva *e* e com o coordenador-comitativo *com*, como em (2a). O uso de um mesmo elemento exercendo funções de partícula comitativa e coordenativa entre DPs se verifica em línguas africanas, pidgins e crioulas, assim como no português falado como segunda língua (L2) em comunidades africanas.

A subordinação e a coordenação são procedimentos gramaticais de formação de unidades complexas. A subordinação ou hipotaxe (*hypo-* do grego = em baixo de, sob) estabelece uma relação de desigualdade, hierarquizando os termos. De outro modo, a coordenação ou parataxe (*para-* do grego = ao lado de) relaciona termos frásticos e não frásticos sem estabelecer hierarquia entre eles. Essa postura teórica é adotada neste estudo.

Tenho chamado de *alternância coordenativa-subordinativa(com)* a alternância sintática entre as estruturas coordenada e subordinada, considerando a expressão do conjunto de elementos [DP₁, DP₂, V, conector] e o significado global das sentenças derivadas a partir dessas formas. Nesse fenômeno, os DPs ora aparecem descontínuos, como em (1), ora aparecem contínuos, como em (2), e o conector pode ser expresso pelas formas *mais/e/com*.

(1) a. João casou-viajou *mais/com* Maria.⁴

b. [DP₁ V conector DP₂]

¹ Sempre que houver referência ao *mais* conector, estou considerando seu uso como partícula comitativa e como coordenador entre DPs, uma vez que *conector* tem o significado de “ligar termos entre si”.

² Sempre que houver referência à estrutura *subordinada*, estou considerando a possibilidade de uma realização comitativa ou com predicado simétrico. Na seção 5.1.1 apresento os pontos em comum e faço a distinção entre as duas categorias. A redação “subordinação/subordinada(*com*)” indica que a subordinação é realizada pela preposição *com* ou por sua variante *mais*, no português popular.

³ Neste trabalho, adoto a nomenclatura da teoria gerativa para fazer referência aos sintagmas. Ver *Lista de abreviaturas e siglas*.

⁴ Sempre que não houver referência a outros autores, os exemplos são meus.

(2) a. João *mais/e/com* Maria casaram-viajaram.

b. [DP₁ *conector* DP₂ V]

O objeto de estudo desta pesquisa, o *mais* conector, é analisado a partir de duas propostas: a **Sociolinguística** e a **Teoria da Gramática**, colocando esta tese na intersecção de duas áreas, descritiva e teórico explicativa. No Brasil, os estudos que buscam combinar a Sociolinguística Variacionista e a Gramática Gerativa para os estudos de variação/mudança tem sido denominada de **Sociolinguística Paramétrica**. Sendo assim, tenho um duplo objetivo: i) descrever os condicionamentos sociais e linguísticos da variante *mais* em diferentes contextos (variedades rurais, rurbanas⁵ e urbanas) a fim de estabelecer a trajetória do fenômeno *mais* conector no cenário sociolinguístico do português popular do Estado da Bahia, na esteira de um *continuum* (BORTONI-RICARDO, 2004; LUCCHESI, 2015) que recobre das variedades *mais* isoladas e afetadas pelo contato entre línguas até a variedade linguística da capital Salvador; ii) explicar que traços do advérbio *mais* podem ter licenciado seu uso como conector no português popular baiano e explicar a relação semântica entre o Suj-DP e o com-DP na construção comitativa.

Em um primeiro momento, pretendo dar continuidade à pesquisa variacionista iniciada no Mestrado (GOMES, 2014), sob orientação da Profa. Dra. Cristina Figueiredo e co-orientação do Prof. Dr. Alan Baxter, sobre o uso variável do *mais* conector no português afro-brasileiro, que estaria em um extremo do *continuum* de normas linguísticas no português popular baiano. A escolha desse universo de observação decorreu da premissa de que, se o contato interferiu na formação do PPB, a variedade denominada *português afro-brasileiro* (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009) seria aquela em que os efeitos desse processo seriam mais notáveis. As comunidades estudadas são constituídas majoritariamente por descendentes diretos de africanos escravizados e, pelo relativo isolamento em que se conservaram até recentemente, podem exibir reflexos mais notáveis de processos de mudança resultantes do contato entre línguas.

Buscando apresentar novas evidências para relacionar a formação do português popular ao contato entre línguas, a investigação do *mais* conector foi norteada pela hipótese de que a ampliação das funções do *mais* é uma mudança induzida pelo contato entre a Língua Portuguesa (LP) e línguas africanas na formação do Português Brasileiro (PB). A verificação empírica dessa hipótese foi feita por meio do instrumental metodológico da Sociolinguística para identificar os condicionamentos sociais e linguísticos do fenômeno variável e uma leitura

⁵ Conforme Bortoni-Ricardo (2004).

qualitativa dos dados probabilísticos em uma perspectiva Sociolinguística Paramétrica. Em minha Dissertação de Mestrado (GOMES, 2014), propus que o advérbio *mais* teria sido relexificado⁶ e gramaticalizado como um conector. Mas algumas questões sócio-históricas e formais ainda precisavam ser respondidas, então dei continuidade à investigação do fenômeno na pesquisa de doutoramento.

Na dimensão sócio-histórica, visando a pesquisa ora apresentada, constituí uma amostra para recobrir a diversidade do português popular falado no Estado da Bahia, buscando descrever os condicionamentos sociais e linguísticos para o *mais* conector no *português popular do interior* (PPI) e no *português popular da capital* (PPC). Partindo dos resultados obtidos, e retomando o trabalho sobre o *português afro-brasileiro*, busco descrever a trajetória do *mais* conector no português popular baiano.

As entrevistas que constituem a base empírica desta pesquisa pertencem a dois grandes projetos sociolinguísticos. O projeto *Vertentes do Português popular do Estado da Bahia* vincula-se ao Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e é coordenado pelo Prof. Dr. Dante Lucchesi e pelo Prof. Dr. Gredson dos Santos. Pertencem ao seu acervo os inquéritos das comunidades afrodescendentes, de Poções, de Santo Antônio de Jesus e de Salvador. O projeto *A língua portuguesa do semiárido baiano* está sediado no Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), foi criado em 1998 e é coordenado pela Profa. Dra. Norma Lúcia Almeida e pela Profa. Dra. Zenaide Carneiro. As amostras de fala de Feira de Santana fazem parte de seu acervo.

O *corpus* do PPI e do PPC é composto de 120 entrevistas com informantes estratificados em três faixas etárias, de ambos os sexos e com baixa ou nenhuma escolaridade. Foram coletados um total de 2.370 dados que foram submetidos ao método da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1975]; LABOV, 1982, 1994, 2008[1972]).

Parto da mesma hipótese estabelecida em pesquisa anterior, a de que o *mais* conector resulta do contato linguístico e pode ser uma evidência de que as línguas africanas teriam afetado o PB, portanto, seu uso como partícula comitativa e coordenativa entre DPs deve ser mais evidente no português afro-brasileiro enquanto esse percentual deve cair gradualmente até o outro extremo do *continuum*, a norma urbana da capital.

No segundo momento, tenho o propósito de refletir sobre a mudança na partícula *mais*, buscando investigar algumas questões formais. A teoria linguística adotada para tratar do

⁶ A partir do conceito de *relexificação* de Lefebvre (1998; 2001) e Lefebvre e Lumsden (1994).

fenômeno investigado é o arcabouço gerativista. A discussão sobre o estatuto das estruturas subordinadas(*com*) e coordenadas é motivada, principalmente, pelo fato de que no PB, há a possibilidade de apenas um elemento gramatical atuar nessas duas operações. Esse fato pode lançar luz sobre os aspectos formais dessas construções, que envolvem mais de um participante em um evento. Assim como ocorre no português popular baiano, em outras línguas essas duas relações são realizadas por um mesmo marcador.

Diversos trabalhos têm tratado sobre construções de subordinação(*com*) e coordenação a fim de investigar a aproximação entre elas. Argumentando em favor de uma sinonímia estrutural estão trabalhos como os de Fillmore (1968), Lakoff e Peters (1969) e Kayne (1994), partindo do pressuposto de que em algum momento da derivação o Suj-DP e o com-DP podem ter formado um único constituinte, tendo em vista uma estrutura sintática em que os DPs aparecem coordenados, contínuos, derivar a outra cujos DPs aparecem descontínuos. O problema com propostas dessa natureza é a Condição da Estrutura Coordenada (CEC) formulada por Ross (1967), que restringe determinados movimentos dos termos coordenados.

Por outro lado, alguns estudos consideram o Suj-DP e o com-DP constituintes gerados em posições estruturais diferentes. Pela hipótese de nunca terem formado um único constituinte, não há o problema de violação da CEC, mas surge uma problemática importante que não pode ser ignorada: como conciliar essa visão com o Critério θ , postulado por Chomsky (1981), segundo o qual os DPs não podem receber o mesmo papel θ oriundo do mesmo argumento? A atribuição temática tem a ver com a posição de s-seleção do argumento, e não com a posição linear, portanto, a função semântica deve ser definida logo no início da derivação, antes de qualquer movimento de constituinte. Trabalhos como o de Dowty (1991), Wachowicz e Frutos (2010), Cançado (2005) e Godoy (2008, 2010) tentam demonstrar que os argumentos descontínuos de predicados simétricos não possuem total simetria semântica a partir de uma concepção de papéis θ como um conjunto de acarretamentos lexicais, diferente do modelo chomskiano.

Apesar de partir de uma questão mais geral, a alternância estrutural coordenativa-subordinativa(*com*), direciono a investigação para a associação semântica entre os argumentos da estrutura comitativa e sugiro que o grau de simetria entre o Suj-DP e o com-DP pode ser total ou parcial, em uma escala contínua. Para explicar os traços do *mais* conector, proponho que a manutenção do traço semântico <INCLUSÃO> e do traço sintático <RELACIONAL>, no processo de gramaticalização, tenha licenciado o uso do advérbio *mais* como uma partícula de conexão.

Este trabalho encontra-se dividido em cinco capítulos, além desta introdução, das considerações finais gerais e das referências.

No **Capítulo 1**, como o próprio título sugere, apresento uma *caracterização das partículas e das construções sintáticas envolvidas com o fenômeno em estudo*, tendo como foco as partículas *mais/e/com* na perspectiva da tradição gramatical e de trabalhos de orientação descritiva (seção 1.1). É importante observar que a realização do advérbio *mais* como conector não é prescrita em gramáticas normativas, sendo um uso atribuído à linguagem popular. Ainda no primeiro capítulo apresento os mecanismos de formação de estruturas complexas, a subordinação e a coordenação, contextos em que o *mais* conector pode ocorrer (seção 1.2). Como é possível perceber, o Capítulo 1 está voltado para aspectos formais das partículas e dos processos sintáticos em que ocorrem. Optei por apresentar esse texto logo no início a fim de introduzir o tema.

Os capítulos de 2 a 4 tratam dos **aspectos sociolinguísticos do objeto de estudo** e têm como preocupação principal descrever e analisar a variação do *mais* conector no português popular baiano. O **Capítulo 2** aborda *o uso variável do 'mais' conector*, mostrando que o uso de um elemento como introdutor de constituinte comitativo e coordenador entre DPs é encontrado em línguas faladas na África, mas não é um padrão nas línguas europeias (seção 2.1). Apresento ainda uma descrição do fenômeno investigado no universo do português afro-brasileiro, inserido entre as variedades do português popular baiano (seção 2.2). Por fim, são feitas as considerações finais parciais (seção 2.3) com a delimitação do objetivo e hipóteses da primeira etapa da pesquisa.

O **Capítulo 3** apresenta os *pressupostos teórico-metodológicos* que norteiam a condução deste trabalho. Em um primeiro momento, trato da formação histórica do PB fazendo uma exposição das teorias que considero fundamentais para a compreensão de como o PB se formou e de como se caracteriza atualmente (seção 3.1). Em um segundo momento, apresento a perspectiva de interpretação e análise dos dados, a Sociolinguística Paramétrica, bem como o método variacionista adotado, a saber, a descrição do *corpus* e dos dados coletados, das comunidades de fala, das variáveis e das variantes delimitadas (seção 3.2). As considerações finais parciais fecham o capítulo (seção 3.3).

O **Capítulo 4** é dedicado à *análise variacionista*, no que diz respeito ao encaixamento social e linguístico do fenômeno *mais* conector. Faço uma descrição dos condicionamentos para as variantes *mais/com* e *mais/e* nos dois contextos investigados: subordinação(*com*) (seção 4.1) e coordenação entre DPs (seção 4.2), tanto no PPI quanto no PPC. Com base na análise desses condicionamentos, procuro mostrar a trajetória do *mais* conector no português popular baiano

num *continuum* de variedades que abarca do português afro-brasileiro ao PPC, passando pelas variedades não marcadas etnicamente do interior do Estado da Bahia (seção 4.3). Nesse capítulo busco apresentar novas evidências para relacionar a formação do português popular do Brasil ao contato entre línguas. O capítulo é encerrado com uma síntese da análise variacionista (seção 4.4).

O Capítulo 5 tem como foco os **aspectos formais do objeto de estudo** e visa oferecer uma explicação formal sobre o tema. Inicialmente defino o fenômeno que tenho chamado de *alternância estrutural coordenativa-subordinativa(com)* e aponto alguns aspectos importantes sobre *a questão da simetria entre DPs*. Apresento os conceitos de comitativo e predicados simétricos, além de algumas propostas para explicar a associação entre as estruturas coordenadas e subordinadas(*com*), discutidas nos moldes de um modelo mais antigo da gramática gerativa, numa perspectiva estrutural, e em pesquisas semanticistas mais recentes (seção 5.1). Em seguida, faço uma síntese das propostas discutidas e delimito as questões formais investigadas na pesquisa (seção 5.2). Finalmente, apresento as *propostas de análise formal* para cada um dos questionamentos delimitados: os traços do *mais* conector e o *continuum* de simetria entre o Suj-DP e o com-DP (seção 5.3). Encerro o capítulo de análise formal com as considerações finais parciais (seção 5.4).

1 CARACTERIZAÇÃO DAS PARTÍCULAS E DAS CONSTRUÇÕES SINTÁTICAS ENVOLVIDAS COM O FENÔMENO EM ESTUDO

Este primeiro capítulo tem o objetivo de apresentar as principais características das partículas envolvidas nos fenômenos variáveis investigados neste estudo (seção 1.1), assim como os processos sintáticos de subordinação e coordenação (seção 1.2). Os aspectos destacados nas seções deste capítulo são fundamentais para o entendimento da proposta de análise formal sugerida no Capítulo 5.

1.1 AS PARTÍCULAS: PREPOSIÇÃO, CONJUNÇÃO E ADVÉRBIO

Na tradição normativa, a preposição, a conjunção e o advérbio são tratados separadamente, em seções específicas para cada uma dessas categorias (CUNHA; CINTRA, 1985; ALMEIDA, 2005). Mas esse tratamento distanciado parece inadequado. As conjunções subordinativas compartilham com as preposições a mesma característica de relacionar termos em níveis hierarquicamente diferentes, e as conjunções coordenativas relacionam termos quando não há uma hierarquia entre eles. O tipo de processo sintático (subordinação ou coordenação) divide a categoria conjunção. Outro aspecto diz respeito ao uso conjuncional da preposição *com*, na chamada coordenação comitativa. Na tradição gramatical aborda-se o elemento *com* na seção das preposições e alguma menção ao valor conjuncional de *com* é feito na seção sobre concordância verbal.

Tendo em vista essas nuances, adoto aqui o procedimento de trabalhos de orientação descritiva e linguística, preferindo tratar das partículas na mesma seção, detalhando as propriedades gerais que as assemelham e as distinguem. Em seguida, apresento especificamente as partículas investigadas neste trabalho *mais/e/com*.

De acordo com Bosque e Demonte *et. al.* (1999:567), a preposição, a conjunção e o advérbio são incluídos na mesma classe de partículas⁷ devido a uma série de características comuns. Em primeiro lugar, são elementos invariáveis. O advérbio não possui marcas de concordância, e esse aspecto o aproxima das preposições e das conjunções. Em segundo lugar, as partículas estabelecem relações entre orações ou partes da oração. Além disso, introduzem complemento de verbo ou complemento circunstancial (adjunto).

⁷ A categoria das partículas é definida por oposição à categoria das palavras que se flexionam e estabelecem concordância de gênero, número, pessoa, tempo, modo e aspecto.

Por outro lado, cada um desses tipos de partículas possui suas próprias características. A preposição estabelece relação de modificação ou subordinação entre dois constituintes podendo operar abaixo do nível da oração. A conjunção é híbrida tanto no que diz respeito aos tipos de categoria que pode coordenar quanto ao tipo de processo sintático em que ocorre. O advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outros advérbios ou mesmo toda a oração⁸, e, diferentemente da preposição e da conjunção, não introduz um segundo termo relacionado, mas contém, em um único termo, o valor relacional encontrado naquelas partículas (BOSQUE; DEMONTE *et. al.*, 1999:567).

A tradição gramatical faz pensar que é fácil apontar um elemento como **preposição**. Geralmente, apresenta-se um rol de preposições da língua, diferenciando-se apenas as essenciais das acidentais, as simples das locuções prepositivas. Nessa perspectiva, as preposições essenciais simples constituem uma classe fechada: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás* (CUNHA; CINTRA, 1985; ALMEIDA, 2005). No entanto, em um estudo sobre as preposições no português e no alemão, Carvalho afirma que:

A categoria das preposições, apesar de não ser tão aberta como a dos substantivos, ou a dos verbos, oferece dificuldades quanto à delimitação de seus componentes. O caráter relacional que possuem faz com que elas compartilhem certas semelhanças com os advérbios e as conjunções, além de permitir que palavras de outras categorias e agrupamentos de palavras também possam exercer a função de uma preposição. (CARVALHO, 2001:14)

Sobre a relação de semelhança e diferença entre preposição e conjunção, Carvalho afirma que:

As preposições compartilham com as conjunções o traço semântico “relacional”, a diferença estando no tipo de relação e na natureza do complemento. A relação de subordinação estabelecida, ao mesmo tempo que aproxima as preposições das conjunções subordinadas, pode ser usada como critério para separar as preposições das conjunções coordenadas, pois estas estabelecem uma relação entre níveis iguais, na qual os dois elementos são colocados em posições paralelas. Quanto ao complemento, enquanto as preposições exigem um elemento nominal, as conjunções subordinadas requerem um elemento verbal e as coordenadas aceitam ambos. (CARVALHO, 2001:22)

Sintaticamente, as **conjunções coordenativas** podem relacionar diferentes tipos de categorias, desde que sejam equivalentes, ou seja, hierarquicamente iguais. Elas são

⁸ Alguns advérbios podem modificar toda a oração, como nas sentenças: “*Infelizmente*, as providências tomadas foram insuficientes” e “Refazemos os contratos da empresa *anualmente*”.

classificadas quanto ao tipo de relação que expressam, podendo ser aditiva, adversativa, alternativa, explicativa e conclusiva.

Quando há hierarquia entre os termos relacionados, o conector é uma preposição ou uma conjunção subordinativa. De acordo com Bosque e Demonte *et. al.* (1999:567) as preposições estabelecem relação entre dois constituintes: o primeiro deles pode ser um núcleo ou um sintagma, o segundo geralmente é um nome, mas também pode ser uma oração infinitiva ou uma oração introduzida pela conjunção *que*. Já as conjunções subordinativas relacionam uma oração a outra, ou uma oração ao elemento de outra oração.

Apesar de compartilharem o traço sintático relacional, a conjunção coordenativa, a conjunção subordinativa e a preposição possuem propriedades específicas distintas, como é possível observar no Quadro 1 que se segue:

Quadro 1: Propriedades específicas das conjunções e das preposições

	RELAÇÃO SINTÁTICA ENTRE OS ELEMENTOS VINCULADOS		CATEGORIA GRAMATICAL DO TERMO	
	Coordenação	Subordinação	Oração	Constituinte inferior à oração
Conjunção coordenativa	+	-	+	+
Conjunção subordinativa	-	+	+	-
Preposição	-	+	+	+

Fonte: Bosque e Demonte *et. al.* (1999:622)

Quanto à semelhança entre essas partículas e os **advérbios**, Bosque e Demonte *et. al.* (1999:567) elencam os seguintes aspectos: i) são invariáveis, ii) introduzem complemento de verbo ou complemento circunstancial, e iii) possuem o traço relacional. Esse último aspecto é bastante relevante para uma das propostas de análise desta pesquisa, conforme seção 5.3.1. Além disso, esses autores consideram que alguns advérbios possuem características semânticas e sintáticas que os assemelham às preposições.

O grupo que temos denominado ‘advérbios nominais’ está integrado, em primeiro lugar, pelos advérbios locativos *em cima, debaixo, diante, atrás, dentro, fora, em frente, ao redor, perto e longe* e, em segundo lugar, pelos temporais *antes e depois*. Todos eles possuem características que os relacionam com as preposições (...)⁹. (BOSQUE; DEMONTE *et. al.*, 1999) (Tradução minha)

⁹ “El grupo de los que hemos denominado ‘adverbios nominales’ está integrado, en primer lugar, por los adverbios locativos *encima, debajo, delante, detrás, dentro, fuera, enfrente, alrededor, cerca y lejos* y, en segundo lugar,

Bosque e Demonte *et. al.* (1999:600) explicam que a semelhança semântica está em veicular as mesmas ideias de espaço e tempo. Sintaticamente, os advérbios nominais são acompanhados de complemento, como as preposições, e diferentemente de outros tipos de advérbios locativos (*aqui, ali, acima, abaixo*) e temporais (*agora, amanhã*).

De outra forma, alguns advérbios se comportam como conectores estabelecendo um nexos semântico entre constituintes. De acordo com Moura Neves (2000) os advérbios juntivos são anafóricos, pois ocorrem em uma oração ou sintagma referindo-se a um elemento mencionado anteriormente. São exemplos de advérbios juntivos *porém, portanto, contudo*, dentre outros elementos tradicionalmente tratados como conjunções.

Por sua vez, Carvalho (2001) apresenta algumas formas de diferenciar as categorias preposição e advérbio. A autora ressalta que há alguns advérbios regentes de preposição (perto *de*, relativamente *a*, etc.), e isso é possível porque há alguma diferença entre essas categorias. Para a autora, uma forma de identificar um termo como advérbio ou preposição é em relação ao deslocamento do complemento. As preposições só podem ser movidas juntamente com seu complemento, como em (1).

(1) PREPOSIÇÃO¹⁰

- a. Você saiu *com* quem?
- b. *Com* quem você saiu?
- c. *Quem você saiu *com*?

Vale ressaltar que esse critério pode se aplicar aos advérbios. Se houver um complemento, ele deve ser movido juntamente com o advérbio ao qual se liga, como em (2):

- (2) a. Ele vai prender o suspeito *independentemente das consequências*.
- b. *Independentemente das consequências*, ele vai prender o suspeito.
- c. **Independentemente*, ele vai prender o suspeito *das consequências*.

por los temporales antes y después. Todos ellos poseen características que los relacionan com las preposiciones (...)"

¹⁰ A numeração dos exemplos reinicia a cada novo capítulo.

Outra característica apontada por Carvalho (2001) para distinguir as duas categorias é a presença obrigatória do complemento no caso da preposição, mas não no caso do advérbio, como em (3c).

(3) ADVÉRBIO

- a. Vou fazer o dever *depois* do banho.
- b. Vou tomar banho, *depois* vou fazer o dever.
- c. Vou fazer o dever *depois*.

(CARVALHO, 2001:29)

Feitas essas considerações gerais, a seguir são apresentadas as partículas que interessam a esta investigação: *mais/e/com*.

1.1.1 A preposição *com*

A preposição *com* pode indicar diversas relações semânticas, como adição, associação, companhia, simultaneidade, e, em certos contextos, meio, modo, causa e concessão conforme aponta a tradição gramatical (CUNHA; CINTRA, 1985; ALMEIDA, 2005). Na perspectiva dos papéis temáticos, uma proposta gerativa, Cavalcante, Gomes e Figueiredo (2018) mostram que pelo menos onze contribuições semânticas podem ser associadas a *com*: agente, instrumento, causa/causador, objetivo/objeto de referência, tema, paciente, beneficiário, posse, estado mental, companhia e tempo, conforme exemplificado na seção 5.1.3.

Sintaticamente, a preposição pode ser empregada em duas situações subordinantes: pode introduzir um termo acessório ou um termo integrante. Em (4a) *com Pedro* é tradicionalmente considerado um adjunto adverbial de companhia e em (4b) *com você* um complemento oblíquo.

- (4) a. Viajei *com* Pedro.
 b. Concordo *com* você.

(CUNHA; CINTRA, 1985:545)

A ideia básica de companhia veiculada pela preposição *com* é mais intensa no primeiro exemplo. Os autores afirmam que, no segundo exemplo, o conteúdo significativo da preposição se esvai em favor da função relacional pura. Isso porque a construção *concordar + com* já está

fixada no idioma. Em casos como esses, costuma-se considerar a preposição apenas como um elo sintático, funcional. Entretanto, os autores salientam que:

(...) as relações sintáticas que se fazem por intermédio de preposição obrigatória selecionam determinadas preposições exatamente por causa do seu significado básico. Assim, o verbo *concordar* elege a preposição *com* em virtude das afinidades que existem entre o sentido do próprio verbo e a ideia de “associação” inerente a *com*. (CUNHA; CINTRA, 1985:546)

A contribuição semântica primitiva de *com* parece ser relevante, mesmo quando seu uso é considerado gramatical.

A gramática gerativa distingue as preposições em lexicais e funcionais. Considera-se *com* uma preposição lexical em (4a) porque atribui caso e papel θ ao argumento que introduz, e uma preposição funcional em (4b) por atribuir apenas caso à categoria DP. O papel θ , nesse contexto, é atribuído pelo predicado verbal ao seu argumento. A pesquisa realizada neste trabalho mostra que há variação entre *com* e *mais* independente de introduzir argumento ou adjunto de V.

Ao tratar do valor sintático-semântico de algumas preposições, Mira Mateus *et. al.* (2003:397) afirmam que o valor comitativo da preposição *com* “afecta a interpretação do predicado verbal, uma vez que as frases podem ser parafraseadas por coordenação e por construções que exprimem reciprocidade”.

- (5) a. Eu dancei *com* a Maria.
 b. A Maria dançou *comigo*.
 c. Eu *e* a Maria dançámos.
 d. Eu e a Maria dançámos um *com* o outro.

(MIRA MATEUS *et. al.*, 2003:398)

São objeto de investigação neste trabalho as estruturas em (5a) e (5c). Nas sentenças subordinadas, em (a) e (b), os termos introduzidos pela preposição parecem ter o mesmo valor semântico dos DPs sujeitos, pois o conteúdo semântico expresso por todas as sentenças em (5) parece ser o mesmo. Essa possível sinonímia levanta uma questão: as formas subordinadas e coordenadas configuram um caso de variação sintática, duas possibilidades na língua disponíveis para o falante dizer exatamente a mesma coisa? Ou a posição sintática dos DPs descontínuos indica estatutos semânticos diferentes? Essa é uma das questões formais discutida neste trabalho, abordada oportunamente no Capítulo 5.

Finalizo esta subseção apresentando as funções elencadas por Bagno (2012) para a partícula *com*. Para o estudo ora realizado, é interessante apenas o valor sintático relacional e os valores semânticos como companhia, comparação, simultaneidade, adição, e afins, desprezando-se valores semânticos como meio, instrumento, matéria, etc.

Quadro 2: Características da partícula *com*

<p>1 PREPOSIÇÃO</p> <p>1.1 companhia, acompanhamento, reunião, em companhia de</p> <p>1.2 acordo ou desacordo, em conformidade (ou inconformidade) com</p> <p>1.3 relações interpessoais diversas (afeto, adversidade, aproximação, união, oposição, etc.)</p> <p>1.4 meio ou instrumento, por meio de</p> <p>1.5 comparação</p> <p>1.6 condição de vantagem ou desvantagem</p> <p>1.7 matéria de um conteúdo, ou de uma parte ou de um acessório</p> <p>1.8 adição ou adjunção; além de</p> <p>1.9 sensação ou padecimento</p> <p>1.10 matéria</p> <p>1.11 modo de ser ou de agir</p> <p>1.12 estado de espírito</p> <p>1.13 processo, relação simultânea, concomitante com, perto de, junto de</p> <p>1.14 finalidade, objetivo, propósitos</p> <p>1.15 oposição, contraste ou restrição, malgrado, apesar de</p>
<p>2 EMPREGADO COM VALOR ADVERBIAL, PODE TER O SINTAGMA INTRODUZIDO PELO <i>COM</i></p> <p>2.1 equivalente a um gerúndio</p> <p>2.2 equivalente a um advérbio em -mente</p>

Fonte: Bagno (2012:862-863).

1.1.2 A conjunção coordenativa aditiva *e*

A partícula *e* é considerada uma conjunção copulativa/aditiva. Relaciona termos do mesmo nível hierárquico, ou seja, de mesma função sintática. Por ser mais neutra que outros coordenadores, pode associar elementos de diferentes categorias (BOSQUE; DEMONTE *et al.*, 1999; MOURA NEVES, 2000; MATOS, 2003; AZEREDO, 2008; BECHARA, 2009).

Nos exemplos que seguem, é possível observar a conjunção *e* coordenando categorias abaixo do nível sintagmático (6a) e no nível dos sintagmas: nominal, verbal, adverbial, preposicional e adjetival (6b-f).

- (6) a. Aquele homem tem [quarenta e cinco] anos.
 b. [João e Maria] saíram.
 c. Os viajantes [chegaram tarde e saíram no dia seguinte].
 d. Trabalham [rápida e eficientemente].
 e. Viemos à festa [com minha sobrinha e sem minha tia].
 f. Todos gostam de pessoas [honestas e verdadeiras].

Visto que a conjunção copulativa *e* só alterna com a partícula *mais*, no *corpus* analisado, entre categorias nominais com traço [+animado], comportamento semelhante ao que se observa em línguas faladas na região atlântica, apenas a coordenação como em (6b) será analisada neste trabalho. As restrições semânticas e sintáticas para o uso conjuncional do *mais* são discutidas na seção 2.2.1.

É preciso ressaltar que, semanticamente, a conjunção *e* permite dois tipos de interpretação em uma sentença como (6b): i) uma leitura **distributiva** interpretando (6b) como eventos diferentes, ou seja, cada indivíduo contido no sujeito realiza um evento distinto, podendo ser assim parafraseada *João e Maria saíram separadamente*; e ii) uma leitura **coletiva** referindo-se a um mesmo evento envolvendo os dois indivíduos, nesse caso o termo *um com o outro* é facultativo porque eles atuam coletivamente, podendo assim ser parafraseada *João e Maria saíram juntos*. De acordo com Bosque e Demonte *et. al.* (1999), *e* é a conjunção *mais* neutra, dessa forma, são muito escassos os contextos em que é possível apenas uma das interpretações semânticas. Mas, para a análise das estruturas coordenadas, neste trabalho, será considerada apenas a interpretação coletiva.

1.1.3 O advérbio *mais*

Tradicionalmente, o *mais* (do lat. *magis*) é um quantificador, um termo que amplia o sentido de outro indicando circunstância, ou valor semântico, de intensidade. É um pronome adjetivo indefinido quando modifica nomes e é um advérbio quando modifica verbos, adjetivos e até outros advérbios (ALMEIDA, 2005; BECHARA, 2009; CUNHA, 1986; ROCHA LIMA, 2006), como nos exemplos a seguir:

(7) PRONOME ADJETIVO INDEFINIDO

Comprei *mais* sapatos_n hoje no shopping.

(8) ADVÉRBIO

- a. Estou *mais* alegre_{adj} hoje.
- b. João conseguiu nadar_v *mais*.
- c. Maria mora *mais* longe_{adv}.

A realização do advérbio *mais* é prescrita ainda nas duas formas de flexão gradual dos adjetivos: a comparativa e a superlativa. Quando o adjetivo está no grau comparativo exprime a qualidade de um ser em relação a outras coisas que também a tenham em porção igual, em porção maior ou em porção menor. Por outro lado, o adjetivo está no grau superlativo quando exprime o grau máximo de uma qualidade (ALMEIDA, 2005). Mira Mateus *et. al.* (2003:390) explicam que “nos comparativos de superioridade e de inferioridade comparam-se os valores de uma propriedade ou de uma qualidade em dois indivíduos. Isso também é verdade no comparativo de igualdade”. É possível inferir a partir dessa afirmação que o uso do advérbio pressupõe que *os termos relacionados possuem algo em comum* para ser comparado, uma *similaridade*.

(9) COMPARATIVO

- João é *mais* persistente do que Maria.
- (Ambos são persistentes, mas João é mais do que Maria.)

(10) SUPERLATIVO

- João é o *mais* persistente do grupo.
- (Todos, de algum modo, são persistentes, mas João é mais do que os outros.)

É oportuno ressaltar, nesse ponto, que os exemplos em (8-10) evidenciam a característica sintática relacional do advérbio *mais*, que parece estabelecer uma relação entre dois estados de coisas, mesmo que não haja uma comparação explícita, em que dois termos são expressos numa sentença. É possível perceber essa característica pela gramaticalidade das sentenças em (11), reescritas a partir dos exemplos em (8). Essa questão será retomada na seção 5.3.

- (11) a. Estou *mais* alegre hoje do que ontem.
- b. João conseguiu nadar *mais* do que Pedro.
- c. Maria mora *mais* longe do que Ana.

Por fim, a tradição gramatical destaca ainda o uso substantivado do *mais* quando precedido de determinante (artigo, pronome adjetivo ou numeral), como no exemplo de Almeida (2005:196):

(12) PRONOME SUBSTANTIVO

Quem é fiel no menos também é fiel *no mais*.

O uso do *mais* como partícula comitativa ou coordenador na tradição gramatical é associado à linguagem matemática ou informal. Em nota, Almeida (2005:349) afirma que “ao vocábulo *mais* dá-se às vezes o mesmo valor que à conjunção *e*, sobretudo em linguagem matemática ou familiar”, e conclui com os exemplos “dois *mais* dois são quatro - Pedro *mais* o irmão chegaram”. A maioria das gramáticas pesquisadas apresentam extensas seções sobre as conjunções, os advérbios e as preposições, mas não apontam a ampliação das funções do *mais*. Por outro lado, os dicionários *Aurélio* e *Houaiss*, em sua versão eletrônica mais recente, de 2010, já registram os usos conjuncional e o preposicional do *mais*, apontando-os como fenômenos da fala popular, coloquial. O mesmo fazem os dicionários *online* Michaelis e Caldas Aulete¹¹.

Na mesma perspectiva, a gramática pedagógica do PB de Bagno (2012:857) elenca um novo rol de preposições, ampliando o restrito número registrado nas gramáticas tradicionais. O *mais* consta nesse novo rol e o autor salienta que essa mesma forma pode exercer uma função conjuncional, explicando que a ampliação funcional do *mais*, assim como de outras preposições, é resultado de um processo de gramaticalização.

Com o objetivo de apresentar uma visão geral do emprego dos itens preposicionais relacionados em sua gramática, Bagno fornece informações sobre a ocorrência deles no *corpus* do NURC-Brasil¹², uma amostra de fala vernácula *culta* de cinco capitais brasileiras, dentre elas Salvador, no Estado da Bahia. O autor registra que não há ocorrências do *mais* como preposição ou conjunção nesse *corpus*. Essa ausência é significativa para a hipótese fixada neste estudo a respeito da emergência do *mais* conector no PPB, como discutido oportunamente na seção 2.2. O Quadro 3 sintetiza as características do *mais* no PPB apresentadas até aqui.

¹¹ MICHAELIS <<http://michaelis.uol.com.br>>; CALDAS AULETE <<http://www.aulete.com.br>>.

¹² O Projeto NURC (Norma Urbana Culta) iniciou em 1969 com o propósito de recolher amostras da norma culta falada em cinco capitais do Brasil: Salvador-BA, Recife-PE, São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ e Porto Alegre-RS. Os informantes selecionados para compor a amostra de fala das cinco capitais possuem nível superior completo, são de ambos os sexos e distribuídos em três faixas etárias: 25-35 anos, 36-55 anos e mais de 55 anos.

Quadro 3: Características da partícula *mais*

1 ADVÉRBIO 1.1 Com maior intensidade; em maior quantidade 1.2 Introduce o grau superlativo 1.3 Introduce o grau comparativo 1.4 Outra vez; de novo
2 PREPOSIÇÃO 2.1 Com, junto com
3 CONJUNÇÃO ADITIVA 3.1 E também. Ex. Daniel mais Maria são meus padrinhos. (popular) 3.2 Usa-se para indicar adição. Ex. Dois mais dois são quatro. (matemática)
4 PRONOME INDEFINIDO 4.1 Os outros, os restantes 4.2 Em maior quantidade, intensidade ou número
5 PRONOME SUBSTANTIVO

Ressalto que o *mais* conector não ocorre em todos os contextos sintáticos e semânticos da conjunção aditiva *e* e da preposição *com*, como apresento na seção 2.2.1 no âmbito do português afro-brasileiro (GOMES, 2014). Os contextos de restrição observados na pesquisa de Mestrado serviram como critérios de seleção para as ocorrências desta tese, conforme descrito na seção 3.2.3. O uso do *mais* na construção subordinada é bloqueado quando introduz DP com traço semântico [-animado], como em (13), e quando introduz DP em que não há a interpretação de co-participação, como em (14).

- (13) a. O home ‘tava *com* uma espingarda e num abriu a porta pa ninguém. (SS)¹³
b. *O home ‘tava *mais* uma espingarda e num abriu a porta pa ninguém.
- (14) a. Eu falei *com* a assistente social que criei ele ali. (CJ)
b. *Eu falei *mais* a assistente social que criei ele ali.

Na construção coordenada, os seguintes contextos bloqueiam o uso da partícula *mais*: coordenação de outras categorias diferentes de DP, como em (15), e coordenação entre nomes com traço semântico [-animado], como em (16).

¹³ Ocorrências eliciadas nas amostras de fala vernácula investigadas. Indicadas pela sigla da comunidade. Ver *Lista de abreviaturas e siglas*.

- (15) a. Um vei já casado e pai de fi dêxa eu aqui e vai pra essas festa pra lá. (PR)
 b. *Um vei já casado mais pai de fi dêxa eu aqui e vai pra essas festa pra lá.
- (16) a. Meu sistema de dá ela era rapadura e milho. (PR)
 b. *Meu sistema de dá ela era rapadura mais milho.

Para finalizar esta primeira seção, diante do que foi exposto, assumo que as partículas *mais/e/com* compartilham os seguintes traços:

- (17) Traço semântico <INCLUSÃO¹⁴> (adição);
 (18) Traço sintático <RELACIONAL>.

A conjunção aditiva *e*, a preposição *com* e o advérbio *mais* possuem a característica em comum de estabelecer algum tipo de nexos entre entidades/estados de coisas. Esse nexos pode ser **semântico** e **sintático**. A presença de um segundo termo para ser relacionado não é obrigatória somente no caso do advérbio, por esse motivo as sentenças em (19) e (20) são agramaticais.

- (19) *Maria *e* compraram sapatos novos.
 (20) *João foi à festa *com*.

O traço <INCLUSÃO> diz respeito à participação de um segundo termo ao evento. Na coordenação, os participantes são sempre [+simétricos], ou seja, possuem o mesmo papel semântico; já na subordinação, essa participação no evento pode ser [±simétrica], podendo o com-DP ter ou não o mesmo papel semântico do Suj-DP. Essa discussão será retomada no Capítulo 5.

Por sua vez, o traço <RELACIONAL> refere-se à possibilidade de estabelecer um nexos sintático entre os termos relacionados. A conjunção *e* estabelece a relação de *coordenação*, enquanto a preposição *com* a de *subordinação*. Como já foi dito e exemplificado em (19) e (20), a presença de um segundo termo é obrigatória apenas com essas partículas. O nexos sintático estabelecido pelo *mais* parece ser o de *comparação*. Nesse ponto, é preciso salientar duas

¹⁴ Em minha Dissertação de Mestrado (GOMES, 2014) assumi que o traço semântico <ADIÇÃO> teria permitido a relexificação do *mais*. No estudo ora apresentado, proponho o termo <INCLUSÃO>, por ser mais abrangente, para me referir ao traço semântico do *mais*.

características importantes do *mais*: i) não há a necessidade de um segundo termo explicitado na frase para que a comparação se estabeleça, como mostram os exemplos (8) a (10); e ii) o *mais* pressupõe algo em comum que possa ser o ponto de referência para a comparação, como em (11a), uma relação entre o tempo em que a sentença é produzida e um tempo passado.

No processo de aquisição do português como L2, em situação de contato linguístico no Brasil, os traços <INCLUSÃO> e <RELACIONAL> teriam permitido a escolha do *mais* como conector no português popular.

A seguir apresento alguns aspectos das construções subordinadas e coordenadas.

1.2 A SUBORDINAÇÃO E A COORDENAÇÃO

A **subordinação** é um processo gramatical em que os termos relacionados são organizados em níveis hierárquicos desiguais, numa relação assimétrica, e um termo exerce função sintática ou semântica no outro termo. De acordo com Gonçalves *et. al.*:

O termo subordinação tem servido para identificar não somente a relação de dependência entre sentenças, mas também outras relações de constituição, como, por exemplo, a que há entre um núcleo lexical qualquer (nome, verbo, adjetivo) e os adjuntos e/ou modificadores dele dependentes. (GONÇALVES *et. al.*, 2008:1021)

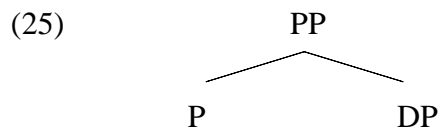
O encaixamento sintático pode ser no nível da sentença, de uma oração subordinada (com função substantiva, adjetiva ou adverbial) a uma oração principal. Os transpositores dessa operação são as conjunções: *que* e *se*, nas orações substantivas, como em (21); *que*, *o qual*, *onde*, *como*, *quando* e *cujo*, nas orações adjetivas, como em (22); *quando*, *se*, *ainda que*, *desde que*, dentre outras, nas orações adverbiais, como em (23).

- (21) Desejo *que* você seja muito feliz.
- (22) Aquele é o pai *cujo* filho é um grande médico.
- (23) Compro um carro novo *se* conseguir o emprego.

De outro modo, o encaixamento sintático pode ser de um DP, introduzido por preposição, a outro DP. Os termos relacionados pela preposição são denominados tradicionalmente de *antecedente*, o que rege ou subordina outro debaixo de sua dependência, e *consequente*, o termo regido, subordinado (ALMEIDA, 2005:334). Essa é a operação que investigamos nesse estudo, a exemplo de (24).

(24) [DP1 José] chegou [PP *com/mais* [DP2 Isabel]].

Azeredo (2008:149) afirma que a formação padrão do PP é o núcleo P seguido de um DP, conforme a representação em (25). O PP pode exercer funções de complemento de um DP, AdjP ou VP; de predicativo do sujeito, ocorrendo em construções com os verbos *ser*, *estar* e semelhantes; e de adjunto de categorias verbais, nominais e adjetivais.



Os complementos introduzidos pela preposição são sintaticamente indispensáveis para o termo antecedente da estrutura subordinada. Ao contrário, os termos adjuntos não são necessários à boa formação sintática dessas estruturas, sua presença se deve a uma ampliação semântica da frase.

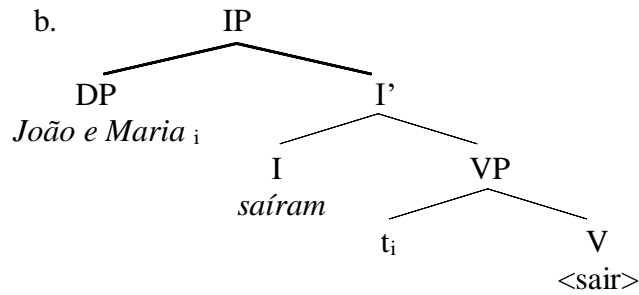
Por sua vez, a **coordenação** é um processo gramatical para unir mais de um elemento estabelecendo entre eles algum nexo semântico. A partir de uma busca pelo tema em diversos trabalhos, citados ao longo desta seção, é possível elencar os seguintes aspectos da coordenação:

- (26)
- a. Equivalência hierárquica;
 - b. Paralelismo sintático, semântico e categorial dos termos coordenados;
 - c. Possibilidade de coordenar diferentes tipos de categorias;
 - d. Impossibilidade de extração de apenas um dos seus termos.

Essas características estão presentes nos diversos tipos de coordenação: aditiva, adversativa, alternativa, explicativa e conclusiva. Tratarei mais especificamente da coordenação aditiva realizada pela conjunção *e*.

Neste trabalho, assumo que DPs coordenados pela conjunção aditiva *e* constituem um item lexical complexo e estão no mesmo nível hierárquico. O objeto sintático em (27b) é linearizado em PF (forma fonética) como (27a).

(27) a. João e Maria saíram.



A dimensão linear das expressões linguísticas diz respeito à forma como os elementos são organizados sequencialmente em PF. Partindo da concepção de que a derivação gramatical só converge se for legível tanto em PF quanto em LF (forma lógica), a linearização existe por um requerimento da PF, imposto pelo sistema Articulatório-Perceptual. Sem a linearização o sistema não consegue “ler” os objetos gramaticais gerados hierarquicamente (MORO, 2000).

De acordo com Kayne (1994), a linearização depende da aplicação do Axioma da Correspondência Linear (LCA, do ing. *Linear Correspondence Axiom*).

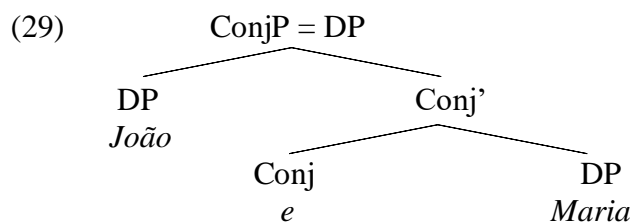
(28) AXIOMA DA CORRESPONDÊNCIA LINEAR

Um item lexical A precede um item lexical B se

- a. A assimetricamente c-comanda B ou
- b. Um XP dominando A assimetricamente c-comanda B.

O LCA mapeia as relações de c-comando assimétrico entre os elementos do objeto sintático e determina qual item deve preceder o outro em PF. Em outras palavras, a precedência em PF é determinada por c-comando assimétrico. Na estrutura em (27b) o DP complexo c-comanda assimetricamente o V e a linearização em (27a) é possível. O traço sem conteúdo fonológico não é lido.

Kayne (1994) considera a coordenação, a priori, uma estrutura assimétrica. A conjunção projeta uma categoria em que o primeiro termo coordenado ocupa a posição de especificador e o segundo termo ocupa a posição de complemento, conforme representação em (29). Gerados dessa forma, esses elementos podem ser devidamente linearizados em conformidade com o LCA. A representação estrutural assimétrica também é assumida por Matos (2003).



Se essa estrutura for assumida em (27b), surge um problema para a linearização, já que os itens lexicais do sujeito complexo não estariam em relação de c-comando assimétrico com os itens lexicais do restante da sentença. O termo *Maria* não poderia c-comandar assimetricamente o verbo porque *Maria* e o verbo *sair* não estariam em uma relação assimétrica de c-comando e, portanto, não poderiam ser linearizados *João e Maria* > *saíram*.

Para dar conta dessa problemática, Hornstein *et. al.* (2005) analisam a estrutura da sentença *the man of Toledo will visit Mary* e afirmam que *the man of Toledo* pode ser interpretado como um item lexical complexo. Sendo assim, a precedência desse DP sobre o restante da sentença pode ser estabelecida já que a relação de c-comando é assimétrica¹⁵. Sobre esse tipo de linearização, Uriagereka (1999c) propõe a aplicação independente de *spell-out* a sujeitos complexos e adjuntos, enviando-os para o componente fonológico e convertendo-os em itens lexicais complexos, para então serem linearizados em relação ao restante da sentença.

Nesse estudo, os DPs coordenados são interpretados como itens lexicais complexos, como em (27b), uma postura teórica que não fere o LCA de Kayne (1994) e, ao mesmo tempo, está em conformidade com inúmeros trabalhos que assumem uma equivalência hierárquica entre os elementos de uma coordenação (ALMEIDA, 2005; BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 1985; BOSQUE; DEMONTE, 1999; AZEREDO, 2008).

Outra característica da estrutura coordenada é o paralelismo. A coordenação copulativa apresenta diversas possibilidades combinatórias. É possível coordenar IPs, VPs, PPs, DPs, AdjPs, AdvPs, bem como partes do discurso, conforme apresentado na seção 1.1.2. Segundo Bosque e Demonte *et. al.* (1999:2645) para que essas diferentes categorias possam se coordenar devem ter a mesma hierarquia sintática e ser semanticamente compatíveis. Só se podem coordenar complementos verbais que cumpram a seleção categorial e semântica do verbo. Por sua vez, Matos (2003:579) ressalta que o paralelismo categorial não é imperativo, mas “a possibilidade de as estruturas coordenadas apresentarem termos categorialmente diversos está

¹⁵ Outra possibilidade de análise, segundo os autores, seria o LCA ser aplicado independentemente ao DP complexo, estabelecendo a ordem linear interna *the* > *man* > *of* > *Toledo*, e, em seguida, o DP seria computado com o restante da frase por meio de outro mapeamento do LCA.

limitada aos casos em que um certo paralelismo entre os termos coordenados pode ser recuperado”, como evidencia o exemplo em (30a).

- (30) a. Foi [lentamente] mas [com prazer] que a criança leu o livro.
 b. *Foi [com prazer] mas [ao irmão] que a criança leu o livro.

(MATOS, 2003:579)

Munn (1993) chama de coordenadas *unlike* as frases de coordenação entre categorias diferentes. Em (30a), só é possível relacionar um AdvP e um PP porque o constituinte coordenado atua como uma unidade sintática e semântica. Os termos coordenados desempenham função de adjunto de modo do predicado. Por outro lado, a coordenação entre termos categorialmente idênticos, mas sem similaridade semântica, como em (30b), produz um resultado agramatical (MATOS, 2003).

As estruturas coordenadas analisadas neste estudo são consideradas simétricas, tanto do ponto de vista sintático quanto semântico. A permuta entre os termos coordenados só é possível quando há simetria semântica e quando os termos são formalmente independentes, como em (33). A possibilidade de permuta entre os DPs coordenados é uma evidencia da simetria semântica entre eles, diferentemente do que ocorre nos exemplos em (31) e (32).

- (31) a. Senti uma vertigem e desmaiei.
 b. #desmaiei e senti uma vertigem.

- (32) a. O João vai ao cinema mas a Maria não.
 b. *Mas a Maria não, o João vai ao cinema.

(MATOS, 2003:554)

- (33) a. João e Maria saíram.
 b. Maria e João saíram.

Outro aspecto importante a ser considerado em relação à estrutura coordenada é a impossibilidade de extração de apenas um dos seus termos para fora do domínio da coordenação. A esse respeito, Ross (1967) postula a Condição da Estrutura Coordenada (CEC) amplamente discutida na teoria da gramática.

(34) CONDIÇÃO DA ESTRUTURA COORDENADA

Em sentenças coordenadas, nenhum termo da coordenada pode ser movido, assim como nenhum elemento contido em um termo da coordenada pode ser movido para fora da sentença coordenada¹⁶. (ROSS, 1967:98) (Tradução minha)

Ross (1967) trata dos casos em que constituintes estariam repetidos em duas sentenças/estruturas paralelas. A CEC restringe a extração de um dos termos da sentença coordenada ou de um elemento contido em um termo da coordenada. Os exemplos em (35a-b) ferem a CEC nesses dois aspectos. O movimento *across-the-board*, ou extração simultânea como em (35c), é a única forma de violação da CEC, segundo Ross, porque o movimento de ambos os termos coordenados respeita o requisito de paralelismo.

- (35) a. *[O que] Maria comprou um lanhe e [-]?
 b. *[O que] Maria comeu um lanche e bebeu [-]?
 c. O que Maria comprou [-] e comeu [-]?

De acordo com Munn (1993) a CEC é um princípio semântico e não sintático, ou seja, pode haver coordenação entre categorias diferentes desde que haja uma identidade semântica entre os termos coordenados, como em (30a).

A CEC parece proibir a coordenação entre elementos descontínuos. Contudo, Matos (2003:583) afirma que “quando a coordenação é estabelecida pelas conjunções singulares *e*, *ou* e *mas*, o segundo termo coordenado pode ser parentético”, como no exemplo (36a-b) com o uso da conjunção *e*. De acordo com a autora, a coordenação parentética admite constituinte descontínuo, como em (36c).

- (36) a. O João *e* a Maria conhecem bem São Paulo.
 b. O João, *e* também a Maria, conhece(m) bem São Paulo.
 c. Ele foi ao Brasil este ano, *e* não ela.

(MATOS, 2003:583-584)

¹⁶ “In coordinate structure, no conjunct may be moved, nor may any element contained in a conjunct be moved out of that conjunct”.

Mas é importante destacar que a concordância do verbo em (36c) é singular, e não plural. A concordância entre DPs coordenados e o verbo geralmente é uma concordância plural, seja em posição pré ou pós-verbal, sobretudo quando os termos são referenciais.

A impossibilidade de estabelecer a concordância singular com nomes coordenados que denotam objetos referenciais (como nomes de pessoa), se deve ao fato de que esses nomes designam entidades claramente diferenciadas ou delimitadas. Por exemplo, o nome *Marta* designa uma pessoa única e claramente delimitada do restante das pessoas. Por essa razão, quando o sujeito coordenado inclui nomes referenciais, o verbo não pode aparecer no singular¹⁷. (BOSQUE; DEMONTE et. al., 1999:2650) (Tradução minha)

Por outro lado, a concordância é singular quando a entidade coordenada é singular, como (37a) ou quando uma entidade pode atuar independentemente da outra, como (37b), confrontando-se com a agramaticalidade de (37c).

- (37) a. O meu companheiro *e* velho amigo **está** sempre disposto a ajudar-me.
 b. **Chegou** hoje pelo correio o livro *e* a revista.
 c. ***Encontrou-se** um com o outro na faculdade, o Pedro *e* o António.

(MATOS, 2003:586, 588)

Quando um termo coordenado é parentético, na coordenação entre DPs com função de sujeito, a concordância só pode ser feita com o termo não parentético se a interpretação for exclusiva, como mostra Matos (2003:587) nos exemplos em (38). Porém, uma interpretação aditiva/inclusiva permite fazer-se concordância no plural.

- (38) a. Ele, e não ela, foi ao Brasil este ano.
 b. *Ele, e não ela, foram ao Brasil este ano.

A partir dessas generalizações é possível concluir que uma característica fundamental da coordenação é relacionar necessariamente mais de um participante no mesmo evento. O processo de subordinar termos compartilha dessa mesma propriedade, com a diferença de que os termos encontram-se em níveis hierárquicos desiguais.

¹⁷ “La impossibilidade de establecer la concordancia singular con nombres coordenados que denotan objetos referenciales (como nombres de persona), se debe a que estos nombres designan entidades claramente diferenciados o delimitados. Por ejemplo, el nombre *Marta* designa a una persona única y claramente delimitada del resto de las personas. Por esta razón, cuando el sujeto coordinado incluye nombres referenciales, el verbo no puede aparecer en singular”.

Os próximos capítulos são dedicados aos aspectos sociolinguísticos do objeto de estudo, uma discussão que contribui para o debate acerca da relevância do contato entre línguas para a formação das variedades populares do português falado no Brasil.

2 O USO VARIÁVEL DO *MAIS* CONECTOR

Este capítulo apresenta uma descrição sociolinguística do fenômeno em estudo: o *mais* conector, que pode ocorrer em duas configurações sintáticas. Na subordinação(*com*), exerce função de preposição comitativa; na coordenação, é empregado como conjunção aditiva relacionando categorias nominais. Nos dois contextos há variação, já que o sistema da língua dispõe de outros elementos para exercer as mesmas funções. A preposição *mais* e a conjunção *mais* são consideradas não-padrão, tendo em vista não serem reconhecidas pela tradição gramatical, como apresentado na seção 1.1.3; enquanto a preposição *com* e a conjunção *e* são as variantes padrão, cujo uso é apontado pela tradição gramatical da língua portuguesa.

As próximas seções complementam-se e abrangem a dimensão sociolinguística do tema desta pesquisa. A seção 2.1 mostra que o comportamento sintático da variante *mais* no Brasil, ou seja, sua realização como partícula comitativa e coordenativa entre DPs, encontra paralelo em diferentes línguas africanas, pidgins e crioulas faladas na região atlântica, e em variedade do português falado na África. A seção 2.2 trata do *mais* conector no universo do português popular do Estado da Bahia, sobretudo, no português afro-brasileiro. O estudo realizado nas comunidades baianas de matriz africana revela que o paralelo com línguas da África não é apenas sintático, mas também semântico. A seção 2.3 encerra o capítulo com a delimitação do objetivo e hipóteses desta investigação variacionista.

2.1 O *MAIS* CONECTOR: DA ÁFRICA PARA O BRASIL?

No PPB a partícula *mais* pode exercer duas funções sintáticas: preposição comitativa e conjunção aditiva, além do uso culto como intensificador. Um mesmo elemento exercendo função de partícula comitativa e coordenativa entre DPs não é um padrão nas línguas europeias, mas um padrão encontrado em línguas africanas, pidgins e crioulas, como mostram os exemplos em (1-3), respectivamente.

(1) HAUÇÁ

a. Sun zō tàre **dà** Hàlīmà
 3SG vir-PASS junto **com** Halima
 “Ele veio **com** Halima.”

b. Àbōkanmù Mūsā **dà** Mammàn.
 Amigo-POSS Musa **com** Mamman
 “Nossos amigos Musa e Mamman.”

(JAGGAR, 2001:393, 396)

(2) PIDGIN INGLÊS DA NIGÉRIA

a. Im gò dans **wìt** dèm.
 3SG IRR dançar **com** 3PL
 “Ele(a) vai dançar **com** eles.”

b. Im **wìt** dèm gò dans.
 3SG **com** 3PL IRR dançar
 “Ele(a) e eles dançarão.”

(FARACLAS, 1996:83)

(3) SANGO (pidgin/crioulo lexicalmente derivado da língua africana ngbandi)

a. Mbi lango **na** ita ti mbi.
 1SG dormir **com** irmão PREP 1SG
 “Eu morei **com** meu irmão.”

b. Laso mbi **na** mo, i ke gwe biani.
 Hoje 1SG **com** 2SG, 1PL COP ir verdadeiramente
 “Hoje você e eu vamos com certeza.”

(MICHAELIS *et. al.*, 2013:280)

Parkvall (2012) mostra que o uso de uma mesma partícula para coordenar DPs e introduzir comitativo é um padrão entre as línguas africanas do tronco linguístico nigero-congolês, como mostra o Quadro 4.

Quadro 4: Comitativo e coordenadores em línguas europeias e nigero-congolesas

	ADPOSIÇÃO COMITATIVA	MORFEMA USADO PARA LIGAR DPs	MORFEMA USADO PARA LIGAR VPs OU FRASES
Línguas europeias	COM		E
Línguas nigero-congolesas		COM	E

Fonte: PARKVALL (2012:140)

É importante considerar que, no PPB, o *mais* conector segue o mesmo padrão das línguas nigero-congolesas, enquanto a preposição *com* e a conjunção aditiva *e* são empregadas de acordo com o padrão das línguas europeias. O padrão geral das línguas europeias é o que se encontra na variedade culta do PB, a conjunção *e* coordena tanto DPs quanto orações. O Quadro 5 é uma adaptação de Parkvall (2012) e sintetiza essas informações.

Quadro 5: Padrão gramatical para comitativo e coordenadores no PB

	ADPOSIÇÃO COMITATIVA	MORFEMA USADO PARA LIGAR DPs	MORFEMA USADO PARA LIGAR VPs OU FRASES
Português urbano culto	COM		E
Português afro-brasileiro		MAIS	E

Fonte: Adaptado de PARKVALL (2012:140)

Uma pesquisa em torno de algumas questões sócio-históricas, envolvendo os ciclos do tráfico de africanos para o trabalho escravo no Brasil, e, conseqüentemente, as línguas que foram introduzidas juntamente com eles, pode oferecer pistas para a compreensão do padrão encontrado para o uso do *mais* conector no português popular da Bahia. De acordo com Vianna Filho (1946) e Mattoso (2001[1982]) a importação de africanos para o Brasil ocorreu em quatro grandes ciclos:

- a) Ciclo da Guiné, no Séc. XVI;
- b) Ciclo de Angola, no Séc. XVII;
- c) Ciclo da Costa da Mina, no Séc. XVIII;
- d) Última Fase, marcada pela ilegalidade, no Séc. XIX.

Segundo Vianna Filho (1946) o Ciclo da Guiné pode ser considerado uma continuação do tráfico já existente entre Portugal e África. Africanos da Guiné já atuavam como escravos lavradores em Portugal, e continuaram a ser traficados à medida que os portugueses expandiam sua área de exploração em direção à América. A Guiné compreendia toda a costa e em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe estavam os principais portos, centros de distribuição, dessa forma, a origem dos africanos nesse primeiro momento é sudanesa.

Com a continuidade da exploração da cana de açúcar e do fumo no Brasil, no Séc. XVII, uma nova região africana passa a ser explorada pelo projeto colonial português. O Ciclo da Angola introduz em território brasileiro africanos bantos, da região equatorial e central. Sobre

esse período, Vianna Filho (1946:48) afirma que “a sua importância foi extraordinária e os seus marcos conservam-se ainda hoje. Representando a primeira entrada, em massa, de escravos africanos para a Bahia, a sua cultura disseminou-se em todos os sentidos. Foi profunda e extensa”. O autor atribui essa relevância da presença banto ao fato de que sua cultura é muito mais aberta do que a sudanesa. Os bantos se integraram mais facilmente à sociedade brasileira e, por serem mais “dóceis”, passaram a trabalhar preferencialmente no âmbito doméstico.

Com a exploração das minas de ouro e pedras preciosas, no Séc. XVIII, a demanda de importação aumenta. Nesse período, os africanos sudaneses são traficados novamente para o Brasil. A notícia sobre a descoberta de ouro gerou uma grande euforia e corrida em massa de portugueses para o Brasil em busca de enriquecimento fácil, e, segundo Vianna Filho, “Angola seria agora insuficiente para abastecer um mercado insaciável”. Mattoso (2001[1982]) considera que o Séc. XVIII detém o recorde da importação na América e o Brasil figura como o maior importador. Em meados do século, o ciclo se desdobra com o surgimento do Ciclo da baía do Benin.

No Séc. XIX, a cultura do café ainda faz do tráfico de escravos uma atividade lucrativa. Chegaram ao Brasil africanos de diversas regiões, embora fossem predominantes os angolanos e moçambicanos. Mas as proibições impostas pela Inglaterra ao tráfico após 1830 tornaram a atividade cada vez mais perigosa e inviável. Segundo Vianna Filho (1946:89) “em 1851, na Bahia, dois desembarques clandestinos foram reprimidos”, um em Ilhéus e outro em Itaparica. A fiscalização e os protestos contra a escravidão que se intensificavam cada vez mais fizeram com que os números de escravos na Bahia diminuíssem significativamente ao longo do Séc. XIX: em 1815 um patamar de 500.000 e em 1874 na faixa de 173.000.

Sobre a presença africana na Bahia, Vianna Filho considera que:

Atendendo a imperativos de ordem política e econômica, não só locais como africanas, e que atuaram decisivamente no rumo dos tumbeiros, buscaram os traficantes, negros os mais diversos dentre os dois grandes grupos bântu e sudanês. Daí se não poder admitir, em relação à Bahia, como se tem pretendido, o exclusivismo de qualquer um dos dois grupos, que realmente se revezaram nos mapas da importação negra da Bahia. (VIANNA FILHO, 1946:28)

No Brasil, durante o período de colonização, deu-se o contato da LP com línguas africanas oriundas de duas regiões: **oeste-africana**, Costa ao Norte do Equador, de onde foram retirados os sudaneses, e **banta**, Costa ao Sul do Equador, também conhecida como área austral. Petter (2006) estima um número de 200 a 300 línguas africanas, procedentes dessas duas áreas,

trazidas para o Brasil no período do tráfico negreiro. Por sua vez, Bonvini (2008) elenca as seguintes línguas:

a) Da região **oeste-africana**:

fula, uólofe, manjaco, balanta, mandinga, bambara, maninca, diúla, gurúnsi, eve, fon, gen, aja (ou jeje), ijó, iorubá, edo, nupe, ibo, hauçá, canúri.

b) Da região **banta**:

quissongo, quissicongo, quizombo, quissundi, quivili, iuoio (fiote), quiombe, quimbundo, quissama, quindongo, iaca, imbagala, chinji, uchôcue, ochinganguela, chilucazi, luena (luvale), chilunda, urunda, chiluba-cassai, omacua, umbundo, olunianeca, ochicuaniana, cuambi, ochiherero.

De acordo com Castro (2002:45), a partir do Séc. XVII foram introduzidas em Salvador as línguas mina-jeje, nagô-iorubá e hauçá, exemplificada em (1), oriundas da região oeste-africana. Segundo a autora, as línguas bantas da Angola umbundo, quimbundo e quiconco “foram relativamente importantes sobre outras, no Brasil”, e isso se justifica pela “precedência temporal dos seus falantes, densidade demográfica e amplitude geográfica da sua distribuição humana em território brasileiro durante quatro séculos consecutivos” (CASTRO, 2002:43).

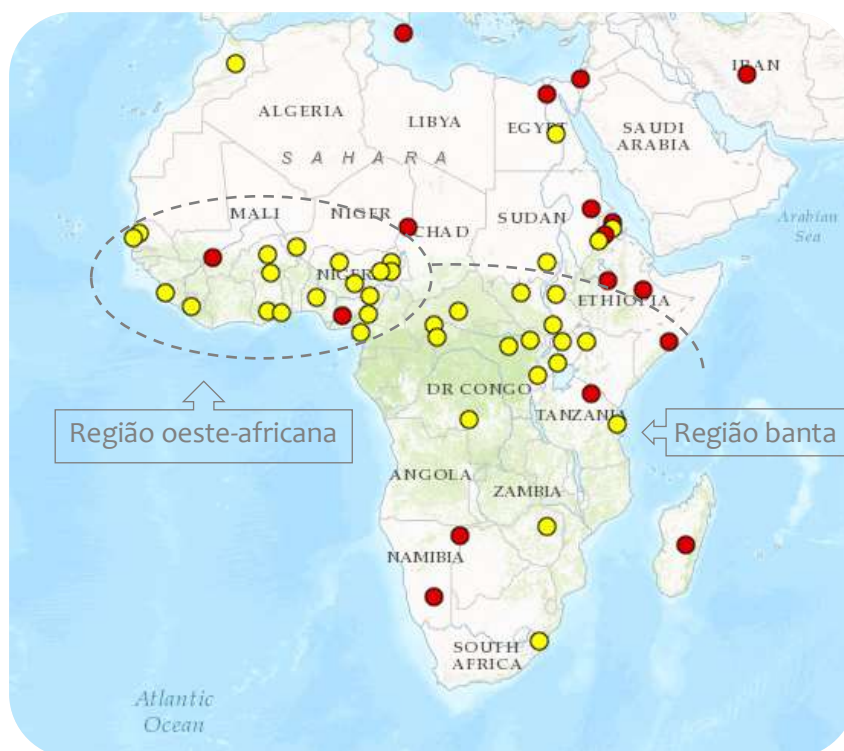
Em relação ao quimbundo, língua angolana, dados do documento histórico de Dias¹⁸ (1697) mostram que o elemento *ne* exerce cumulativamente as funções da preposição *com*, com valor comitativo, e da conjunção *e* (BONVINI, 2008:109, 116). O documento de Dias revela que, em Salvador, no século XVII, os africanos oriundos de Angola utilizavam largamente a língua quimbunda para a comunicação. Além disso, o quimbundo também predominou em várias regiões do Brasil, em função do copioso tráfico negreiro entre Angola e o Rio de Janeiro.

Considerando a relevância do contato linguístico para a hipótese deste estudo, é importante localizar geograficamente línguas africanas que possuem o mesmo elemento exercendo as funções de comitativo e coordenador entre DPs. Na Figura 1, é possível visualizar

¹⁸ *Arte da língua de Angola, oferecida a Virgem Senhora N. do Rosario, Mãe & Senhora dos mesmos Pretos, pelo P. Pedro Dias da Companhia de Jesu, Lisboa (1697).* Esse trabalho de Dias “testemunha o emprego corrente, naquela época, de uma língua africana, o quimbundo, (...) trata-se de uma língua plenamente africana, próxima da que se fala hoje em Angola” (PETTER, 2006:127).

a disposição das *with-languages*¹⁹ estudadas por Stassen (2000) no continente africano, representadas pelos pontos em amarelo. Os pontos em vermelho indicam as *and-languages*.

Figura 1: *With-languages* e *and-languages* na África (STASSEN, 2000)



Fonte: Elaborado a partir do WALS online. Disponível em <<http://wals.info/feature/63A#3/37.72/25.40>>

A concentração geográfica de línguas na África com um mesmo elemento gramatical para introduzir constituinte comitativo e coordenar DPs é um fato importante a ser considerado. As línguas que chegaram ao Brasil com os africanos localizavam-se nas regiões oeste-africana e banta. Segundo Castro (2002:39), a região oeste-africana se estende do Senegal à Nigéria e a região banta recobre a área centro-sul do país, de Camarões à África do Sul.

É fundamental para este estudo verificar também línguas formadas a partir de contato linguístico na região onde há grande concentração de *with-languages*, como é o caso de crioulos do Atlântico. De acordo com Parkvall (2012), em muitos crioulos do Atlântico o morfema usado para ligar DPs, e não orações, deriva de um comitativo. São exemplos *ki* (do port. *com*) no

¹⁹ Stassen (2000) realiza um trabalho tipológico sobre as estratégias de coordenação entre DPs partindo de uma amostra de 260 línguas dos maiores grupos linguísticos. Em sua tipologia, ele considera que há dois grandes grupos de línguas: as *with-languages*, nas quais a mesma partícula usada para o comitativo é também utilizada para a coordenação entre DPs, a chamada coordenação comitativa; e as *and-languages*, línguas que dispõem de duas estratégias formais diferentes para expressar comitativo e coordenar DPs.

angolar, *witi* (do ing. *with*) no crioulo inglês de camarões, e *ku* (do esp. *con*) no papiamento. Para ligar orações, essas línguas dispõem de outras partículas: *i* (do port. *e*), *an* (do ing. *and*), e *i* (do esp. *y*), respectivamente.

Observando o crioulo caboverdiano é possível encontrar um paralelo com o fenômeno ora analisado. Lang (2014) esboça uma geografia linguística do arquipélago e apresenta a seguinte variação geográfica interna do caboverdiano:

Tradicionalmente, distinguem-se dois grupos, no conjunto das ilhas que formam o arquipélago caboverdiano. Continuando uma terminologia náutica dos tempos da descoberta, chamam-se Barlavento (com – de oeste a este – Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal e Boavista) e Sotavento (com – de oeste a este – Brava, Fogo, Santiago e Maio). (LANG, 2014:257-258)

O autor afirma que todas as variedades do caboverdiano possuem uma conjunção coordenativa que tem sua origem na partícula *e* do português, podendo ser grafado como *i* ou *y*. Nas variedades de Sotavento, a conjunção *y* varia com a partícula *ku* ou *k'* (do port. *com*) “quando se trata de juntar sintagmas nominais que exercem a mesma função sintática” (LANG, 2014:264), a exemplo de (4).

(4) CABOVERDIANO, VARIEDADE DE SOTAVENTO

a. Éra un bes un ómi **ku** si mudjer.

“Havia-se uma vez um homem e a sua mulher”.

b. Ten txeu rivalidádi entri Mindelu **ku** Práia.

“Há muita rivalidade entre Mindelo e Praia”.

(LANG, 2014:265)

De acordo com Lang (2014), *ku* é a preposição que se emprega em todas as variedades do caboverdiano para introduzir o complemento que designa o instrumento com que se executa uma ação. Por sua vez, Swolkien (2015) afirma que “a sobreposição da conjunção coordenativa *ku* e o comitativo *ku* nas variedades de Sotavento reflete as línguas de substrato em que coordenadores derivam de comitativos²⁰ (tradução minha)”.

²⁰ “The overlap of the coordinating conjunction *ku* and comitative *ku* in the Sotavento varieties reflects substrate languages where coordinators are derived from comitatives”.

A pesquisa realizada por Baptista (2002) aponta que *ku* funciona como preposição, introduzindo um DP com valor de companhia ou de instrumento, e como coordenador entre DPs, entre pronome forte e nome, entre dois nomes, ou entre pronome forte e genitivo, termos que possuem o traço [+definido]²¹. A coordenação aditiva, nos demais contextos, é realizada pela conjunção *i*.

Nas variedades de Barlavento, além da conjunção *y* e do uso conjuncional de *ku*, a partícula *má*, do português *mais*, atua na coordenação. Segundo Lang, “em Barlavento, designações de pessoas a agirem **conjuntamente**, são maioritariamente juntadas por meio do quantificador *má*” (grifo meu). De acordo com Swolkien (2015) tanto *má* quanto *y* podem estabelecer relação entre DPs (5a-d), mas a relação entre AdjPs só pode ser expressa por *y*.

(5) CABOVERDIANO, VARIEDADE DE BARLAVENTO

a. Relasãu entre mi **y** nha mãi senpr foi mut bon.

“The relationship between my mother **and** me was always very good”.

“A relação entre minha mãe **e** eu sempre foi muito boa”.

b. Mi **má** Adrianu trubaiá djunt n'un bárk.

“Adrianu **and** I worked together on a ship”.

“Adriano **e** eu trabalhamos juntos em um navio”.

c. Mi **má** Jacira ijgá ténis.

“Jacira **and** I played tennis”.

“Jacira **e** eu jogamos tênis”.

(SWOLKIEN, 2013 *apud* LANG, 2014:265-266)

d. Mña rmon **má** bose rmon e koléga d'sirvis.

“O meu irmão **e** o seu são colegas de serviço”.

(CARDOSO, 1989 *apud* LANG, 2014:266)

e. Kevin e ólt **y** mógr.

“Kevin é alto **e** magro”.

(SWOLKIEN, 2015:185)

²¹ A autora não propõe a expressão desse traço, mas é possível de ser determinado a partir da descrição dada.

A partícula *má* atua como conjunção, e também como preposição comitativa (SWOLKIEN, 2015). Segundo Lang, “em Barlavento *má* não se emprega apenas em casos onde em português se empregaria *e* ou *mais*, mas ainda em casos onde corresponde o P [português] *com*”, a exemplo de (6).

(6) a. El bai pa Praia **má** se irmon.

“He went to Praia **with** his brother”.

“Ele foi para a praia **com** seu irmão”.

b. El te stód **má** se filha.

“She is **with** her daughter”.

“Ela está **com** a filha”.

(SWOLKIEN, 2013 *apud* LANG, 2014:266)

c. Duránt áwla N ta mora **má** ñas páis.

“Durante as aulas moro **com** os meus pais”.

(CARDOSO, 1989 *apud* LANG, 2014:266)

d. (...) de nôte foi dexad pa cada um dremísse **ma** sê anj-de-guarda.

“(...) a noite foi deixada para que cada um dormisse **mais** o seu anjo de guarda”.

(ROMANO, 1973 *apud* LANG, 2014:266)

É importante fazer duas ressalvas sobre a partícula *má* apontadas no trabalho de Lang (2014): i) atua como conjunção e comitativo, mas não como instrumental (SWOLKIEN, 2013); ii) conecta sobretudo entidades com traço [+animado], mas pode relacionar também entidades com traço [-animado], como em “bê pnhá mi *ma* fjon” (vai colher milho *e* feijão) e em “N ta sufri di rimatizmu, na pe *ma* na mon” (eu sofro de reumatismo, nos meus pés *e* mãos). Na pesquisa realizada no português popular baiano, não foram encontradas ocorrências do uso do *mais* conectando DPs com traço [-animado].

A Figura 2, a seguir, resume as partículas coordenativas nas variedades de Barlavento (acima) e de Sotavento (abaixo) segundo Lang (2014).

Figura 2: A coordenação no crioulo caboverdiano

Santo Antão	São Vicente	São Nicolau	Boavista
<i>y / ma / ku</i>			
Brava	Fogo	Santiago	Maio
<i>y / ku</i>			

Fonte: Lang (2014:267)

No português da comunidade bilíngue Tonga, da ilha de São Tomé/África, verifica-se o padrão das línguas nigero-congolesas e o *mais* é o termo selecionado para exercer as funções de partícula comitativa, nas sentenças em (a), e de conjunção aditiva, nas sentenças em (b), a seguir:

(7) PORTUGUÊS FALADO NA COMUNIDADE TONGA²²

- a. Mas eu fui feliz, ñõ fui pra mato *mais* os pais.
- b. A gente vai no estudo eu *mais* os meus colega vamos pa estudo.

A comunidade Tonga, da grande roça Monte Café²³, é bilíngue e formada por descendentes de angolanos falantes de umbundo. O umbundo, do grupo banto, é uma das línguas que chegaram ao Brasil com os africanos, como sinalizado por Castro (2002:43). Importante notar que tanto em território africano quanto em terras brasileiras o advérbio *mais* foi selecionado da LP para exercer cumulativamente as funções de um conector, cujo padrão é relacionar categorias nominais, e não orações, além da função comitativa.

A Figura 3 mostra a distribuição dos crioulos do Atlântico em território africano. Os pontos em amarelo indicam o uso da mesma partícula para a função comitativa e a coordenativa entre DPs, e os pontos em vermelho aponta as línguas com marcadores distintos.

²² Exemplos retirados do *corpus* do português de São Tomé/África, cedido pelo Prof. Dr. Alan Baxter.

²³ As roças de São Tomé foram a base econômica da ilha até sua independência. A maior produtora de café foi Monte Café, onde o produto é produzido e exportado até hoje.

Figura 3: Expressão gramatical de coordenador e comitativo em crioulos na África



Fonte: ApiCS online. Disponível em: <<http://apics-online.info/wals/71#4/-6.75/18.33>>

É preciso assinalar que o uso de uma mesma partícula para as duas funções aqui discutidas não é exclusivo da África Ocidental nem dos crioulos do Atlântico. Mas esse fenômeno é desconhecido nas variedades ultramarinas de línguas europeias e raro em crioulos não atlânticos de léxico indo-europeu, como ressalta Parkvall (2012:139).

Em suma, a forma como línguas africanas, pidgins e crioulas expressam gramaticalmente as relações de subordinação e coordenação aditiva com a mesma partícula, assim como a presença de línguas africanas no Brasil com esse fenômeno, dão ensejo a significativos paralelos que fundamentam a hipótese de a extensão funcional do *mais*, nas variedades populares do PB, derivar historicamente de mudanças induzidas pelo contato do português com línguas africanas. Essa hipótese norteou a pesquisa que realizei sobre o português afro-brasileiro (GOMES, 2014), cujos resultados são mostrados na seção 2.2.1.

A seguir, apresento o *mais* conector na perspectiva da variação no universo de fala analisado neste estudo: o português popular do Estado da Bahia.

2.2 O *MAIS* CONECTOR: A VARIAÇÃO NO PORTUGUÊS POPULAR BAIANO

A história sociolinguística do Brasil aponta para o fato de que, ao longo de quase quatro séculos, o português foi adquirido e falado como L2 por indígenas e africanos, dando origem a uma variedade que serviu de modelo para a aquisição da língua materna de seus descendentes. O processo de reestruturação da língua se prolongou ao longo dos anos com a chegada sucessiva de navios negreiros. Esse cenário caracteriza um processo de *transmissão linguística irregular* que estaria por trás das características do PB e da formação de suas variedades populares (BAXTER, 1995; LUCCHESI, 2001; 2003; LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009). A oposição entre a fala popular, mais afetada e reestruturada pelo contato linguístico, e a norma culta do Brasil caracteriza uma realidade sociolinguística polarizada de acordo com Lucchesi (2015). A formação histórica do PB e sua realidade atual são tema da seção 3.1.

Diversos fenômenos do PPB podem resultar de transmissão linguística irregular, quando uma variedade reestruturada de L2 é nativizada entre os segmentos dominados; no caso do Brasil, entre os descendentes de índios e africanos. Para a análise do *mais* conector, proponho que na aquisição do português como L2 houve a manutenção de propriedades semânticas e sintáticas de itens lexicais das línguas de substrato, cuja matriz fonética é substituída pela matriz fonética da língua alvo, permitindo uma ampliação do uso gramatical do item lexical *mais*.

Nos exemplos a seguir é possível observar o uso do *mais* como partícula comitativa, variando com a preposição comitativa *com*, e como conjunção aditiva, alternando com o elemento *e*. A variante *mais* tem o *status* de não-padrão, enquanto as variantes padrão são *e/com*. Baxter (1987) já havia destacado o fato de que essa variação no português poderia se constituir um vestígio crioulezante em dialetos rurais do PB. As três variedades que se seguem representam o português popular baiano, investigado neste trabalho.

I. PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO

(8) SUBORDINAÇÃO(COM)

- a. Cantava *mais* os ôto (...) eu sozinha num cantava não.” (CZ)
- b. Aí eu saía, viajava *com* ele, ia direto. (CZ)

(9) COORDENAÇÃO ENTRE DPs

- a. Eu *mais* ele ia, pegava o ônibus. (HV)
- b. Meu irmon *e* io nasceu. (HV)

(GOMES, 2014:87)

II. PORTUGUÊS POPULAR DO INTERIOR

(10) SUBORDINAÇÃO(COM)

- a. Eu tô *mais* meu menino mais velho. (SR)
- b. Voltei e fui morar *com* vó. (FR)

(11) COORDENAÇÃO ENTRE DPs

- a. Nós foi fazê essa visita, eu *mais* ele. (SS)
- b. Só sai eu *e* ele. (SS)

III. PORTUGUÊS POPULAR DA CAPITAL

(12) SUBORDINAÇÃO(COM)

- a. Eu ia pa praia pescá *mais* ele, pegá pititinga. (IT)
- b. Ela fica aqui *com* as menina. (CJ)

(13) COORDENAÇÃO ENTRE DPs

- a. Aí eu *mais* ele num se combina por isso. (PL)
- b. Minha avó *e* meu avô me pegô pa cria. (CJ)

Na próxima seção, retomo os resultados encontrados em pesquisa anterior (GOMES, 2014) sobre o emprego do *mais* conector no português afro-brasileiro, mostrando que há restrições sintáticas e semânticas para a realização da variante *mais*. No âmbito dos estudos linguísticos brasileiros, não há outros trabalhos sobre o fenômeno do *mais* conector, um fato que ressalta ainda mais a importância da pesquisa ora realizada. Na literatura, há referência apenas às estruturas comitativas, simétricas e coordenadas, tema que constitui parte desta pesquisa e sobre o qual discuto no Capítulo 5.

2.2.1 O *mais* conector no português afro-brasileiro (GOMES, 2014)

No âmbito do português marcado etnicamente, analisei a realização do *mais* conector em quatro comunidades rurais afrodescendentes baianas, a saber: Helvécia, Cinzento, Sapé e Rio de Contas, formadas a partir do ajuntamento de escravos fugidos, da ocupação de terras abandonadas e do isolamento de ex-escravos nesses espaços. Devido a esses e outros fatores sócio-históricos, essas comunidades podem resguardar características do contato linguístico que estaria na origem do PB. Na seção 3.2.2.1 apresento mais detalhadamente o perfil dessas comunidades.

Um total de 48 entrevistas formou a amostra de fala vernácula, sendo 12 de cada comunidade. Os informantes foram selecionados considerando-se as variáveis *faixa etária* (faixa 1: 20-40 anos, faixa 2: 40-60 anos, faixa 3: mais de 60 anos), *sexo* (masculino, feminino), *escolaridade* (analfabeto, semianalfabeto) e *estada na comunidade* (ausência ou não da comunidade por período superior a 6 meses). Os números referentes aos dados coletados estão na Tab. 1.

Tabela 1: Dados coletados do português afro-brasileiro

	MAIS		COM/E		TOTAL
	Nº DE OCO.	FREQ.	Nº DE OCO.	FREQ.	
Subordinação	188	36%	330	64%	518
Coordenação	92	37%	158	63%	250
Total	280	-	488	-	768

As funções encontradas para o *mais* no português afro-brasileiro estão sintetizadas e exemplificadas a seguir:

(14) a. ADVÉRBIO

Ex. Era *mais* alto do que aquele pé de coquêro. (HV)

b. PRONOME INDEFINIDO

Ex. Isso já tá cum *mais* de quatro mês. (HV)

c. CONJUNÇÃO ADITIVA

Ex. Eu *mais* ele ia, pegava o ônibus. (HV)

d. PREP. INTRODUZINDO COMPLEMENTO DE V

Ex. Denestina (...) é casado *mais* Nezim. (HV)

e. PREP. INTRODUZINDO ADJUNTO DE V

Ex. Cantava *mais* os ôto. (CZ)

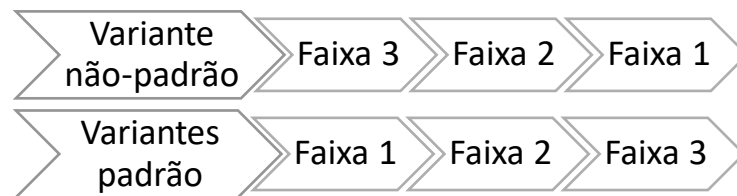
A pesquisa revelou que o *mais* coordena DPs, mas não orações; o coordenador para orações é a conjunção aditiva *e*. Esse é o mesmo padrão das línguas nigero-congolesas apresentado por Parkvall (2012), conforme o Quadro 4 e o Quadro 5.

Na análise dos condicionamentos sociais das variantes, foram selecionados como estatisticamente relevantes, pela ferramenta de análise quantitativa VARBRUL, os seguintes fatores: i) no contexto da subordinação *comunidade*, *faixa etária*, *estada na comunidade* e

gênero; e ii) no contexto da coordenação *comunidade, estada na comunidade e faixa etária*, nessa ordem.

Em relação à variável *comunidade*, os resultados obtidos revelaram que o *mais*, na função de partícula comitativa, é favorecido em Cinzento; na função de coordenador entre DPs, é favorecido em Helvécia. Para ambos os fenômenos variáveis, a variante *mais* revelou-se favorecida entre os informantes que permaneceram nas comunidades, ou seja, que não passaram um período superior a seis meses em outras comunidades, mantendo contato com variedades linguísticas diferentes. Além disso, os pesos relativos indicam que os *mais* velhos favorecem a realização da variante *mais*. O comportamento da variante não-padrão *mais* mostrou-se diretamente oposto ao das variantes padrão *e/com* da seguinte forma:

Figura 4: A variável faixa etária no português afro-brasileiro



Fonte: Elaborado pela autora.

Em Gomes (2014), afirmo que esse resultado aponta para um processo de mudança em progresso nas comunidades afrodescendentes: a variante *mais*, reflexo do contato da LP com línguas africanas na formação do PB, seria a estratégia de subordinação e coordenação entre DPs mais antiga nessas comunidades e estaria em processo de substituição pelas variantes cultas *e/com*.

Quanto aos condicionamentos linguísticos para o fenômeno da subordinação(*com*), foram apontados como relevantes a *referencialidade* e a *função do com-DP*. Para a coordenação entre DPs, foram selecionados como estatisticamente relevantes os fatores *referencialidade*, *estrutura do DP₁* e *função dos DPs*.

Para a variável *referencialidade* os dados foram codificados considerando-se os fatores [\pm definido] e genérico. Em ambos os fenômenos, a variante *mais* é favorecida quando há uma maior definitude dos termos. Os DPs introduzidos por preposição, na estrutura subordinada, foram codificados considerando-se três fatores fixados para a referencialidade. Embora tenham sido encontradas 5 ocorrências da variante *mais* introduzindo um termo genérico, como em (15a), são os DPs com traço [+definido], como em (15b), que favorecem a variante *mais*, com

.54 de peso relativo. Em (15c) há um exemplo em que o DP subordinado possui o traço [-definido]. A variante *com* é favorecida com .79 em contextos genéricos (GOMES, 2014:131).

- (15) a. Quande ‘cê está num lugá *mais* gente de cidade. (HV)
 b. Ele trabaia aqui *mais* eu. (CZ)
 c. Eu fui *mais* um prim’meu que já tinha ido. (RC)

Na coordenação, os DPs genéricos foram relacionados apenas pela conjunção aditiva *e* (16a). A variante *mais* só foi realizada com DPs com traço [+definido], como em (16b), com peso relativo de .58, e [-definido], como em (16c) (GOMES, 2014:110). Como mostrado na seção 2.1, no crioulo de Cabo Verde a partícula que exerce função comitativa também relaciona pronome forte e nome, dois nomes ou pronome forte e genitivo (BAPTISTA, 2002), termos *mais* referenciais com o traço [+definido].

- (16) a. Ajuntô *mais* de cinquenta em cima de um, entre mulé *e* home. (SP)
 b. Meu pai *mais* minha mãe nunca me recramô em nada. (RC)
 c. Eu num me lembro (...) Minha mãe *mai* os ôto é que sabe. (HV)

(GOMES, 2014:109-110)

Quanto à variável *função*, relevante para ambas as estruturas, obtive os seguintes resultados: i) na subordinação, o fator adjunto de VP, como em (17a), favoreceu a realização da variante *mais*, com .62 de peso relativo, enquanto o fator complemento de VP, como em (17b), favoreceu a variante padrão *com*, com .75 de peso relativo; ii) na coordenação, as funções sintáticas complemento e adjunto foram *mais* relevantes para a o uso da variante *e*, enquanto a variante *mais* é favorecida quando os DPs exercem funções sintáticas de sujeito, como em (18a), e aposto, a exemplo de (18b).

- (17) a. Poque ninguém nunca fez esse modo de...de viaja *mais* eles não. (CZ)
 b. Qu’eu casei *com* ela. (HV)

(GOMES, 2014:128)

- (18) a. Se eu *mais* ele morrê é tá tudo cabado. (CZ)
 b. Nós somo tudo primo... eu *mais* Florêngo, eu *mais* Madalena... (CZ)

(GOMES, 2014:112)

No Quadro 6, sintetizo as restrições sintáticas e semânticas da variante *mais* nas estruturas subordinada(*com*) e coordenada, estabelecendo uma comparação com os resultados das variantes *e/com*.

Quadro 6: Restrições sintáticas e semânticas do *mais* no português afro-brasileiro

		RESTRIÇÃO SINTÁTICA	RESTRIÇÃO SEMÂNTICA
Estrutura coordenada	MAIS	Só coordena DPs (determinados ou nus ²⁴)	Só é realizada com DPs com traços: <ul style="list-style-type: none"> • [+referencial], [±definido]; • [+animado].
	E	Coordena diferentes tipos de categorias como PP, CP, etc.	Coordena tanto DPs com traço [+referencial] quanto genéricos; Coordena DPs com traço [+animado] e [-animado].
Estrutura subordinada(<i>com</i>)	MAIS	-	Só introduz DPs: <ul style="list-style-type: none"> • Com interpretação de co-participação no evento, em contextos em que há a relação de <i>mais</i> de um participante no mesmo evento. • Com traço [+animado].
	COM	-	Introduz DPs com vários tipos de papel θ : agente, instrumento, tema, paciente, beneficiário, posse, companhia, tempo, etc; Introduz DPs com traço [+animado] e [-animado].

Com os resultados obtidos no universo do português afro-brasileiro, assumi que houve relexificação (LEFEBVRE, 1998, 2001; LEFEBVRE; LUMSDEN, 1994) e gramaticalização (ampliação das funções) do *mais*, na formação do PB, por conta do contato da LP com línguas africanas. A relexificação pode ser definida como um processo de substituição vocabular, conforme exemplo em (19). Itens lexicais das línguas do substrato são copiados, mantendo suas propriedades semânticas e sintáticas, mas tendo sua representação fonológica substituída por uma matriz fonética da língua-alvo. Para Muysken (1981a), deve haver algo em comum entre a semântica da entrada lexical copiada e a semântica da matriz fonética escolhida para fazer a relexificação.

²⁴ Os DPs *nus* são os que não possuem artigo.

(19)	CRIOULO HAITIANO	FRANCÊS	FONGBE
	<i>vyann</i>	<i>viande</i>	<i>làn</i>
	“carne”	“carne”	“carne”
	“animais comestíveis”		“animais comestíveis”
	(compl. do verbo <i>matar</i>)		(compl. do verbo <i>matar</i>)

(LEFEBVRE, 2008:199, *apud* GOMES, 2014:75)

Nessa perspectiva, na formação do PB, o *mais* parece ter sido a escolha fonética da LP, a língua-alvo, para relexificar uma entrada lexical copiada da(s) língua(s) do substrato africano, como no esquema em (20), visto que em muitas línguas introduzidas no Brasil por africanos, sobretudo as línguas bantas, ocorre o uso de uma mesma partícula como comitativo e coordenador entre DPs. Na ilustração a seguir utilizo o quimbundo, língua africana que de acordo com Petter (2006) teria sido falada em Salvador no período colonial, como exemplo de língua que possui o mesmo elemento para expressar gramaticalmente as duas funções e da qual esse item poderia ter sido copiado.

(20)	PORT. AFRO-BRASILEIRO	PORTUGUÊS	QUIMBUNDO
	<i>mais</i>	<i>com e mais</i>	<i>ne</i>
	partícula comitativa	✕	partícula comitativa
	coordenador entre DPs	✕	coordenador entre DPs
	= inclusão/adição	✕ ✕ ✕	= inclusão/adição

À direita, o quimbundo exemplifica uma língua do substrato africano que possui uma única partícula para exercer as funções sintáticas de comitativo e coordenador entre DPs e o significado associado é de inclusão/adição. No meio, localiza-se o português com as seguintes especificações: duas partículas distintas para cada função conectiva (*com/e*); três partículas com o mesmo significado básico de inclusão/adição (*com/e/mais*). À esquerda, encontra-se o dialeto do português afro-brasileiro, cuja partícula comitativa e coordenativa entre DPs é o *mais*. Esse item possui a especificação sintática e semântica da língua de substrato e fonologia da língua-alvo.

Os resultados obtidos para o *mais* conector nas comunidades afro-brasileiras inicialmente apontam essa variante como um reflexo do contato entre a LP e línguas africanas que chegaram à Bahia com africanos oriundos das regiões oeste-africana e banta, trazidos para exercer trabalho escravo no Brasil. Considerando as evidências empíricas apresentadas na seção

2.1, na África predomina o uso da mesma partícula desempenhando as funções de subordinador comitativo e coordenador entre DPs, embora outras línguas ao redor do mundo também registrem esse fenômeno, em menor escala.

2.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo, busquei apresentar algumas evidências que mostram a ocorrência de um mesmo elemento gramatical exercendo cumulativamente as funções de partícula comitativa e coordenativa entre DPs em línguas faladas na África ou formadas em condições sócio-históricas específicas, como os pidgins e os crioulos. Apresentei ainda que é possível supor a interferência de línguas com esse fenômeno no Brasil, e na Bahia, por conta do intenso tráfico negreiro que se estendeu por quase quatro séculos, introduzindo, forçadamente, em terras brasileiras africanos bantos e sudaneses para trabalho escravo.

O fato de o português afro-brasileiro exibir um padrão análogo ao encontrado em línguas pidgins e crioulas, bem como às línguas africanas, fundamenta a hipótese mais ampla de que a relexificação e gramaticalização do advérbio *mais*, no período formativo do PB, foi uma mudança induzida pelo contato entre línguas. Uma proposição reforçada também pelo fato de tal padrão não se encontrar na gramática do português europeu.

Por esse motivo, nesta tese, a mesma hipótese é estendida para o estudo de outras variedades da linguagem popular: o português falado no interior do Estado da Bahia e o português falado na capital baiana, Salvador. Ao traçar a trajetória do *mais* conector em diferentes cenários sociolinguísticos, busco, em última instância, fornecer subsídios para ampliar a caracterização do PB, na perspectiva de que o contato entre línguas atuou na reestruturação da LP no Brasil, sobretudo em sua vertente popular.

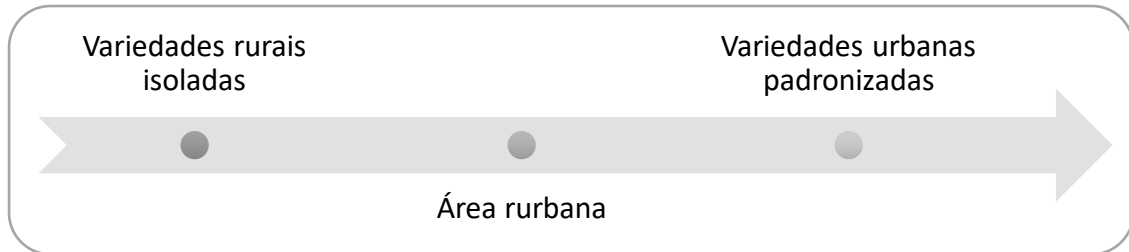
2.3.1 A perspectiva de análise variacionista: objetivo e hipóteses

É um pressuposto para esta tese que o efeito do contato entre línguas é relevante para a aquisição e difusão da variante *mais*, nas funções de conector, no português popular. Dessa forma, para realizar a pesquisa aqui projetada, selecionei um *corpus* representativo do português popular baiano, visando recobrir variedades de diferentes normas: rural, rurbana e urbana.

Bortoni Ricardo (2004) propõe a análise do PB a partir de três *continua*, um modelo teórico capaz de evitar a demarcação rígida de limites entre as variedades linguísticas,

permitindo captar o gradiente de normas. Um deles, o *continuum* de urbanização, é representado pelo seguinte esquema:

Figura 5: *Continuum* de urbanização de acordo com Bortoni-Ricardo (2004)



Fonte: Adaptado de Bortoni-Ricardo (2004:52)

As variedades rurais isoladas são as mais estigmatizadas socialmente, enquanto as variedades urbanas padronizadas seriam as mais privilegiadas. Entre elas, há a zona rurbana, caracterizada da seguinte forma pela autora:

Os grupos rurbanos são formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semi-rurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia seja pela absorção da tecnologia agropecuária. (BORTONI-RICARDO, 2004:52)

Considerando as nuances desse eixo rural-urbano da norma popular brasileira, Lucchesi (2015:216-218) atualiza esse *continuum*. Em um extremo estaria a norma que exhibe mais nitidamente as influências do contato entre línguas, ou seja, o português afro-brasileiro, e opondo-se a ela estaria o PPC das grandes cidades, mais afetado pela escolarização e exposição à mídia. Entre esses dois polos, as normas intermediárias graduam-se entre rurais e rurbanas das cidades de pequeno, médio e grande porte. De acordo com esse modelo, as comunidades investigadas neste trabalho podem ser ranqueadas na seguinte ordem:

Figura 6: Disposição das comunidades num *continuum* do português popular baiano



Fonte: Elaborado pela autora.

Em um extremo está o português afro-brasileiro, representado pelas comunidades de Helvécia, Sapé, Cinzento e Rio de Contas. O PPI compreende as normas intermediárias, representadas pelas comunidades rurais não marcadas etnicamente de Poções, Santo Antônio de Jesus e Feira de Santana e pelas comunidades das sedes desses municípios. No outro extremo, o PPC se faz representar por amostras de fala de quatro bairros soteropolitanos, Cajazeiras, Itapuã, Liberdade e Plataforma. Os efeitos do contato na reestruturação da LP são mais evidentes nos níveis mais à esquerda da escala.

Para compreender o processo de difusão do *mais* conector nas normas populares do falar baiano, faz-se necessário, primeiramente, descrever seus condicionamentos sociais. Sendo assim, posso definir da seguinte forma o **objetivo sociolinguístico** desta tese:

- Descrever os condicionamentos da variante *mais* em diferentes normas populares baianas a fim de se estabelecer a trajetória do fenômeno *mais* conector no cenário sociolinguístico do português popular do Estado da Bahia, na esteira de um *continuum* que recobre das variedades mais isoladas e afetadas pelo contato entre línguas até a norma linguística da capital Salvador.

Considerando a influência do contato entre línguas na formação das normas populares do PB, e o pressuposto de o *mais* conector ser um vestígio desse contato, na **hipótese** desta pesquisa, a variante não-padrão *mais* deve ter maior evidência no português afro-brasileiro, enquanto esse percentual deve cair gradualmente até o outro extremo onde está a norma urbana da capital, mais afetada pelos efeitos da urbanização e escolarização. As variantes padrão *e/com* devem ter maior notoriedade no sentido oposto, da direita para a esquerda (cf. Figura 6). No Capítulo 3, faço algumas considerações acerca das comunidades de fala situadas no *continuum* linguístico.

Quanto à dimensão sociolinguística desta pesquisa, busco demonstrar que o fenômeno investigado se insere de forma significativa, por conta de suas especificidades e paralelos com as línguas africanas e crioulas, entre as marcas deixadas pelo contato linguístico no PPB. Os resultados encontrados para o *mais* conector no português afro-brasileiro, a presença desse fenômeno no português popular baiano e sua ausência no *corpus* do NURC-Brasil, amostra de fala vernácula *culta* de cinco capitais brasileiras, dentre elas Salvador, são evidências em favor desse pressuposto.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O presente trabalho tem como objetivo geral investigar a **mudança** na partícula *mais*, que tem suas funções ampliadas e passa a atuar como um conector no português popular baiano, em dois contextos sintáticos: em subordinação(*com*), a exemplo de (1a), e em coordenação entre DPs, a exemplo de (2a). Como a língua já dispõe de outras partículas para exercer as mesmas funções, a preposição *com*, como em (1b) e a conjunção aditiva *e*, como em (2b), o *mais* conector gera **variação** no sistema linguístico.

(1) a. João viajou *mais* Maria.

b. João viajou *com* Maria.

(2) a. João *mais* Maria viajaram.

b. João *e* Maria viajaram.

A fim de estabelecer uma correlação entre os dados empíricos observados no português popular baiano e a mudança funcional da partícula *mais*, adoto a perspectiva de análise da Sociolinguística Paramétrica (TARALLO, 1987; TARALLO; KATO, 1989). De acordo com Duarte (2016:34), a Sociolinguística Paramétrica é a aplicação do modelo da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1975]; LABOV, 1982, 1994, 2008[1972]) utilizando como componente gramatical alguns pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros (P&P) (CHOMSKY, 1981). Tarallo (1987) propõe a leitura/interpretação dos resultados de pesquisas variacionistas à luz da Teoria da Gramática.

Busco investigar o fenômeno linguístico *mais* conector em sua dimensão sócio-histórica e em sua dimensão psíquico-biológica, pois considero os fatores externos e internos fundamentais para entender a mudança. Conciliar modelos tão distintos de análise não é tarefa fácil e a esse respeito Tarallo (1987:75) se posiciona da seguinte forma: “o leve e o pesado; o quente e o frio; a luz e a obscuridade: o universo e o sentido das coisas divididos em duplas de contrários. Contrários que, no entanto, se justificam, se explicam e se completam”.

O que procuro fazer no trabalho ora apresentado é utilizar elementos da Teoria da Gramática na análise do fenômeno e utilizar o arcabouço teórico e, sobretudo, o instrumental metodológico da Sociolinguística para investigar o processo de mudança na partícula *mais*. Os pressupostos gerativistas são importantes, dentre outros, na definição das hipóteses linguísticas a serem investigadas, aqui sistematizadas como *grupos de fatores*. Realizo uma análise baseada

em dados reais, coletados em comunidades de fala, e na intuição de falante²⁵. A respeito de considerar os mecanismos da competência linguística em uma análise variacionista, Chambers afirma o seguinte:

(...) qualquer teoria não categorial consistente, tal como a teoria da variação linguística, deve incorporar - ou ao menos ser coerente com e não contradizer - as propriedades gerais da competência linguística que emergiram com admirável clareza no paradigma chomskiano. Com “propriedades gerais”, eu me refiro à linguagem como uma faculdade mental, inata e especificada para a espécie, que, quando estimulada pela experiência social, cria uma gramática por meio da marcação de parâmetros em princípios universais, que podem em alguma medida ser estruturalmente determinados e, dessa forma, ser independentes de princípios cognitivos não linguísticos. (CHAMBERS, 1995:29)

Neste capítulo, faço algumas considerações sobre a diversidade do PB, explicada pela ótica do contato entre línguas, na seção 3.1. Os processos de variação e mudança linguística não são compreendidos fora do seu contexto social, por esse motivo, cabe apresentar algumas hipóteses explicativas para a atual tendência do PB, tendo em vista o afastamento entre as variedades cultas e populares, e para a formação do PPB, do qual o português popular baiano é parte integrante.

A seção 3.2 tem como foco as teorias linguísticas aparentemente inconciliáveis: a Teoria da Gramática e a Sociolinguística. Apresento as principais diferenças teóricas e metodológicas de cada uma delas e a proposta da Sociolinguística Paramétrica. Em seguida, faço uma descrição dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa. Utilizo o arcabouço metodológico da Sociolinguística por ser um método capaz de orientar a seleção, o tratamento e a análise quantitativa dos dados produzidos pelos falantes de uma comunidade.

O capítulo encerra com as considerações finais parciais, na seção 3.3.

3.1 A DIVERSIDADE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NA PERSPECTIVA DA POLARIZAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

A diversidade de uma língua reflete sua história e configuração social. No caso da LP, o afastamento entre as variedades nacionais, brasileira e europeia, já é consagrada. Segundo Lucchesi (2017:357), “a história linguística do Brasil é completamente distinta da história da

²⁵ A intuição linguística é necessária para se obter dados *agramaticais*, a chamada evidência negativa, contrapondo-se à evidência positiva dos dados *gramaticais* coletados nas comunidades de fala.

língua em Portugal, um dos raros casos em que as fronteiras políticas e linguísticas coincidem quase plenamente”. No universo do PB, a heterogeneidade se manifesta, dentre outras formas, no contraste entre a língua da elite e a linguagem popular. Na Linguística, um conceito está fundamentalmente relacionado à questão dos diferentes comportamentos linguísticos de grupos sociais, e começo esta seção exatamente nesse ponto, retomando a definição de *norma*.

No âmbito dos estudos estruturalistas, Coseriu (1979) formula esse conceito como sendo parte de uma tricotomia: sistema, norma, fala. O mais abstrato, o sistema, representa o conjunto de unidades da língua e suas possibilidades de uso; a norma refere-se a uma representação abstrata e coletiva do sistema, um padrão de uso em determinado grupo social, podendo ser do tipo regional, estilística, ligada à estratificação social, etc; o mais concreto, a fala é o uso individual da língua pelo falante em um ato comunicativo. Em suma, o sistema seria o conjunto de possibilidades da língua, a norma o conjunto de realizações compartilhadas e a fala a realização individual do sistema.

A definição de *norma* foi reinterpretada pela Sociolinguística Variacionista como sendo a forma de uma comunidade de fala usar a língua, a gramática de um grupo social. Em seu ensaio sobre a história sociolinguística brasileira, Lucchesi (2015) desenvolve a noção de *norma sociolinguística* para dar conta de que a diferença entre normas cultas e populares não é apenas linguística, mas também ideológica, ou seja, não se trata apenas de usos linguísticos diferentes, mas também de julgamentos sociais diferentes desses usos. A expansão do conceito procura “capturar os conflitos ideológicos dentro de uma comunidade de fala complexa, como as encontradas nas sociedades de classe” (LUCCHESI, 2015:45).

Discutindo a diversidade do PB, Mattos e Silva (2008) levanta a seguinte questão: “por que razões o português brasileiro é assim polarizado?” E oferece uma resposta: “na minha compreensão, só fatores de natureza histórica podem conduzir a uma interpretação da questão em foco”. Na formulação de Lucchesi (2015), as normas cultas e as populares estariam em oposição no PB, configurando uma *polarização* no plano da língua, como resultado de um processo histórico de clivagem social que remonta ao início da colonização lusitana no Brasil.

A primeira oposição entre essas normas teve seus contornos definidos no período caracterizado por Lucchesi (2017:375) como *multilinguismo generalizado*, que vai de 1532 até 1695. Essas datas marcam, respectivamente, o início efetivo do Brasil Colônia, com a fundação da Vila de São Vicente e o estabelecimento do sistema de capitanias hereditárias, no Séc. XVI;

a desarticulação do quilombo de Palmares²⁶, em Alagoas, e a descoberta das minas de ouro e pedras preciosas, na região de Minas Gerais, no Séc. XVII. Esse período é fortemente marcado pelo contato entre as línguas dos *índios*, os primeiros donos da terra; dos *portugueses*, os colonizadores que implantaram na Colônia uma economia agroexportadora, baseada na exploração do ser humano e da terra; e dos *africanos*, importados pelo tráfico negreiro como mão-de-obra escrava para sustentar o projeto colonial português. De acordo com a obra *Para uma história do negro no Brasil*, da Biblioteca Nacional (1988), o Brasil foi o maior importador de escravos das Américas.

Centenas de línguas indígenas ainda eram faladas no Brasil, além das chamadas línguas gerais, de base indígena tupi e tupinambá, formadas nas sociedades mestiças de mamelucos²⁷. As línguas gerais predominavam em São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Maranhão, Pará, se expandindo até o interior do Amazonas, onde a LP era minoritária (RODRIGUES, 2006). Entre os africanos, há evidências históricas do uso de línguas francas, sobretudo o quimbundo (PETTER, 2006). Além disso, é possível que variedades pidginizadas/crioulizadas tenham surgido no Nordeste como resultado desse contato massivo. Guy (2005) argumenta em favor de uma crioulização, mas outros autores defendem não haver registros de comunidade crioulófona no Brasil. Nesse período, o contato entre línguas tem papel central para definir uma polarização. Entre as massas dominadas, o português era falado como L2 ou como uma variedade nativizada resultante de um processo de *transmissão linguística irregular* (BAXTER, 1995; LUCCHESI, 2001; 2003; LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009). Por outro lado, a administração colonial e as autoridades eclesiásticas utilizavam o português decalcado do modelo lusitano (LUCCHESI, 2017).

De acordo com Mattoso (2001[1982]), em relação ao aprendizado da LP pelos escravos no Brasil, o universo de letramento era de acesso proibido, mesmo aos forros. Na maioria dos casos, os senhores consideravam suficiente uma proficiência mínima para a comunicação.

²⁶ “Os quilombos (...) formaram-se em praticamente todas as regiões do Brasil. O quilombo dos Palmares, organizado na serra da Barriga, Alagoas, em 1630, foi o mais importante de todos. Seus milhares de habitantes, os quilombolas, sustentaram a liberdade até 20 de novembro de 1695, quando as forças chefiadas pelo bandeirante Domingos Jorge Velho mataram Zumbi, o último grande líder de Palmares”. (BIBLIOTECA NACIONAL, 1988:11)

²⁷ Rodrigues (2006) estima que inicialmente, mais de mil línguas indígenas eram faladas no Brasil quando os colonizadores desembarcaram em solo brasileiro.

A educação escolar do escravo é totalmente proibida no Brasil e os próprios forros não têm o direito de frequentar aulas. Essa proibição será mantida durante toda a época da escravidão, mesmo durante a segunda metade do século XIX, em plena desagregação do sistema servil. Senhores e curas que resolvem ensinar a leitura e a escrita a escravos transgridem as regras estabelecidas e são poucos. (...) O problema da linguagem é resolvido, e bem depressa, pelo senhor que se contenta com ser entendido. Melhor ainda, é o escravo canhestro que vai finalmente deformar a língua falada pelos brasileiros de todas as categorias sociais. (MATTOSO, 2001[1982]:113)

De acordo com Mattos e Silva (2008), o português trazido da Europa foi adquirido pela massa populacional “como segunda língua, com modelos defectivos da língua alvo, sem o controle normativo da escolarização”. Como resultado desse processo peculiar de aquisição e nativização, o PPB é caracterizado por uma simplificação morfológica. “O vernáculo falado no Brasil, devemos nós aos africanos e afrodescendentes que adquiriram, (...), a língua alvo, a língua oficial - a partir do século XVIII - da colonização, a língua portuguesa” (MATTOS E SILVA, 2008).

Na perspectiva da constituição do PB, Baxter e Lucchesi consideram que a forte influência do contato teria desencadeado um processo de *transmissão linguística irregular*, de tipo leve (BAXTER, 1995; LUCCHESI, 2001; 2003; LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009). A variedade mais ou menos defectiva e/ou reestruturada de L2, falada entre os segmentos dominados, índios e africanos, teria se nativizado entre seus descendentes, formando historicamente o que se pode denominar português popular brasileiro. Esse processo de reestruturação estaria na origem de muitas características que separam a norma culta no Brasil das variedades populares.

Não obstante o cenário inicial dicotômico, grandes mudanças ocorreram na estrutura social do país, no período que vai de 1695 a 1930, favorecendo a imposição do português como língua hegemônica, em uma fase que Lucchesi (2017:375) chama de *homogeneização linguística*. A descoberta das primeiras jazidas de ouro e pedras preciosas em Minas Gerais muda a rota do projeto colonial e promove um novo ciclo de tráfico intercontinental de escravos, bem como a chegada de muitos portugueses interessados na mais recente fonte de riquezas da Colônia, provocando um aumento populacional significativo, primeiro “surto de urbanização” do Brasil. No plano linguístico, a urbe cria “condições para um processo mais efetivo de normatização do uso linguístico, com uma norma culta, forjada no universo letrado” (LUCCHESI, 2017:369).

Em 1808, a Corte portuguesa desembarca em terras brasileiras, instalando-se no Rio de Janeiro, e a difusão da LP, já facilitada pela mudança da geografia humana, é impulsionada pelo prestígio de que a aristocracia portuguesa goza entre a população nativa. São desse período

grandes marcos do processo civilizatório no país, como a fundação da Escola de medicina na Bahia e da Academia militar do Rio de Janeiro, a criação da Biblioteca nacional e do Jardim botânico, construção de prédios públicos e abertura de portos, dentre outros. Outro fator fundamental para essa fase da história, com importantes implicações sociolinguísticas, é a extinção do tráfico de escravos, em 1850. Seca-se a principal fonte do multilinguismo no Brasil²⁸.

A partir de 1930, até os dias atuais, a formação histórica da sociedade brasileira é caracterizada por um *nivelamento linguístico*, nos termos de Lucchesi (2017:376). Se no período colonial e imperial do Brasil o comportamento linguístico da elite letrada distanciava-se dos usos da população socialmente marginalizada, configurando uma polarização radical, na década de 1930, essa oposição sofre um declínio como resultado da industrialização e da urbanização. A Revolução de 1930 promove uma enorme mudança na estrutura social do país. A economia basicamente agroexportadora passa a girar em torno das indústrias, provocando um êxodo rural quando a população migra, em massa, do campo para a cidade. Cresce o acesso à escolarização, uma vez que a indústria precisa de mão-de-obra qualificada, e os meios modernos de comunicação se multiplicam.

De acordo com a obra *Estatísticas do Século XX*, do IBGE (2007), “uma das mais importantes transformações ocorridas na sociedade brasileira durante o Século XX consistiu no processo de urbanização”. O percentual referente à população urbana em 1940 era de 31,2%, passando a 67,6% em 1980, “com sensível aumento da velocidade da mudança na década de 1960-1970, quando se deu a efetiva inclusão do país na faixa das nações urbanas”. Em relação às mudanças tecnológicas na década de 1930, os rádios de válvula permitiram a ampliação do número de estações, e, conseqüentemente, do público ouvinte. Na década de 60, o país já possuía 735 estações de rádio e 15 emissoras de televisão. O crescimento acelerado permite que, na década seguinte, os números cheguem a 1.004 e 63, respectivamente, segundo as *Estatísticas* do IBGE (2007).

A urbanização, a industrialização, a expansão da rede escolar de ensino e o aumento da influência dos meios de comunicação, sobretudo, o rádio e a televisão, favorecem a expansão da norma culta pela sociedade brasileira. Segundo Lucchesi (2017:373), no *nivelamento*

²⁸ A mão-de-obra africana acabou por ser substituída pela entrada massiva de trabalhadores europeus e asiáticos no país, mas “as condições enfrentadas pelos imigrantes eram muito mais favoráveis do que as impostas aos antigos escravos, de modo que os efeitos do contato linguístico massivo, nesse caso, terão sido muito mais leves do que entre a população de origem africana. Por outro lado, a rápida ascensão social de muitos imigrantes viria a constituir um fator atenuante da forte clivagem linguística do país” (LUCCHESI, 2017:371).

linguístico “a norma urbana de prestígio se impõe aos diversos segmentos sociais, aplainando a antiga diversidade dialetal diatópica”. Algumas pesquisas têm mostrado uma tendência ao apagamento das marcas que o contato produziu, como é o caso deste estudo, conforme resultados apresentados no Capítulo 4. No entanto, esse nivelamento tem sido limitado, porque a assimilação da norma culta ainda é bastante restrita para uma parte da população que não se encontra integrada aos processos supracitados, vivendo em condições sub-humanas, geralmente aglomerados em favelas e longe dos seus direitos civis. Um problema social resultante do abandono de ex-escravos, deixados à própria sorte pelo poder público, como fica claro nos seguintes trechos:

A abolição, mesmo tendo havido movimentação dos negros, foi um negócio de brancos. Ela tirou o negro da condição de escravo, mas deixou de lado as propostas de abolicionistas como Patrocínio, Nabuco e Rebouças: distribuição de terras para os ex-escravos, assistência econômica e social, acesso à educação, ampliação do direito à participação política, reformas, enfim, que fizessem do negro um cidadão. (BIBLIOTECA NACIONAL, 1988:49)

Enquanto o imigrante europeu já estava ajustado às regras de mercado de trabalho na sociedade competitiva, o negro não dispunha de tempo para se readaptar e ainda enfrentava o estigma da cor. De “agente privilegiado” do trabalho passou à condição de “negro refugado”. A ele, excetuando-se os que tiveram a oportunidade de se qualificar profissionalmente, ainda na sociedade escravista, foram destinados os serviços brutos e braçais nas cidades - os “serviços de negro” - e a economia de subsistência, junto com os brancos pobres, nas roças e fazendas. Na cidade ou no campo, eles foram, em sua maioria, ‘marginalizados’. (BIBLIOTECA NACIONAL, 1988:49, 50)

Apesar de terem contribuído para a formação da sociedade brasileira e para a consolidação econômica do país, os afrodescendentes têm sido historicamente excluídos dos espaços de cidadania e riqueza, constituindo um grupo demograficamente majoritário e falante das normas populares do português do Brasil. A cultura da desigualdade social inevitavelmente deixa marcas no plano linguístico, e a diversidade do idioma nacional ainda se define como uma realidade polarizada (LUCCHESI, 2017).

Finalizo esta seção ressaltando um aspecto importante para esta pesquisa: o modelo teórico de *polarização* não exclui a percepção de *continuum* linguístico. A chamada norma culta do Brasil se opõe à norma popular, e esses extremos são interligados por um gradiente de variedades linguísticas, os níveis intermediários. Segundo Lucchesi (2015:153) “à medida que se passa do polo extremo da norma popular para o ápice da norma culta, cresce progressivamente o grau de urbanização e letramento, bem como o espectro da variação estilística. Assim, vão se descortinando sucessivos cenários sociolinguísticos, que podem ser assim discriminados, considerando a escala *rural* > *rurbano* > *urbano*” (cf. seção 2.3.1).

3.2 A SOCIOLINGUÍSTICA PARAMÉTRICA

A Sociolinguística Paramétrica (TARALLO, 1987; TARALLO; KATO, 1989) integra elementos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1975]; LABOV, 1982, 1994, 2008[1972]) e da Teoria da Gramática (CHOMSKY, 1981) no estudo da mudança, buscando associar o comportamento linguístico real da comunidade de fala e a competência linguística do falante. Mas as duas teorias linguísticas podem parecer incompatíveis, paradoxais: para a primeira, os fatores externos são fundamentais para a compreensão da mudança; para a segunda, a mudança é interna e, em princípio, independe de fatores de natureza social, cultural e/ou histórica.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006[1975]) uma análise sobre a mudança deve responder a cinco questões, chamadas de *problemas*. São eles:

- a) *Problema das restrições (constraints problem)*: quais os limites da variação e da mudança?
- b) *Problema da transição (transition problem)*: quais as fases da mudança?
- c) *Problema do encaixamento (embedding problem)*: qual a relação entre a variável observada e a estrutura linguística e social?
- d) *Problema da avaliação (evaluation problem)*: como o falante recebe e avalia a variante?
- e) *Problema da implementação (actuation problem)*: por que determinada mudança aconteceu num determinado momento e lugar e não em outro?

O *problema das restrições* parece ser o ponto que aproxima gerativistas e sociolinguístas: a compreensão do funcionamento da gramática universal (GU) oferece suporte à compreensão do que pode e do que não pode sofrer variação e mudança. Outros dois problemas que também podem associar as duas teorias são, de acordo com Tarallo (1987:54-55), o *problema do encaixamento*, referente ao enraizamento e a posição da mudança/variação na “matriz de concomitantes linguísticos das formas em questão” e a associação dessa mudança/variação a outras; e o *problema da implementação*, ou seja, os fatores envolvidos na implementação da mudança/variação.

Como já foi dito na introdução do capítulo, busco estabelecer essa relação na pesquisa apresentada através de uma análise do *mais conector* a partir de pressupostos gerativistas e variacionistas. Diversos trabalhos têm sido realizados sobre aspectos sintáticos do PB na

perspectiva da Sociolinguística Paramétrica, tanto sobre aspectos sincrônicos como diacrônicos: Kato (2000); Duarte (2004); Barbosa, Duarte, Kato (2005); Kato e Duarte (2005); Soares da Silva (2006, 2011); Martins (2009); Figueiredo (2009); Barros (2018). Alguns exemplos de fenômenos estudados nessa perspectiva podem ser observados em (3), (4) e (5):

(3) OBJETO NULO

PE: Ganhei **um livro que eu queria muito**_i, amanhã vou ler _____i.

PB: Ganhei **um livro que eu queria muito**_i, amanhã vou lê-**lo**_i.

(4) PERDA DO SUJEITO NULO

PE: ____ Vou ler o livro amanhã.

PB: Eu vou ler o livro amanhã.

(5) VARIAÇÃO LIVRE DA ORDEM VERBO-SUJEITO

PE: Chegaram meus amigos.

PB: Meus amigos chegaram.

A seguir faço uma breve descrição dos principais fundamentos da Teoria da Gramática e da Sociolinguística, tendo como foco a concepção de língua, a delimitação do objeto de estudo e como a mudança linguística é abordada em cada modelo.

3.2.1 Teoria da Gramática e Sociolinguística Variacionista: um diálogo possível

O advento do *Curso de Linguística Geral* de Saussure 1973[1916] revolucionou os estudos linguísticos e propôs uma ciência linguística formalista, priorizando o estudo da estrutura e do funcionamento da língua. Posteriormente, com a gramática gerativo-transformacional de Chomsky (1957), o foco dos estudos linguísticos ainda era explicar o funcionamento da língua, mas na perspectiva da estrutura mental da gramática, a dimensão psíquico-biológica do sistema abstrato inato à espécie humana. Embora os estruturalistas saussurianos defendessem a língua como um fato social, uma perspectiva abandonada pelos gerativistas, deixaram de fora da análise do fenômeno linguístico os fatos de natureza social e histórica. Dessa forma, a teoria da variação e mudança surge propondo-se a observar a variação linguística no seio da comunidade de fala, considerando a dimensão sócio-histórica do

fenômeno linguístico, e por essa escolha teórica afasta-se do saber inato individual, o funcionamento da língua na mente do falante.

A **Teoria da Gramática** postulada por Chomsky (1957, 1981, dentre outros) busca descrever e explicar a competência linguística, uma gramática humana universal, inata, da espécie, bem como explicitar os mecanismos gramaticais subjacentes a ela. Essa competência linguística seria a capacidade que habilita um ser humano a adquirir, “interiorizar”, um ou vários sistemas linguísticos (MIOTO *et. al.*, 2007). De acordo com Chomsky, trata-se de uma teoria linguística inata que fornece a base da aprendizagem linguística.

O aparato genético, ou faculdade da linguagem, seria um conjunto das gramáticas possíveis nas línguas humanas, e, a partir dessa GU uma criança adquire uma gramática particular baseada na experiência linguística. De acordo com o modelo de P&P (CHOMSKY, 1981), a GU compreende **princípios** gerais que toda gramática/sistema linguístico deve atender, mas, contrapondo-se a essa universalidade, estão as diferenças observadas entre as línguas. Para dar conta dessas diferenças Chomsky postula a noção de **parâmetro**: as escolhas dentro de um conjunto de opções definidos pela GU, o lugar da variação. Por possuírem valores diferentes, os parâmetros são os responsáveis pela variação entre as línguas. A esse respeito, Tarallo faz a seguinte consideração:

A existência de parâmetros variáveis na gramática universal chomskiana é um pressuposto a partir do qual se compatibilizam, de um lado, a hipótese da gramática universal inata e de outro, a diversidade das línguas existentes. Tentativamente, parâmetros poderiam ser definidos como conjuntos de propriedades delineadoras e diferenciadoras de sistemas linguísticos diversos. (TARALLO, 1987:53)

As diferenças sintáticas observadas entre estágios diferentes de uma língua são consideradas *paramétricas*. Os parâmetros²⁹ de uma gramática são marcados nos estágios iniciais da aquisição, dessa forma, é possível afirmar que para a teoria a aquisição da linguagem é *a seleção de uma gramática, a fixação de parâmetros*. Cabe à criança descobrir quais são os valores paramétricos de sua gramática, de sua língua, definidos pela GU. As sentenças em (4) exemplificam o Parâmetro do Sujeito Nulo. Na perspectiva da Sociolinguística Paramétrica, Duarte (1995) faz um estudo, a partir de uma amostra de fala culta carioca, partindo da hipótese de que o PB passava por uma remarcação do valor [+Sujeito Nulo] para [-Sujeito Nulo], passando a preencher a posição de sujeito.

²⁹ Há ainda a noção de *microparâmetro*, as unidades mínimas de variação paramétrica em dialetos contemporâneos de uma mesma língua.

Para a teoria gerativa a **mudança** linguística é impulsionada no processo de aquisição de L1. A fim de elucidar a questão da aquisição, apresento o seguinte trecho de Chomsky:

Para aprender uma língua, a criança deve então possuir um método próprio para elaborar uma gramática a partir dos dados linguísticos primários. É uma condição prévia da sua aprendizagem que disponha, primeiro, de uma teoria linguística caracterizando a forma da gramática de uma língua humana possível, e segundo, de uma estratégia lhe permitindo escolher uma gramática da forma apropriada compatível com os dados linguísticos primários. (CHOMSKY, 1965:251)

Dois componentes atuam na aquisição da linguagem: i) os princípios inatos, GU; e ii) os dados linguísticos primários (DLPs), o *input*, a experiência dos dados linguísticos que a criança tem ao seu redor. Os princípios são constantes, mas os DLPs mudam de uma geração para outra, pois o ambiente é constantemente afetado por fatores sociais, culturais, históricos. Como a aquisição depende da interação entre GU e DLPs, a mudança pode ocorrer no processo de aquisição, durante o período de marcação dos parâmetros, e é abrupta. De acordo com Chomsky, os princípios interagem com a experiência para produzir uma língua particular.

Chomsky estabelece a dicotomia Língua-E vs. Língua-I: a primeira seria externa, o conjunto dos enunciados produzidos por uma comunidade linguística; a segunda o saber interiorizado pelo falante, a GU. A criança só tem acesso à Língua-E dos pais. A definição dos níveis Língua-E e Língua-I permite associar fatores externos ao processo de aquisição sem prejuízo à teoria da autonomia sintática. É possível afirmar que a sociolinguística dá conta da Língua-E, mas não da Língua-I. Como o comportamento linguístico do falante é determinado pelo saber linguístico internalizado, é importante conjugar uma análise variacionista à uma teoria da estrutura da língua, como a gerativa, a fim de descrever e explicar um fenômeno investigado.

A Teoria da Gramática busca identificar os princípios da GU, ou seja, o que não muda nas línguas. Em relação à variação, ocupa-se das diferenças paramétricas entre as línguas, a variação interlinguística. A Sociolinguística, por outro lado, ocupa-se da variação/mudança intralinguística. Para a Sociolinguística Paramétrica os mecanismos que regem a variação intralinguística são os mesmos que regem a variação interlinguística.

O aporte teórico-metodológico da **Sociolinguística Variacionista**³⁰, no Brasil desde a década de 1970, tem sido a base para diversas pesquisas que objetivam explicar fenômenos linguísticos do PB à luz de fatores sociais. A Teoria da Variação e Mudança, como também é conhecida, parte dos postulados de Weinreich, Labov e Herzog (2006[1975]) e dos estudos realizados por Labov (1982, 1994, 2008[1972]), e se propõe a tratar o fenômeno linguístico no contexto sociocultural da comunidade de fala, compreendendo que os aspectos funcional e social da língua são indissociáveis, não sendo possível entender um sem o outro. É possível afirmar que essa vertente dos estudos linguísticos elege como seu objeto de estudo a diversidade linguística da comunidade de fala.

É um pressuposto fundamental para a Sociolinguística a variação ser parte de como o sistema funciona e ser o ponto que pode desencadear uma mudança. Na abordagem sociolinguística, a variação e a mudança advêm da realidade social e não representam um problema para a estrutura da língua, pelo contrário, a variação está *no* sistema, faz parte dele. Essa variação inerente está relacionada com a **mudança** nas línguas. Weinreich, Labov e Herzog (2006[1975]) consideram que “o comando nativo das estruturas heterogêneas não é matéria de multidialetalismo ou de ‘mero’ desempenho, mas é parte da competência linguística monolíngua”, ou seja, a variação não estaria apenas no desempenho, mas também na competência.

Observar o fenômeno linguístico a partir da perspectiva da Sociolinguística Variacionista é colocar no centro da análise a questão da diversidade sociocultural da comunidade de fala. A pesquisa sociolinguística busca explicar a gramática da comunidade de fala, ou seja, os padrões coletivos de comportamento linguístico, em seu contexto social. Para Labov (2008[1972]), é fundamental determinar as mudanças na estrutura social que refletem mudanças na estrutura da língua. De acordo com Lucchesi (2015:31), “os fundamentos do programa de pesquisa da Sociolinguística derivam da assunção de que é possível desenvolver um estudo empírico consistente da mudança linguística por meio da análise sistemática dos processos de variação observados em um dado momento da fala”.

A variação linguística se verifica quando duas ou mais variantes coexistem. Quando uma dessas variantes se estabelece e se sobrepõe à(s) outra(s), há mudança linguística. A

³⁰ De acordo com Monteiro (2000), há uma macrosociolinguística, que estuda as relações entre língua e sociedade, de modo geral; e uma microsociolinguística, na qual está a situada a Sociolinguística Variacionista. Essa vertente também é conhecida como: *Sociolinguística Laboviana*, pois seu grande expoente é William Labov; *Sociolinguística Quantitativa*, devido ao método de quantificar dados para análise; e *Teoria da Variação e Mudança*, por se tratar de uma teoria que pretende dar conta de explicar a variação e a mudança nas línguas.

escolha de um falante por uma ou outra forma de uso da língua não é aleatória, mas regular e sistemática, porque é condicionada por fatores linguísticos (internos) e sociais (externos). A análise sistematizada da variação permite a formulação de *regras variáveis*. Através delas é possível perceber que a escolha do falante por uma ou outra variante é regida por condicionamentos linguísticos e sociais. As regras variáveis são uma descrição desses condicionamentos, por isso elas são *sistemáticas*.

De acordo com Labov (2008[1972]), “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas, ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. De acordo com Coelho *et. al.* (2015:67), a “Sociolinguística se preocupa essencialmente com a gramática geral da comunidade de fala, e não com o sistema específico de um ou outro indivíduo”, esse então seria “o *locus* do estudo da língua”. Nesse ponto é possível perceber um distanciamento entre a perspectiva variacionista e a gerativista.

Como já foi dito, a teoria linguística gerativa é adotada nesse trabalho para tratar do fenômeno investigado em sua dimensão formal. Na etapa de fixação das variáveis independentes, ou seja, das hipóteses para os condicionamentos linguísticos das variantes estudadas, foram levados em consideração aspectos sintáticos, a exemplo da *função*, e semânticos, a exemplo da *referencialidade*, que poderiam atuar na realização das partículas.

O tratamento estatístico, prototípico do método variacionista, calcula a influência de cada fator fixado e indica que certos grupos de fatores são responsáveis pela implementação de uma variante, enquanto outros não demonstram qualquer relevância. A análise qualitativa desses resultados estatísticos possibilita ao pesquisador descrever as regras variáveis sistemáticas do fenômeno linguístico investigado. A formalização dessas regras é o resultado de um árduo trabalho de interpretação dos dados estatísticos. Nesta pesquisa, os resultados probabilísticos obtidos são examinados a partir dos pressupostos teóricos gerativistas e variacionistas, ou seja, faço uma leitura “paramétrica” dos resultados empíricos.

Segundo Tarallo (1987), um dos problemas que pode associar as duas teorias é o encaixamento do fenômeno variável, ou seja, os resultados das análises dos fatores condicionantes internos e externos, respectivamente, na comunidade de fala. Para Coelho *et. al.*

A ideia de ‘estar encaixado’ está ligada a como um fenômeno linguístico variável se relaciona com outros(s) fenômenos(s), que fatores linguísticos, estilísticos e sociais condicionam (favorecendo ou inibindo) determinadas variantes, quais são as causas e efeitos de uma mudança, quais as possíveis direções de mudanças linguísticas, entre outros aspectos. (COELHO *et. al.*, 2015:79)

A análise das variáveis sociais busca definir o quadro de variação da comunidade como uma *variação estável*, quando uma variante não prevalece sobre a outra, ou uma *mudança em progresso*, que se verifica quando uma variante tende a predominar e se estabelecer sobre outra. A variável *faixa etária* é crucial para estudar a mudança. Para Labov, a correlação entre fatores linguísticos e sociais pode apontar a direção da mudança, assim, o pesquisador pode fazer a projeção histórica da variável no sistema da comunidade. Tarallo (2007) observa que “a estrutura de uma língua somente será totalmente entendida à medida em que se compreendem efetivamente os processos históricos de sua configuração”. Neste trabalho, fixei a variável social faixa etária para observar a questão da mudança no tempo aparente, mas também fixei outras variáveis sociais (*escolaridade, estada na comunidade, rede de relações social, nível de exposição à mídia*, etc.) porque busco relacionar o uso da variante *mais* ao contato entre línguas.

Em suma, sobre a escolha de uma leitura paramétrica para a análise empírica ora realizada, retomo as palavras de Tarallo:

Evidentemente, os pressupostos teóricos e os procedimentos metodológicos de um e de outro modelo são radicalmente opostos: não se trata, pois, de romper fronteiras e confundir domínios no sentido de "parametrizar" (ou de eliminar) diferenças, mas, sobretudo, de enfatizar a complementaridade entre os modelos naquilo que eles permitem (ou permitirem) compatibilizar resultados em relação àquelas questões levantadas por Borer de um lado, e por Weinreich, Labov e Herzog, de outro, resultados esses que estão muito mais próximos do que normalmente se pensa, se aceita e/ou se pensa aceitar. (TARALLO, 1987:55)

No Quadro 7, a seguir, sintetizo os principais conceitos referentes à Sociolinguística e à Teoria da Gramática.

Quadro 7: Comparação entre os principais pressupostos variacionistas e gerativistas

ASPECTOS	SOCIOLINGUÍSTICA	GERATIVISMO
Língua	Heterogênea, concreta, coletiva	Homogênea, abstrata, individual
Objeto de estudo	Gramática da comunidade de fala (o sistema é heterogêneo na coletividade)	GU, a competência linguística (o sistema está na mente do falante)
Variação	Intralinguística	Interlinguística
Mudança	Gradual	Abrupta

As próximas seções abordam os aspectos metodológicos adotados para a análise do *mais* conector no português popular do Estado da Bahia.

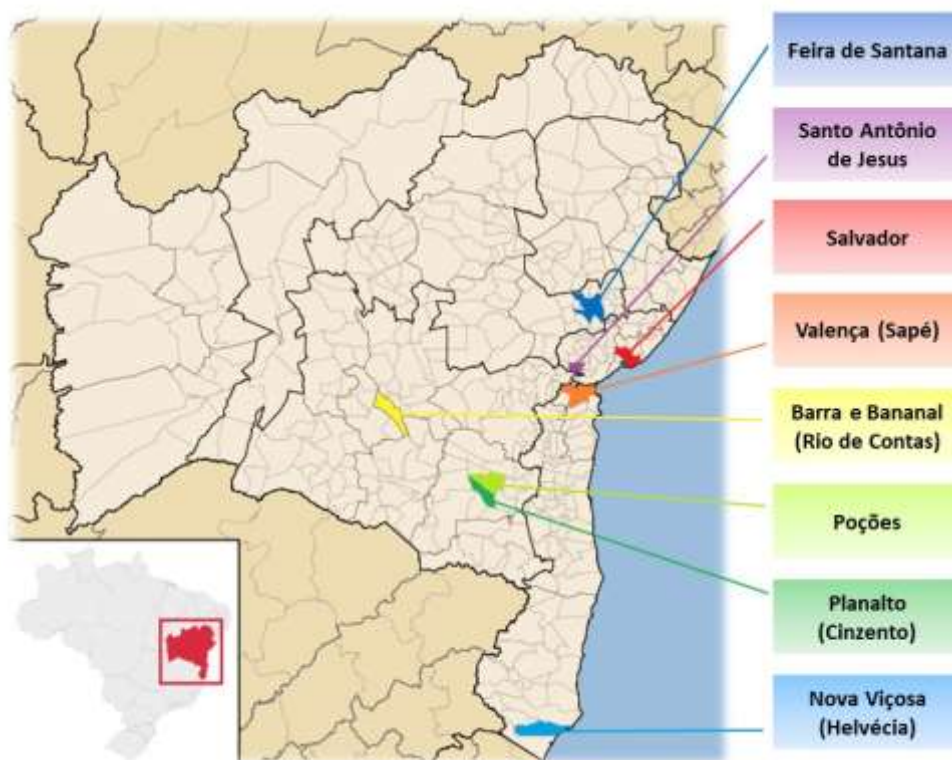
3.2.2 Perfil sociocultural das comunidades de fala

O *corpus* desta pesquisa analisa dados de 14 comunidades localizadas no Estado da Bahia, o núcleo formador do Brasil. Representando o português afro-brasileiro estão as comunidades de Helvécia, Cinzento, Sapé e Rio de Contas. Segundo Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009:75), tais comunidades “são compostas majoritariamente por descendentes diretos de escravos africanos que se fixaram em localidades remotas do interior do país e de difícil acesso” e “mantiveram-se em relativo isolamento até a segunda metade do século XX”. Esse “relativo isolamento” é uma característica importante para a manutenção dos padrões de comportamento linguístico desses espaços.

As comunidades de Poções, Santo Antônio de Jesus e Feira de Santana representam o português popular falado no interior do país, não marcado etnicamente, que recebe influências linguísticas e culturais dos centros urbanos, sendo afetado por um nivelamento linguístico, que começa nas sedes dos municípios e se expande para a zona rural. Os três municípios compreendem um total de seis comunidades de fala, sendo três da zona rural e três das sedes.

Por fim, os bairros Cajazeiras, Liberdade, Itapuã e Plataforma, da capital Salvador, representam o PPC, comportamento linguístico mais afetadas pelos efeitos da escolarização, da exposição midiática e pelo desenvolvimento social e econômico dos espaços urbanos. A Figura 7 apresenta a localização geográfica de cada uma dessas comunidades no território do Estado da Bahia.

Figura 7: Localização das comunidades de fala no Estado da Bahia



Fonte: Elaborado pela autora.

3.2.2.1 Comunidades rurais afrodescendentes

Helvécia localiza-se no município de Nova Viçosa, na mesorregião Sul Baiano, e é a comunidade geograficamente mais afastada da capital Salvador (aproximadamente 550 km). O município se estende por 1.317,390 km² e possui, de acordo com dados censitários de 2010, 38.556 habitantes (60º no Estado) e uma densidade demográfica de 29,15 hab/km². O grau de urbanização geral corresponde a 86%, e na sede do município 23%. Nova Viçosa tornou-se município pela lei estadual nº 1751, de 1962. Em 1911, era dividido administrativamente em 2 distritos: Viçosa e Colônia Leopoldina. A partir de 2003, passou a ser formado por 4 distritos: Nova Viçosa, Argôlo, Helvécia e Posto da Mata.

A comunidade de Helvécia tem sua origem associada à Colônia Leopoldina, fundada em 1818 por colonos estrangeiros que cultivavam o café utilizando mão-de-obra escrava. Com o fim da escravidão em 1888, dentre outros fatores, o trabalho na colônia foi perdendo força e grande parte dos colonos deixaram a região. Mas muitos ex-escravos e seus descendentes permaneceram nessas terras, passando a sobreviver através da agricultura. Atualmente, além da agricultura, a pecuária e a indústria de celulose movem a economia na região.

Figura 8: Praça do Pau Fincado, Nova Viçosa-BA (1983)



Fonte: Site do IBGE. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/nova-vicosa/historico>>.

Do ponto de vista sociolinguístico, a variedade do português falado em Helvécia é a que mais se aproxima das línguas crioulas. A proporção elevada de africanos escravizados na Colônia Leopoldina, confrontando-se com a população branca, contribuiu para um aprendizado defectivo do português pelos africanos e seus descendentes (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009). Na década de 60, a dialetóloga Carlota Ferreira registrou aspectos linguísticos considerados crioulizantes na fala de um casal de idosos da comunidade, como por exemplo o uso variável do artigo definido (Ex. quando abri *janela*) e variação na concordância de gênero (Ex. io ão póde rumá *o casa*).

No âmbito do Projeto Vertentes, diversas pesquisas têm sido realizadas sobre outros fenômenos, típicos de crioulos, encontrados em Helvécia, tais como:

- a) Ausência de preposição em estruturas nominais (Ex. folha ~~de~~ mandioca);
- b) Ausência do verbo copulativo (Ex. esse aí é neto de Casimiro);
- c) Orações encaixadas sem complementizador (Ex. ele disse ~~que~~ a irmã dele veio do Rio);
- d) Negação verbal com sujeito marcado negativamente (Ex. nenhum descarado num tá trabaiano não);
- e) Construção de objeto duplo (Ex. deu o japonês vinte mil)

(LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009; MELO, 2013).

As comunidades de Barra e Bananal, distantes 2 km uma da outra, localizam-se no município de **Rio de Contas**, na mesorregião Centro-Sul Baiano. De acordo com dados do último Censo, a população rio-contense é de 13.007 (284º no Estado). Com uma extensão territorial de 1.115,252 km², a densidade demográfica do município é de 12,23 hab/km². O grau de urbanização geral fica no patamar de 48%, e na sede corresponde a 30%. A distância aproximada entre Rio de Contas e Salvador é de 360 km.

A história dos vilarejos Barra e Bananal está relacionada com a fundação do povoado de *Creoulos*, no final do Séc. XVII, por viajantes oriundos de Goiás e Minas Gerais, com destino a Salvador, capital da província na época. O objetivo era ter um espaço para descanso na rota de viagem. Por conta da descoberta de ouro às margens do Rio Brumado, a região começou a ser ocupada e o povoado Mato Grosso foi formado. Com o desenvolvimento da atividade de mineração, em 1718 foi criada a freguesia Santo Antônio de Mato Grosso, que veio a tornar-se o município de Minas do Rio de Contas, pela lei nº 2544/1885. Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009:98) afirmam que os primeiros moradores de Barra e Bananal possivelmente foram escravos fugidos em busca de um local seguro para habitar. Atualmente ainda se pratica a agricultura de subsistência e a endogamia é uma prática comum nos dois vilarejos. Vale ressaltar que o isolamento da comunidade começou a ser afetado com o desenvolvimento do turismo no município de Rio de Contas e em seu entorno.

Figura 9: Plantação de arroz, Rio de Contas-BA (1962)



Fonte: Site do IBGE. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/rio-de-contas/historico>>.

No município de Planalto, no Centro-Sul Baiano, está situada a comunidade de **Cinzento**, a uma distância aproximada de 280 km da capital. Dados do último Censo contam

24.481 planaltenses (123º no Estado). Com uma extensão territorial de 769,000 km², e densidade demográfica de 27,70 hab/km², o grau de urbanização geral apontado pelo IBGE é de 60% e na sede do município 48%. Planalto faz limite com a cidade de Poções, do qual distancia-se aproximadamente 19 km.

A comunidade de Cinzento é de origem quilombola. Escravos fugidos do *Arraial dos Creoulos*, na Chapada Diamantina, ocuparam a região na primeira metade do Séc. XIX. Por se tratar de uma região de difícil acesso, com condições de sobrevivência adversas, acredita-se que os primeiros cinzentenses fugiam da escravidão. São muito comuns relatos de moradores mais velhos sobre o passado de escravidão a que seus pais e avós foram submetidos. Lucchesi, Baxter e Silva (2009) chamam a atenção para a endogamia, casamento entre parentes, ser uma característica de Cinzento. A origem quilombola e o isolamento num local de difícil acesso tem implicações importantes na variedade e manutenção da língua falada na comunidade.

Figura 10 Crianças brincando em Cinzento, Planalto-BA



Fonte: Site do Projeto Vertentes. Disponível em <<http://www.vertentes.ufba.br/cinzento-um-remanescente-de-quilombo>>.

Localizada no município de Valença está a comunidade de **Sapé**. Das quatro comunidades afrodescendentes é a mais próxima da capital Salvador (aproximadamente 75 km). O município possui uma área total de 1.124,657 km², ocupada por 88.673 habitantes (18º no Estado). Em relação ao grau de urbanização, dados censitários de 2010 registram o percentual geral de 72%, e na sede municipal 67%. Valença é um dos principais municípios que compõem a mesorregião denominada Sul Baiano, onde a indústria cacauceira é bastante forte.

A Enciclopédia dos municípios brasileiros (1958) afirma que as terras do atual território do município eram ocupadas inicialmente por índios tupiniquins, mas, com a divisão do Brasil em capitanias hereditárias, em 1534, “aquela área ficou pertencendo à Capitania de Ilhéus, sob a jurisdição da vila de Nossa Senhora do Rosário de Cairu, local onde se fez o primeiro povoamento”. Grandes empreendimentos foram estabelecidos pelos novos habitantes, como fazendas de cana, engenhos de açúcar e capelas; no entanto, as terras foram invadidas pelos índios aimorés e a colonização no território de Valença ficou suspensa por algum tempo. Já no Séc. XVIII bandeirantes investiram violentamente contra os aimorés e em 23 de janeiro de 1799, foi criada a Vila de Nova Valença do Santíssimo Coração de Jesus.

Na atual Valença, o povoado de Sapé possui cerca de 100 habitantes, que sobrevivem da agricultura familiar, e é bastante precário em relação a condições de vida (FIGUEIREDO, 2004). Apesar da comunidade estar situada em uma região acidentada e com terras pouco produtivas, com o fim da escravidão no Brasil “ex-escravos ali permaneceram e casaram entre si aumentando a população local, e curiosamente, mantendo-se isolados”. Moradores relatam a existência de uma senzala e troncos em uma antiga fazenda, assim como mostram instrumentos que comprovam a antiga prática da escravidão na comunidade. Mesmo sendo afrodescendentes, seus moradores se consideram católicos, não havendo praticantes declarados das religiões africanas.

Figura 11: Moradores de Sapé em frente à casa, Valença-BA



Fonte: Site do Projeto Vertentes. Disponível em <<http://www.vertentes.ufba.br/a-comunidade-rural-afro-brasileira-de-sape>>.

Do ponto de vista linguístico, as comunidades rurais afro-brasileiras são as mais distantes da norma urbana culta.

3.2.2.2 Outras comunidades do interior do Estado

O município de **Poções** faz parte da mesorregião Centro-Sul Baiano e localiza-se a aproximadamente 260 km da capital. O último Censo aponta o total de 44.701 habitantes (50º no Estado) em uma extensão territorial de 937,269 km², e densidade demográfica no patamar de 54,08 hab/km². Quanto ao grau de urbanização, o município registra 77% (geral e sede). De acordo com a Enciclopédia dos municípios brasileiros (1958), “a denominação Poções atribui-se ao fato de existirem na zona onde foi formado o primeiro povoamento grandes poços, em toda a parte baixa da localidade”. Dentre as manifestações religiosas, destaca-se a festa do Divino Espírito Santo, padroeiro da cidade, realizada nos fins de maio e princípio de junho de cada ano.

A origem de Poções data do início do Séc. XVIII. O povoamento e a atividade de mineração em Rio de Contas incentivaram a exploração de regiões circunvizinhas. A bandeira chefiada pelo coronel André da Rocha Pinto foi a primeira a explorar as terras onde se localiza atualmente o município de Poções. Seus primeiros habitantes, os índios, foram cruelmente subjugados e exterminados por conta da busca por riquezas minerais e de espaços para a prática da pecuária. De acordo com Silva (2005), “o quadro social da região comportava brancos europeus e brasileiros (atraídos pela promessa do ouro), índios, na sua maioria mongoiós, e negros escravos, trazidos diretamente da África ou nascidos no Brasil” para trabalhar na criação de gado. Quanto à formação administrativa do município, a Lei Provincial nº 1848, de 1878, criou a freguesia denominada Divino Espírito Santo. Já a Lei provincial nº 1.986, de 1880, criou o município de Poções, que desde 1953 é composto por seis distritos: Poções, Bom Jesus da Serra, Lucaia, Nova Canaã, Periperi de Poções e Vista Nova.

Figura 12: Igreja do Divino Espírito Santo, Poções-BA (19--)



Fonte: Site do IBGE. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/pocoas/historico>>.

O município de **Santo Antônio de Jesus**, conhecido também como Cidade das Palmeiras, está localizado a aproximadamente 85 km de Salvador e é considerado um dos municípios mais importantes da mesorregião Metropolitana de Salvador devido às suas atividades comerciais. O último Censo registra o número de 90.985 habitantes (17º no Estado). O município estende-se por 261,740 km², com densidade demográfica apontada em 348,14 hab/km². O grau de urbanização corresponde a 87%, sendo esse tanto o percentual geral quanto na sede.

O povoamento nas terras do atual município resultou da colonização no curso do rio Jaguaribe, quando os desbravadores seguiam em direção à serra do Gariru. Alguns fatores foram decisivos para a habitação dessas terras: “as excelentes e férteis matas, com valiosas madeiras de lei, o grande número de cursos d’água, atraindo a plantação da cana-de-açúcar com o estabelecimento de pequenos engenhos, e a existência de taboleiros próprios para a atividade agrícola, em que predominou, desde o início, a cultura da mandioca” (IBGE, 1958). O distrito foi criado em 1852, tornando-se cidade em 1881. Atualmente a atividade econômica local gira em torno da agricultura, pecuária, comércio, micro indústrias produtoras de fogos e de vassouras, além da feira-livre.

Figura 13: Praça da feira, Santo Antônio de Jesus-BA (1957)



Fonte: Site do IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/santo-antonio-de-jesus/historico>>.

Feira de Santana é a segunda maior cidade da Bahia e está localizada a aproximadamente 95 km de Salvador. A população feirense é contada em 556.642 habitantes, ocupando um território de 1.304,425 km². Para o município, o IBGE registra uma densidade demográfica de 416,03 hab/km² e grau de urbanização geral correspondendo a 91%, na sede 89%. A cidade é conhecida como “princesa do sertão”, uma alcunha dada por Ruy Barbosa, e sua localização privilegiada no maior entroncamento rodoviário da região Norte/Nordeste favoreceu seu rápido desenvolvimento socioeconômico. O município está situado na mesorregião Centro-Norte Baiano e grande parte do seu território encontra-se no chamado “polígono das secas”.

A área onde está localizada a cidade de Feira de Santana, no começo do Séc. XVIII, abrigava a fazenda Santana dos Olhos d’Água, de posse do português Domingos Barbosa de Araújo. Em torno da fazenda surgiu um primitivo núcleo demográfico. Com a morte dos proprietários, as terras passaram a pertencer à Fazenda Nacional, e ali se desenvolveu “uma feira, que se tornou um centro de permuta comercial e, por isto, pouso obrigatório de tropas e viajantes que, pela estrada real de Capoeiruçu, provinham do alto sertão da Bahia, de Minas, do Piauí e de Goiás” (IBGE, 1958). O crescimento da feira-livre impulsionou o aumento populacional, o aparecimento de lojas, a melhoria nas estradas e o desenvolvimento econômico, que culminaram na criação do município pelo Decreto de 13 de novembro de 1832.

Atualmente as principais atividades econômicas estão relacionadas a indústria, comércio, serviços, agricultura e pecuária. O município subdivide-se em nove distritos: Bonfim de Feira, Governador João Durval Carneiro, Humildes, Jaguará, Jaíba, Maria Quitéria,

Tiquaruçu, Matinha e Região central, sendo os dois últimos as comunidades investigadas nesta pesquisa (rural e sede, respectivamente).

Figura 14: Feira semanal, Feira de Santana-BA (196-)



Fonte: Site do IBGE. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/feira-de-santana/historico>>.

3.2.2.3 Comunidades da capital Salvador

A origem da cidade de Salvador relaciona-se diretamente à história do Brasil, marcada pelo contato entre diferentes povos e línguas: o colonizador português, o índio e o africano; cada um deixou vestígios de sua própria cultura na cultura brasileira. A capital baiana foi palco de inúmeros eventos históricos importantes até se tornar o grande município que é hoje.

Começo esta seção apresentando resumidamente alguns desses fatos, e resalto que, antes dos conquistadores portugueses desembarcarem por aqui, a região que hoje abriga a cidade era habitada pelos índios tupinambás, no século XV.

Quando a notícia da recém-descoberta no Atlântico-Sul chegou à Portugal, após o descobrimento e posse das novas terras em Porto Seguro (BA), pelo Almirante Pedro Álvares Cabral, D. Manuel enviou novas expedições, três naus, que desembarcaram em uma baía - posteriormente chamada de Baía de Todos os Santos -, em novembro de 1501. Atribui-se a Tomé de Souza, nomeado Governador do Brasil, a efetiva colonização na América Lusitana e construção da Cidade do Salvador, que se tornou sede do governo-geral. “O desembarque de Tomé de Sousa, com sua comitiva, assinala o marco inicial da história de Salvador e da construção da Cidade” (IBGE, 1958:186).

Embora a presença do índio ainda se faça sentir na cultura brasileira, sendo impossível apagar suas marcas, com o avanço da empreitada lusitana, ele foi assimilado, cruelmente

assassinado ou banido para as matas. Por sua vez, o africano chegou à Bahia como máquina de trabalho, no Séc. XVI (Ciclo da Guiné), no Séc. XVII (Ciclo de Angola), no Séc. XVIII (Ciclo da Costa da Mina), e ainda no Séc. XIX, quando a abolição da escravidão já era considerada ilegal (VIANNA FILHO, 1946; MATTOSO, 2001[1982]), conforme seção 2.1. Em 1758, o primeiro protesto contra a escravidão no Brasil é publicado na Bahia, no livro do advogado Manuel Ribeiro da Rocha. Daí em diante, numerosas sociedades abolicionistas seguiram na linha do protesto contra a escravidão até que, em 1889, a tão aguardada notícia da abolição chega a Salvador. Antes disso, nos subúrbios da cidade já haviam inúmeros quilombos de negros fugidos.

Salvador tornou-se uma importante cidade e seu desenvolvimento econômico cada vez mais se acentuava. Foi sede da primeira Catedral e da primeira Universidade do Brasil. “A perda da categoria de Capital, porém, não reduziu a sua categoria de cidade principal do pensamento, da fé, da riqueza e do poderio luso-americano” (IBGE, 1958:200). Até o início do Séc. XIX foi a maior e mais rica cidade colonizada pelos portugueses na América. Um marco desse período é a construção do maior elevador público do mundo na época, o Elevador Lacerda, principal ligação entre as cidades Alta e Baixa, famoso ponto turístico até hoje.

A corte portuguesa e o Príncipe Regente Dom João VI desembarcaram na Bahia, fugindo do exército napoleônico, em 1808. Mais tarde, o Recôncavo Baiano acabou sendo palco da guerra que culminou na Independência do Brasil. A bandeira nacional foi hasteada em Salvador, pela primeira vez, em 2 de julho de 1823, decretando a Independência da Bahia.

Figura 15: Porto de Salvador, Bahia (1952)



Fonte: Site do IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/salvador/historico>>.

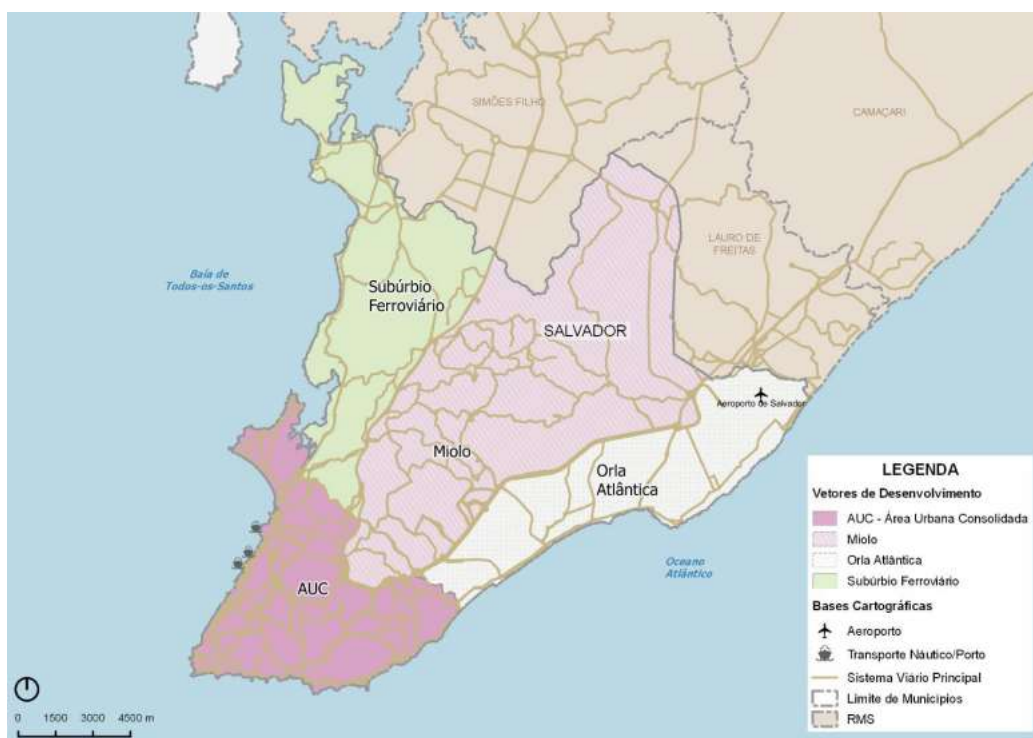
Desde o Séc. XVI a capital baiana é conhecida como fortaleza do Salvador ou cidade do Salvador. De acordo com dados do Censo de 2010, o número de habitantes está no patamar de 2.675.656, sendo a primeira cidade mais populosa do Estado e a terceira do país. A unidade territorial é de 692,818 km² e a densidade demográfica de 3.859,44 hab/km².

O grau de urbanização geral e na sede corresponde a 99%. A cidade possui inúmeros centros educacionais, como universidades (federal, estadual e da iniciativa privada), escolas técnicas, colégio militar, rede pública e privada da Educação Infantil e Básica, bibliotecas públicas, atendendo não só à população soteropolitana, como também aos provenientes de outros municípios. A capital baiana é servida de estações de rádio e televisão, jornais, revistas e periódicos; associações esportivas e sociais; institutos técnico-científicos e de pesquisa; museus, teatros, galerias de artes plásticas e associações culturais, como a Academia de Letras da Bahia. São exemplos de vultos ilustres Gregório de Matos, Castro Alves e Rui Barbosa. Salvador sustenta manifestações culturais famosas, como a baiana e a capoeira, e conta ainda com culinária tradicional. É um grande centro de atração cultural e turística que se liga às principais capitais do país por meio rodoviário e aéreo. Seus moradores e circunvizinhos dispõem de assistência médico-hospitalar e social.

O crescimento urbano do município pode ser observado em números comparando-se dados censitários de 1950 e de 2010. A população total na década de 50 correspondia a 389.422 habitantes, os que sabiam ler e escrever representavam 69% e a taxa de urbanização apontada em 93%. Em 2010, o aumento populacional é de 587,08%, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade é 95,9% e, como já foi dito, a urbanização geral e na sede corresponde a 99%.

A escolha das quatro comunidades representativas do PPC foi feita com base na divisão de Salvador em quatro Macro Regiões administrativas: Subúrbio Ferroviário, Miolo, Orla Atlântica e AUC - Área Urbana Consolidada, conforme a Figura 15:

Figura 16: Divisão da capital Salvador por Macro Regiões



Fonte: PlanMob Salvador 2017. Disponível em: <<http://planmob.salvador.ba.gov.br/images/consulte/planmob/PlanMob-Salvador-RT6---Diagnostico-da-Mobilidade-em-Salvador---71-100-v2.pdf>>.

Dentre os 22 bairros que compõem o *Subúrbio Ferroviário* está **Plataforma**. O contingente urbano na região do Subúrbio começou em 1850 com a implantação da estrada de ferro Calçada-Paripe, que possibilitou a instalação da fábrica de tecidos São Brás onde atualmente é o bairro da Plataforma. Apesar de ser banhada pelas águas da Baía de Todos os Santos, a região concentra comunidades populares da cidade que precisam conviver com as consequências da falta de atenção dos órgãos públicos competentes. Do bairro da Plataforma é possível avistar a Cidade Alta, a Ilha de Itaparica, a Ilha de Maré e a Ribeira.

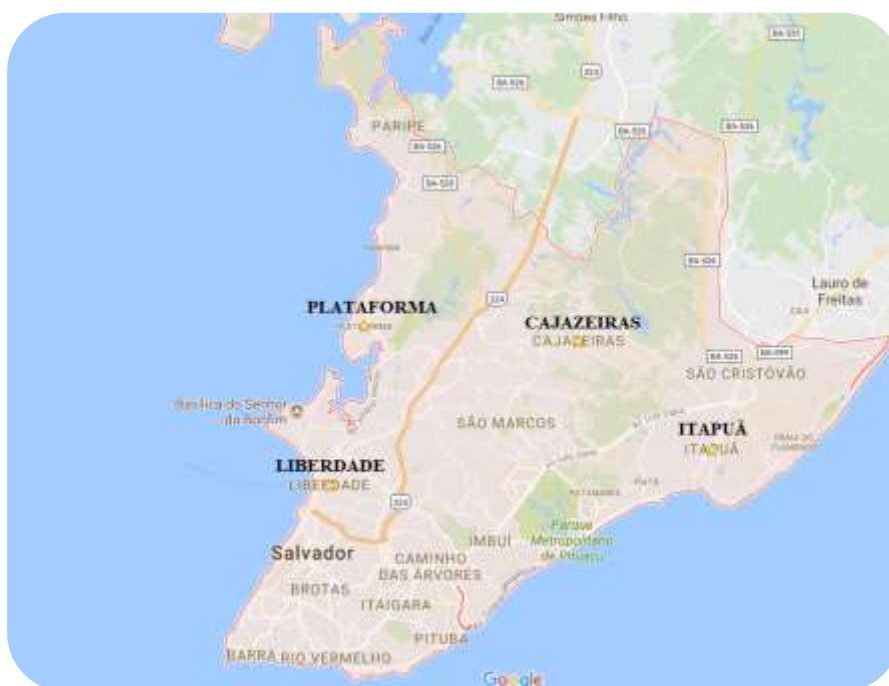
Na região chamada de *Miolo* está situado o bairro de **Cajazeiras**, mais precisamente entre a Estrada Velha do Aeroporto e a BR-324. O bairro é o mais recente dos quatro investigados e surgiu em 1977, numa área de três antigas fazendas, e atualmente possui 600 mil habitantes. Possui grande atividade comercial e é marcado pela existência de vários conjuntos habitacionais, sendo um dos maiores aglomerados urbanos do Brasil. Fazem parte do bairro os seguintes setores: Cajazeiras 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10 e 11; Fazenda Grande 1, 2, 3 e 4; Águas Claras, Boca da Mata e Palestina.

Na *Orla Atlântica* está localizado o bairro de **Itapuã**, numa região que começou a ser ocupada no Séc. XX e até a década de 50 era uma colônia de pescadores. Esse bairro caracteriza-

se por fortes manifestações culturais como a *Lavagem de Itapuã* e *Ganhadeiras de Itapuã*. O grupo das Ganhadeiras é representativo do folclore baiano das comunidades de Itapuã e Abaeté e se dedica a atividades como samba de roda, teatro, maculelê e capoeira.

Na região denominada *AUC*, parte mais antiga da capital baiana, localiza-se o bairro da **Liberdade**. De acordo com o site *Salvador Cultura todo dia*³¹ esse bairro possui cerca de 300 mil habitantes e seu povoamento começou com o fim do período de escravidão no Brasil, com a concentração de ex-escravos onde o bairro está situado atualmente. Em seus limites, estão locais como Japão, Queimadinho, Sieiro, Curuzu, Guarany, Estica, São Lourenço e Favela. Embora o limite geográfico da Liberdade não seja fácil de delimitar, por conta de seu crescimento desordenado, uma característica que marca o bairro e seu entorno é a cultura africana. Por concentrar a maior população afrodescendente de Salvador e do país, é considerado pelo Ministério da Cultura como o território nacional da cultura afro-brasileira.

Figura 17: Localização das comunidades de fala em Salvador



Fonte: Elaborado a partir do Google Maps.

Na seção seguinte apresento as variáveis dependentes e suas variantes, o *corpus*, o perfil dos informantes, as variáveis independentes, assim como os procedimentos de seleção e preparação dos dados para a análise final.

³¹ Endereço eletrônico: < <http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/index3.php>>.

3.2.3 O *corpus* e o tratamento dos dados

Como já foi dito no início deste capítulo, o instrumental metodológico da Sociolinguística foi escolhido por ser bastante eficaz para orientar a seleção, o tratamento e a análise quantitativa dos dados produzidos pelos falantes das comunidades investigadas. Na seção anterior apresentei o perfil sociocultural das comunidades, agora passo a descrever outros aspectos do método adotado.

A análise sistemática da variação tem como ponto de partida a delimitação de uma *variável dependente*, o fenômeno linguístico variável, que pode ser morfossintático como o desta pesquisa. A variável é dependente porque não é utilizada aleatoriamente, depende de fatores que condicionam a escolha das variantes, no sentido de “exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência” (MOLLICA, 2003:11).

No Capítulo 2, defini o *mais* conector, realizado em dois contextos sintáticos, como o objeto de estudo sociolinguístico deste trabalho. Portanto, não há apenas uma, mas duas variáveis dependentes binárias, conforme apresentado e exemplificado no Quadro 8:

Quadro 8: As variáveis dependentes e suas variantes

VARIÁVEL DEPENDENTE	VARIANTES	EXEMPLOS
1) Subordinação(<i>com</i>) ³²	a) Mais	Eu tava conversano <i>mais</i> a Dona Vânia. (IT)
	b) Com	Voltei e fui morar <i>com</i> vó. (FR)
2) Coordenação entre DPs	a) Mais	Aí eu <i>mais</i> ele num se combina por isso. (PL)
	b) E	Minha avó <i>e</i> meu avô me pegô pa cria. (CJ)

O levantamento da variável dependente deu-se de forma exaustiva no *corpus*, tendo sido recolhidas todas as ocorrências do *mais* conector. Quanto às partículas *e/com*, alguns critérios de seleção foram estabelecidos previamente, tendo em vista que nem todos os contextos de realização pertencem ao universo de investigação desta pesquisa. Por um lado, há as ocorrências claramente canceláveis, como (6) e (8); por outro, há contextos restritivos para a variação, conforme apresentado no Quadro 6 e exemplificado em (7) e (9).

³² Como já foi dito, o fenômeno variável *mais/com* ocorre em dois tipos de estrutura subordinada: os comitativos (ex. Voltei e fui morar com vó.) e os predicados simétricos (ex. Eu tava conversano mais a Dona Vânia.). Ambas as formas compartilham a característica de envolver mais de um participante no mesmo evento, mas distinguem-se, essencialmente, pela natureza do com-DP introduzido: um adjunto na forma comitativa, e um complemento nos predicados simétricos. O Capítulo 5 apresenta mais detalhes sobre essas construções.

Desconsiderarei os seguintes usos da partícula *com*:

- (6) a. Quando *com* tem o valor de outras preposições
 Já trabalhei *com* (=em) casa de família aqui. (SS)
- b. Quando a expressão *estar com* tem o valor de *ter* (posse)
 Eu ‘tava *com* marido... o meu marido me largô. (SS)
- c. Expressões cristalizadas no idioma
 Se todos fosse ingual a ele, o Brasil tava de bem *com* a vida! (SS)
- d. Uso conjuncional, variando com a partícula *e*
 Esse cartão nunca vei! O da minha esposa mesmo *com* a minha criança, a gente nunca pegô. Nem bolsa-escola, nem alimentação, nem o bujão... (SS)
- e. Indicando tempo decorrido
 Quando eu cheguei pra aqui logo na época... foi *com* uns doze treze anos aqui... (SS)
- (7) a. Quando introduz DP com traço semântico [-animado]
 O home ‘tava *com* uma espingarda e num abriu a porta... pa ninguém. (SS)
- b. Quando introduz DP em que não há a interpretação de co-participação³³
- i. Por mais que uma mãe seja amarga *com* um filho, o filho tem que se... sempre tá doce *com* ela. (CJ)
 - ii. Minha mãe é toda fechada *cum* ela. (IT)
 - iii. Pegaro a senhora de idade e fizeram uma malvadeza... *com* a senhora. (PL)
 - iv. Eu falei *com* a assistente social que criei ele ali. (CJ)

³³ Essa restrição semântica para a variação *mais/com* é fundamental para a proposta de análise formal do fenômeno, como será tratado mais detalhadamente no Capítulo 5. Cabe chamar a atenção, neste momento, para o fato de que a partícula *com* não parece relacionar somente DPs com a interpretação de “co-participação” no evento. Nos exemplos (7b) a relação entre os participantes do evento não parece ser bidirecional, mas unilateral. Em (i), a atribuição de “ser amarga” parece recair somente sobre a mãe e de “ser doce” somente sobre o filho; em (ii), “ser fechada” é uma característica unilateral da mãe para alguém; em (iii), alguém “fez malvadeza” e “a senhora” é uma vítima dessa ação; em (iv), *falar* equivale a *dizer*, alguém produz o enunciado se dirigindo a outro que participa como ouvinte/destinatário.

No que se refere à partícula *e*, as seguintes ocorrências foram descartadas:

- (8) a. Coordenação de números em geral: data, idade, medidas, valor monetário, etc.
Tenho essa com um *e* seis meses. (...) Um ano *e* seis meses. (SR)
- b. Coordenação em expressões de tempo e hora
É... vai a sete, sete *e* meia e retorna às oito. (SR)
- c. Expressões cristalizadas no idioma
A gente quase... (...) é quase que nascido *e* criado junto. (SR)
- d. Como marcador discursivo
Oxe! *E* não é?! Tudo rebelde. (FR)
- (9) a. Coordenação de outras categorias diferentes de DP
Só é chegá *e* batizá os menino. (PR)
Um vei já casado *e* pai de fi dêxa eu aqui e vai pra essas festa pra lá. (PR)
- b. Coordenação entre nomes com traço semântico [-animado]
Meu sistema de dá ela era rapadura *e* milho. (PR)

As demais ocorrências de *e/com* foram selecionadas exaustivamente. É importante ressaltar que a definição prévia desses critérios teve como base a pesquisa realizada durante o Mestrado (GOMES, 2014) sobre o uso variável do *mais* conector no português afro-brasileiro. Durante a fase de levantamento dos dados aqui analisados, os contextos de restrição (7) e (9) foram rigorosamente checados a fim de se verificar sua irrelevância para a variação no português popular falado no interior e na capital baiana.

Em relação à constituição do *corpus*, busquei estabelecer uma amostra que visa recobrir diferentes variedades do português popular baiano a fim de alcançar o objetivo proposto. No primeiro momento, procuro dar continuidade à descrição dos condicionamentos sociais e linguísticos da variante *mais* nos dois contextos sintáticos em que ocorre como elemento de conexão entre constituintes.

No segundo momento, retomo a análise realizada em torno do português afro-brasileiro (GOMES, 2014) a fim de traçar a trajetória dessa variante em um *continuum* da fala popular baiana. Em um extremo, encontra-se a variedade representada pelas comunidades rurais afro-brasileiras, apresentando características que podem evidenciar o contato entre línguas. No meio,

encontra-se o comportamento linguístico do interior, influenciado linguística e culturalmente pelos centros urbanos e afetado por um nivelamento linguístico, que começa nas sedes dos municípios e se expande para a zona rural. No outro extremo, estão as amostras de fala da metrópole urbana, mais desenvolvida economicamente e socialmente, uma variedade mais afetada pelos efeitos da escolarização e da exposição midiática. Tendo em vista esses propósitos, o universo de observação desta pesquisa é formado pelas seguintes amostras de fala:

Quadro 9: Delimitação das entrevistas de fala vernácula

<i>CORPUS</i>	COMUNIDADES	ENTREVISTAS
1) Português afro-brasileiro	Helvécia	12
	Sapé	12
	Cinzento	12
	Rio de Contas	12
2) Português popular do interior	Poções (rural e sede)	24
	Santo Antônio de Jesus (rural e sede)	24
	Feira de Santana (rural e sede)	24
3) Português popular da capital	Cajazeiras	12
	Liberdade	12
	Itapuã	12
	Plataforma	12
	Total	168

As entrevistas que possibilitaram a recolha de dados nas comunidades de Feira de Santana fazem parte do acervo do projeto *A língua portuguesa no Semiárido Baiano*, coordenado pela Profa. Dra. Norma Lúcia Almeida e pela Profa. Dra. Zenaide Carneiro, no Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa, na UEFS. Todas as demais amostras são do *Projeto Vertentes*.

As gravações das entrevistas pertencentes ao acervo do Projeto Vertentes foram realizadas em três fases: i) comunidades afrodescendentes (1992- 2004); ii) comunidades de Poções (2004) e de Santo Antônio de Jesus (2003); iii) comunidades de Salvador (2007-2008). A agenda de pesquisa da LP no Semiárido Baiano também contemplou três fases, sendo as gravações em Feira de Santana realizadas nas duas últimas: comunidade rural Matinha (2000-2002), na fase 2; comunidade da Região central (2008-2014), na fase 3.

Todas as entrevistas são do tipo diálogo espontâneo entre informante e documentador e os temas versam sobre a vida pessoal do informante ou seus parentes, vizinhos e amigos; as condições de vida na comunidade, festas e outras comemorações; as memórias da infância ou de situações de risco à vida, dentre outros.

Com o objetivo de ampliar a investigação em torno da influência africana para a realização do *mais* conector, busquei especificamente ocorrências do *mais* como partícula comitativa e coordenativa entre DPs no *corpus* do português falado como L2 na ilha de São Tomé/África, na comunidade bilíngue Tonga³⁴. Não realizei o levantamento exaustivo de todas as ocorrências das variantes *mais/e/com* tendo em vista que não pretendo descrever os fenômenos variáveis nesse dialeto.

A definição dos grupos de fatores sociais seguiu a metodologia adotada pelos projetos sociolinguísticos que cederam as entrevistas constituintes do *corpus*. A estratificação das amostras teve como base os critérios definidos no Quadro 10.

Quadro 10: Variáveis sociais independentes

<i>CORPUS</i>	GRUPOS DE FATORES
Português afro-brasileiro	Faixa etária: 1 (20-40 anos), 2 (40-60 anos), 3 (mais de 60 anos)
	Sexo do informante: masculino, feminino
	Escolaridade: analfabeto, semianalfabeto
	Estada na comunidade: não esteve fora, esteve fora
Português popular do interior	Faixa etária: 1 (25-35 anos), 2 (45-55 anos), 3 (mais de 65 anos)
	Sexo do informante: masculino, feminino
	Escolaridade: analfabeto, semianalfabeto
	Estada na comunidade: não esteve fora, esteve fora
	Grau de urbanização: rural, urbana
	Município: Poções, Santo António de Jesus, Feira de Santana
Português popular da capital	Faixa etária: 1 (25-35 anos), 2 (45-55 anos), 3 (mais de 65 anos)
	Sexo do informante: masculino, feminino
	Escolaridade: analfabeto, semianalfabeto
	Naturalidade: nascidos na capital, nascidos no interior
	Rede de relações social: local, dispersa
	Nível de exposição à mídia: alta, baixa, programas religiosos
	Bairro da capital: Cajazeiras, Itapuã, Liberdade, Plataforma

Nesta pesquisa, uma variável *comunidade* foi fixada inicialmente para o PPI, e os dados das quatro comunidades foram quantificados separadamente. Entretanto, a ferramenta estatística detectou um *knockout* (aplicação categórica de uma variante) na rodada da variável

³⁴ *Corpus* cedido pelo Prof. Dr. Alan Baxter.

dependente *mais/e*, devido à ausência de ocorrência do *mais* coordenando DPs em Feira de Santana (sede). Para prosseguir com a análise estatística, optei por fixar a variável *grau de urbanização*, ao invés de *comunidade*, e agrupei os dados das três comunidades rurais, assim como os dados das três sedes. Para a imprescindível análise por cidade, separadamente, fixei a variável *município*.

Duas abordagens da metodologia sociolinguística permitem observar amplamente a questão da variação e mudança nas línguas. O *tempo real* é onde ocorre o desenvolvimento diacrônico da língua; o *tempo aparente* é uma projeção sobre o tempo real. Através do recurso metodológico do tempo aparente uma mudança pode ser acompanhada na sua complexidade, podem ser detectados os fatores sociais e estruturais que condicionam a mudança, bem como o ponto da estrutura e da sociedade em que a mudança se inicia e em que direção ela vai. Nesta pesquisa, para a análise em tempo aparente observo três faixas etárias.

Quanto aos grupos de fatores linguísticos, fixei as hipóteses sobre os contextos que estariam condicionando o uso das variantes considerando os resultados encontrados em pesquisa anterior sobre o tema (GOMES, 2014) e em reflexões sobre o fenômeno. Estabeleci quatro variáveis independentes para cada fenômeno, conforme segue.

Quadro 11: Variáveis linguísticas independentes na subordinação(*com*)

VARIÁVEL	FATORES E EXEMPLOS
1) Função do com-DP	Adjunto: Ela <u>dorme</u> <i>mais</i> eu lá em casa. / Fui <u>morar</u> <i>com</i> minha tia.
	Complemento: Vai ficá lá <u>conversano</u> <i>mais</i> a mulhé. / Disse que tava no tempo certo de <u>casar</u> <i>com</i> essa moça.
2) Referencialidade do com-DP	[+definido]: Minha mãe ia para roça <i>mais</i> <u>meu pai</u> . / Eu moro <i>com</i> <u>meu esposo</u> .
	[-definido]: Tava pintano uma casa lá <i>mais</i> <u>um primo da minha irmã</u> . / Eu só sai <i>com</i> <u>alguns colegas</u> .
	Genérico: Quando ia “- Ia <i>mais</i> quem? <i>mais</i> <u>fulano de tal</u> ”. / Eu me sinto tombém muito bem <i>com</i> <u>o pessoal da terceira idade</u> .
3) Estrutura do com-DP	Nu: Vou voltar e morar <i>mais</i> <u>vó</u> .
	Pronominal: Ela vei passar a semana <i>mais</i> <u>eu</u> .
	Art. definido + N: Deve tá <i>com</i> <u>os amigo</u> , deve tá... acho que sim.
	Art. indefinido + N: Eu namorei <i>com</i> <u>um rapaz</u> .
	(D) + possessivo + N: Os menino da vizinha que veio ‘marrá fumo <i>mais</i> <u>minha mãe</u> .
	(D) + demonstrativo + N: Vivo quatro ano <i>com</i> <u>esse rapaz</u> .
	(D) + indefinido + N: (...) brinca <i>com</i> <u>as ôtra criança</u> .
	(D) + adjetivo + N/ N + adjetivo: Tá <i>com</i> <u>um homem rico</u> por causa do dinheiro dele.
(D) + numeral + N: A mulé foi embora e ele ficou <i>com</i> <u>os três menino</u> .	

	(D) + N + PP: Num sei que negócio era que ele fazia <i>mais o dono da fazenda</i> .
	(D) + núcleo Ø + (compl.): Não tem condições de ela tá <i>com duas...</i> [pessoas].
	Outros: É... premeramente, a gente juntô <i>com a médica e o padre</i> . / Eu trabalhava <i>com um irmão meu que era bom</i> .
4) Elemento interveniente entre o V e o com-DP	Sim: Mora <i>aqui mais</i> eu. / Voltou e foi morar <i>de novo com</i> o cara!
	Não: Não tinha pessoa certa pra <i>ir mais</i> eu. / Me chamou pra <i>trabalhar com</i> ele.

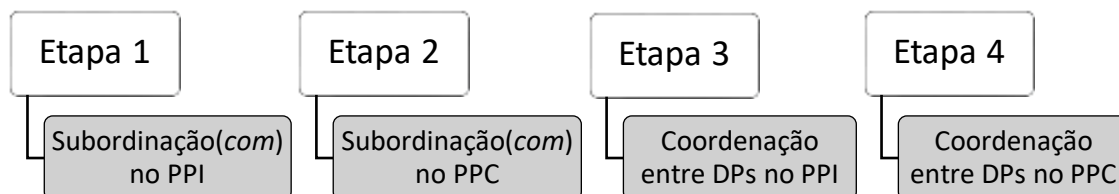
Quadro 12: Variáveis linguísticas independentes na coordenação entre DPs

VARIÁVEL	FATORES E EXEMPLOS
1) Função dos DPs coordenados	Sujeito: <i>Minha mãe mais meus irmão</i> vendero a casa.
	Objeto direto: Eu amo <i>meus irmão e minhas irmã</i> .
	Objeto indireto: Você não pode <i>confiar</i> em ninguém, a não ser <i>em</i> seu pai e sua mãe.
	Adjunto: Então, se fosse <i>morá com</i> o pai <i>mais</i> a mãe, né?
	Complemento: Pimêro, eu ia mudá assim: a vi... a <i>vida</i> de (...) <i>minha mãe e meus dois irmão</i> .
	Aposto: Eu tenho <i>oito filho</i> . (...) <i>Quato mulé e quato home</i> .
2) Referencialidade dos DPs coordenados	[+definido]: Esses lugá assim, foi <i>eu mais minha patroa</i> . / <i>Eu e seu pai</i> vai lhe dá uma surra.
	[-definido]: Ela <i>mais uma vizinha que tem ali</i> têm um bocado de cachorro. / Eu tava sentado ali mesmo no Andaiá, eu e <i>um colega</i> .
	Genérico: Antigamente a gente obedecia <i>pai e mãe</i> .
3) Estrutura do primeiro DP/ 4) Estrutura do segundo DP	Nu: Eu já tenho bis... já tem... eu já tenho <i>neta e bisneta</i> .
	Pronominal: Nós foi fazê essa visita, <i>eu mais ele</i> .
	Art. definido + N: O modo da... da... <i>as mãe mais os pai</i> criá a gente.
	Art. indefinido + N: Eu tenho <i>uma menina e um menino</i> .
	(D) + possessivo + N: <i>Minha mãe mais meu pai</i> ganhou uma casa da Urbis.
	(D) + demonstrativo + N: <i>Essa menina</i> e esse que saiu também (...) já está pa se formá tudo. / Subiu eu, ele, <i>mais outro pedreiro</i> .
	(D) + indefinido + N: Aqui tem dois. (...) tem <i>uma mulé e um home</i> .
	(D) + adjetivo + N/ N + adjetivo: Aí tem uma advogada aí, <i>dôtora Márcia mais dôtor</i> a Regina.
	(D) + numeral + N: Ela teve <i>noves filho</i> . (...) Foi. <i>Cinco home e quato mulhé</i> .
	(D) + N + PP: Mora eu (...), <i>minha irmã e a... o filho de minha irmã</i> e essa senhora que tem aí. / Tava na praia cum (...) meu cunhado e (...) <i>uma amiga de minha irmã</i> .
	(D) + núcleo Ø + (compl.): Tem duas menina dela, <i>uma de dez e uma de oito</i> .
	Outros: Tem os dois menó, que estuda de tarde. (...) <i>Esse que tava aí e o ôto menó</i> . / Comigo aqui só mora um [filho] e <i>um neto que eu crio</i> .

As variáveis independentes serviram como parâmetro para codificar as ocorrências levantadas do *corpus* e a motivação para a fixação de cada uma delas é apresentada com a análise quantitativa dos dados.

A quantificação dos dados ficou por conta do Pacote de Programas VARBRUL³⁵, um conjunto de programas computacionais que, executados um a um, permite obter resultados estatísticos que vão além de cálculos percentuais (GUY; ZILLES, 2007). É possível identificar os contextos favoráveis ou desfavoráveis para a realização de uma variante, o nível de significância dos dados estatísticos, dentre outros. Com a ferramenta estatística, o trabalho consiste em introduzir a base de dados codificada no sistema. Um a um os programas vão sendo executados e, no final das rodadas, a ferramenta gera dados probabilísticos que permitem identificar os contextos que estariam condicionando o fenômeno variável, além de fornecer frequências percentuais do uso de cada variante, pesos relativos em uma escala de 0 a 99, nível de significância dos fatores, dentre outros (GUY; ZILLES, 2007). Na condução da pesquisa, a amostra de fala foi submetida ao VARBRUL em quatro etapas diferentes, conforme o seguinte esquema ilustrativo:

Figura 18: Etapas do processamento dos dados no VARBRUL



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dos resultados fornecidos pelo suporte quantitativo, o pesquisador faz a interpretação e a análise de acordo com o conhecimento teórico sobre os fenômenos aos quais se dedica. De acordo com Guy e Zilles (2007:65) “se estamos perguntando: ‘qual seria a melhor generalização Lingüística?’, a resposta vem de nossa teoria linguística, não de um programa estatístico”. O Capítulo 4 tem como objetivo apresentar uma análise da dimensão sociolinguística do *mais* conector a partir da interpretação dos resultados obtidos com o VARBRUL, tendo como pressuposto teórico as teorias já discutidas até aqui.

³⁵ O Goldvarb é a versão desenvolvida para o sistema operacional Windows. Nesta pesquisa, não foram utilizados programas mais recentes, tendo em vista os objetivos a serem atingidos.

Softwares como o VARBRUL são essenciais para se trabalhar com o volume de dados que a pesquisa variacionista exige. Nesta pesquisa, a distribuição quantitativa final das ocorrências é a que segue na Tab. 2:

Tabela 2: Cômputo geral das sentenças

	COORDENAÇÃO ENTRE DPs				SUBORDINAÇÃO(<i>COM</i>)				TOTAL
	MAIS		E		MAIS		COM		
	OCO.	FREQ.	OCO.	FREQ.	OCO.	FREQ.	OCO.	FREQ.	
INTERIOR	53	14%	325	86%	252	25%	762	75%	1.392
CAPITAL	37	14%	225	86%	42	6%	674	94%	978
Total	90	14%	550	86%	294	17%	1.436	83%	2.370

3.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Este terceiro capítulo teve como principal objetivo apresentar o modelo de análise adotado para fundamentar o estudo do fenômeno *mais* conector, a **Sociolinguística Paramétrica**, a combinação entre a Sociolinguística Variacionista e a Teoria da Gramática.

Para a Sociolinguística, os fatores sócio-históricos são fundamentais para desencadear a variação/mudança na língua, e, de acordo com esse raciocínio, busquei relacionar a diversidade do PB à sua sócio-história. Assumi que as **normas populares** têm sua origem associada ao contato linguístico, mais especificamente, à forma como a LP foi adquirida por indígenas e africanos e seus descendentes, sem o controle da escolarização, em situações adversas. Atualmente, essas variedades populares representam o comportamento linguístico da maioria dos brasileiros com pouca ou nenhuma escolarização, excluídos pela concentração de renda.

Mostrei que se opondo a esse português popular, está o **português culto brasileiro**, formado sob a influência do padrão linguístico europeu, entre falantes socialmente elitizados, representando hoje o comportamento linguístico de uma minoria privilegiada financeiramente com pleno acesso à educação formal. Nesse cenário sócio-histórico e em análises empíricas da variação social no PB, Lucchesi (2003, 2004, 2006, 2015) tem respaldado seu argumento em favor de uma realidade linguística brasileira *polarizada*. Ressaltei que essa concepção de polarização não interfere em um modelo de análise baseado em um *continuum* de variedades linguísticas.

Ao investigar os condicionamentos sociais e linguísticos para a realização do *mais* conector, bem como verificar sua trajetória no universo do português popular baiano, este trabalho pretende contribuir com as pesquisas que buscam caracterizar o PB e fornecer evidências da relevância do contato linguístico para sua constituição.

O **português popular baiano** integra as normas populares do PB. As amostras de fala vernácula que compõem a base de dados foram recolhidas em comunidades caracterizadas como *rurais*, *rurbanas* e *urbanas*; tendo em sua origem a influência direta ou indireta da matriz africana, tendo como pressuposto o contato entre a LP e as línguas africanas ter deixado vestígios em todas as falares populares. O cômputo geral das comunidades de fala foi delimitado em 14: 1) Helvécia, 2) Cinzento, 3) Sapé e 4) Rio de Contas, rurais de procedência afrodescendente; 5) Poções, 6) Santo Antônio de Jesus e 7) Feira de Santana, rurais; 8) Poções, 9) Santo Antônio de Jesus e 10) Feira de Santana, rurbanas, correspondendo às sedes dos municípios; 11) Cajazeiras, 12) Liberdade, 13) Itapuã e 14) Plataforma, urbanas, alocadas em Salvador.

Ao longo deste capítulo, descrevi os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa empírica. As variáveis dependentes e suas variantes ficaram assim definidas: **subordinação(*com*)** (variantes *mais/com*) e **coordenação entre DPs** (variantes *mais/e*). A amostra de fala composta por 120 entrevistas permitiu a coleta de 2.370 dados, dos quais 384 (16%) são da variante *mais* nos dois contextos em que atua como conector. Os dados foram submetidos ao **VARBRUL** para quantificação em quatro diferentes etapas: 1) Subordinação(*com*) no PPI; 2) Subordinação(*com*) no PPC; 3) Coordenação entre DPs no PPI; 4) Coordenação entre DPs no PPC.

Partindo do pressuposto de que condicionamentos linguísticos e sociais atuam na variação e mudança das línguas, fixei alguns **grupos de fatores** para a análise dos fenômenos *mais/com* e *mais/e*, sintetizados a seguir:

- I. VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS PARA A SUBORDINAÇÃO(*COM*)
 - a. Função do *com*-DP
 - b. Referencialidade do *com*-DP
 - c. Estrutura do *com*-DP
 - d. Elemento interveniente entre o V e o *com*-DP

- II. VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS PARA A COORDENAÇÃO ENTRE DPs
 - a. Função dos DPs coordenados
 - b. Referencialidade dos DPs coordenados
 - c. Estrutura do primeiro DP
 - d. Estrutura do segundo DP

III. VARIÁVEIS SOCIAIS PARA O PORTUGUÊS POPULAR DO INTERIOR

- a. Faixa etária
- b. Escolaridade
- c. Sexo do informante
- d. Estada na comunidade
- e. Grau de urbanização
- f. Município

IV. VARIÁVEIS SOCIAIS PARA O PORTUGUÊS POPULAR DA CAPITAL

- a. Faixa etária
- b. Escolaridade
- c. Sexo do informante
- d. Naturalidade
- e. Rede de relações social
- f. Nível de exposição à mídia
- g. Bairro da capital

Quanto às variáveis linguísticas, a pesquisa apresentada em minha Dissertação de Mestrado (GOMES, 2014) apontou que a *função*, a *referencialidade* e a *estrutura* do(s) DP(s) estariam condicionando a realização do *mais* conector no português afro-brasileiro. Sendo assim, os mesmos contextos são investigados nos falares do interior e da capital baiana. As hipóteses em relação a cada um desses fatores são abordadas no curso da análise apresentada no Capítulo 4.

Mostrei que a fixação da variável social *faixa etária* visa identificar uma tendência no comportamento da variante *mais*, analisada na dimensão do *tempo aparente* (LABOV, 1981). O cenário sociolinguístico pode indicar uma variação estável, co-existência entre as variantes, ou uma mudança em progresso, quando uma variante tende a predominar na fala dos membros mais velhos de uma comunidade, sendo progressivamente substituída por outra variante, mais frequente entre os mais jovens. Neste estudo, uma tendência à mudança será detectada se a variante *mais* estiver sendo substituída pelas variantes *e/com* no PPI. A expectativa para o PPC é que o modelo mais antigo de Salvador deva ser o *mais*. As demais variáveis sociais (*escolaridade*, *sexo do informante*, *estada na comunidade*, *grau de urbanização*, *município*, *naturalidade*, *rede de relações social*, *nível de exposição à mídia* e *bairro da capital*) foram fixadas porque busco relacionar o uso da variante *mais* ao contato entre línguas.

No decorrer da análise sociolinguística do Capítulo 4, apresento a motivação para a fixação dos contextos sociais, bem como as hipóteses fixadas para cada um deles.

4 A ANÁLISE VARIACIONISTA

Este capítulo tem o propósito de apresentar a análise das variáveis dependentes *subordinação(com)* e *coordenação entre DPs*, tendo como base a descrição dos condicionamentos sociais e linguísticos das variantes *mais/e/com* nas duas variedades investigadas do português popular do Estado da Bahia: **português popular do interior** e **português popular da capital**. A análise desses falares é seguida pela retomada dos resultados obtidos para o português afro-brasileiro, para fins de oferecer uma visão conjunta do *mais* conector no cenário sociolinguístico baiano.

A compreensão dos fenômenos variáveis fundamenta-se na análise dos resultados quantitativos das variáveis independentes selecionadas pelo *software* VARBRUL como estatisticamente relevantes. A partir dos números obtidos faço algumas interpretações e generalizações norteadas pelas escolhas teóricas assumidas: a relexificação (LEFEBVRE, 1998, 2001; LEFEBVRE; LUMSDEN, 1994); a polarização sociolinguística do PB (LUCCHESI, 2015), o *continuum* de urbanização (BORTONI-RICARDO, 2004; LUCCHESI, 2015), a Sociolinguística Paramétrica (TARALLO, 1987; TARALLO; KATO, 1989). Considerando a importância de estabelecer uma apreciação conjunta dos contextos, faço comentários a respeito de determinadas variáveis não selecionadas pelo pacote de programas.

O texto divide-se em três grandes blocos, além das considerações finais parciais. Os primeiros são referentes a cada uma das variáveis dependentes. Na seção 4.1, apresento os fatores determinantes para o uso das variantes *mais/com* na *subordinação(com)*; na seção 4.2, trato das variantes *mais/e* na *coordenação entre DPs*. Para captar as nuances do falar baiano no eixo rural-urbano, cada uma dessas partes apresenta-se em duas subseções, tratando do PPI, representado pelas comunidades da zona rural de Poções, Santo Antônio de Jesus e Feira de Santana, e pelas comunidades das sedes desses municípios (seções 4.1.1 e 4.2.1); e do PPC, representado pelas comunidades de Cajazeiras, Itapuã, Plataforma e Liberdade, distritos administrativos da cidade de Salvador, terceira maior metrópole do país³⁶ (seções 4.1.2 e 4.2.2).

Na seção 4.3, estabeleço a trajetória do *mais* conector no cenário dos falares vernáculos baianos, buscando relacionar a difusão das variantes não-padrão e a situação sociolinguística atual à formação sócio-história do PPB. A visão contínua pode ser uma forma de explicar e

³⁶ De acordo com dados do IBGE para o Censo de 2010. A população de Salvador é estimada em 2.675.656, ficando atrás apenas dos municípios de São Paulo, com população de 11.253.503, e do Rio de Janeiro, com população de 6.320.446.

interpretar o fenômeno. Cabe salientar, mais uma vez, a hipótese norteadora de o *mais* conector resultar de contato linguístico, portanto, seu uso como partícula comitativa e coordenativa entre DPs deve ser mais evidente no português afro-brasileiro enquanto esse percentual deve cair gradualmente até o outro extremo da escala contínua, a norma urbana da capital. Os fatores sociais são de grande relevância para a verificação da hipótese.

4.1 A SUBORDINAÇÃO(*COM*)

Na Introdução esbocei a perspectiva adotada por este trabalho para as estruturas subordinadas(*com*) e coordenadas. No Capítulo 1, tratei mais detalhadamente desses processos gramaticais formadores de estruturas complexas. Assumi que a subordinação é uma construção assimétrica, ou seja, os termos relacionados são organizados em níveis hierárquicos desiguais e um termo exerce função sintática ou semântica no outro termo. Os exemplos em (1) e (2) mostram o uso comitativo das variantes *mais/com* entre os falantes. Nas sentenças em (a) há a ocorrência da variante *mais* e nas sentenças em (b) da variante padrão *com*.

(1) PORTUGUÊS POPULAR DO INTERIOR

- a. Vai ficá lá conversano *mais* a mulhé. (SR)
- b. Eu fui criado *com* vô né. (FR)

(2) PORTUGUÊS POPULAR DA CAPITAL

- a. Peguei a moto do cara, desci *mais* ele. (LB)
- b. Eu é que vô *com* ele. (CJ)

4.1.1 Variação *mais/com* no português popular do interior da Bahia

Para a análise do PPI, foram fixados dez grupos de fatores, dos quais cinco foram considerados significativos pelo VARBRUL, na ordem de relevância apontada: *faixa etária*, *função do com-DP*, *urbanização*, *estrutura do com-DP* e *estada na comunidade*. Além desses, apresento os resultados referentes a *município* e *referencialidade*, por serem relevantes para a compreensão do fenômeno. O primeiro por complementar a análise da variável *urbanização*; o segundo por ter sido selecionado em pesquisa anterior, como um condicionamento para a variante *mais* no português afro-brasileiro (GOMES, 2014). Para fins de organização textual,

apresento primeiramente a análise dos condicionamentos sociais e, em seguida, dos condicionamentos linguísticos.

4.1.1.1 Faixa etária

O programa estatístico apontou a *faixa etária* como o primeiro fator mais significativo no condicionamento da variante *mais*. A hipótese inicial é que essa estratégia ocorra majoritariamente entre os falantes da faixa 3, em razão de serem representativos do modelo linguístico mais antigo nas comunidades, mais afetado pelos efeitos do contato linguístico.

Tabela 3: O *mais* comitativo segundo a variável *faixa etária* no PPI

FAIXA	Nº DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Faixa 1	50/390	13%	.33
Faixa 2	68/279	24%	.48
Faixa 3	134/345	39%	.70
Total	252/1.014	25%	-

Nível de significância: .000

Na Tab. 3, observa-se um padrão decrescente de uso do *mais* comitativo da faixa 3 para a faixa 1, com os seguintes pesos relativos: .70 entre os *mais* velhos (frequência 39%), .48 na faixa intermediária (frequência 24%), .33 entre os *mais* jovens (frequência 13%). O resultado vai ao encontro da hipótese proposta, uma vez que o uso de *mais* como partícula comitativa é uma estratégia mais antiga nas comunidades.

Esse é o cenário típico de mudança em progresso, na qual a forma *mais*, considerada resultante do contato entre línguas (GOMES, 2014), estaria se perdendo em função da influência externa, por conta de um processo mais amplo de nivelamento linguístico, em que os modelos dos grandes centros urbanos se difundem para todas as regiões do país, na atualidade (LUCCHESI, 2001, 2006, 2015). Os resultados relativos à substituição do *mais* pelo *com* desta análise indicam que esse processo estaria se intensificando nas últimas décadas; o que é bastante plausível, considerando a ampliação da influência dos meios de comunicação de massa e do sistema de educação pública, bem como o maior deslocamento dos indivíduos, nesse período mais recente (LUCCHESI, 2015). A mesma mudança está em progresso no PPC, só que mais avançada (seção 4.1.2.1)

4.1.1.2 Urbanização e município

No processamento dos dados, o VARBRUL selecionou ainda como estatisticamente relevante a variável *urbanização*. Foram definidos dois valores: *rural*, para as comunidades localizadas na zona rural, e *rurbana*³⁷, para as sedes dos municípios. Tendo em vista o objetivo de se estabelecer a trajetória da variante *mais*, no português popular baiano, a hipótese é que essa variante seja favorecida nas comunidades rurais, enquanto nas comunidades rurbanas a variante padrão seja a mais empregada. Segundo Lucchesi (2015), as normas rurais são menos afetadas pela escolarização e pela exposição à mídia, portanto, nelas os processos de variação e mudança, resultantes do contato linguístico ocorrido no passado, são mais nítidos.

Tabela 4: O *mais* comitativo segundo a variável *urbanização* no PPI

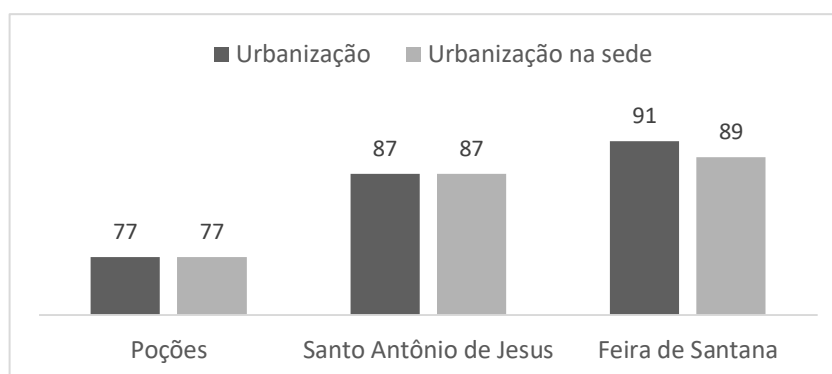
URBANIZAÇÃO	Nº DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Rural	144/455	32%	.61
Rurbana	108/559	19%	.41
Total	252/1.014	25%	-

Nível de significância: .000

Observando-se os resultados da Tab. 4, constata-se que a variante *mais* é mais empregada nas comunidades da zona rural, no interior do Estado, com peso relativo .61 e frequência 32%. Nas comunidades rurbanas, a variante padrão é favorecida, com peso relativo .59 e frequência 81%. Esse resultado é favorável à hipótese estabelecida para a projeção da variante *mais* no *continuum* de normas do português popular baiano, que reflete o avanço do processo de nivelamento linguístico. O nivelamento linguístico atinge primeiramente a sede do município para depois se propagar para a zona rural.

A fim de ampliar a compreensão em torno do fenômeno investigado, com base na proposta de Lucchesi (2015), fiz uma rodada dos dados codificando-os por *município*. Conforme o perfil sociocultural das comunidades no Capítulo 3, Poções e Santo Antônio de Jesus são caracterizadas como cidades de pequeno porte do interior, enquanto Feira de Santana é considerada uma cidade de médio porte. O grau de urbanização geral e na sede dos municípios é o seguinte:

³⁷ Para o conceito de comunidade *rurbana*, ver definição de Bortoni-Ricardo (2004) na seção 2.3.1.

Gráfico 1: Grau de urbanização dos municípios segundo dados do IBGE

Fonte: Sinopse do Censo 2010 disponível em: <censo2010.ibge.gov.br/sinopse>.

O percentual obtido por município consta na Tab. 5. Pode-se verificar que Poções, o município menos urbanizado é o que mais realiza a variante *mais*, com 35%; enquanto Santo Antônio de Jesus e Feira de Santana, mais urbanizados, apresentam uma frequência menor de uso. O mesmo percentual de realização do *mais* em Santo Antônio de Jesus e Feira de Santana reflete o grau de urbanização desses municípios, que é praticamente o mesmo, embora o índice de Feira de Santana seja um pouco maior, por se tratar de uma cidade mais populosa.

Tabela 5: O *mais* comitativo segundo a variável *município* no PPI

MUNICÍPIO	Nº DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA
Poções	176/506	35%
Santo Antônio de Jesus	44/254	15%
Feira de Santana	32/210	15%
Total	252/1.014	25%

A correlação numérica do Gráfico 1 com a Tab. 5 indica um ponto de confluência: quanto menor a urbanização do município mais usual é a variante não-padrão *mais*. A quantificação dessa estratégia nas comunidades rurais afro-brasileiras acentua ainda mais esse resultado, como discutido na seção 4.3.

4.1.1.3 Estada na comunidade

A permanência na comunidade é outro contexto favorável à manutenção do *mais* como estratégia comitativa nas comunidades do interior (peso relativo .57). A frequência é de 35% de realização entre os informantes que não se ausentaram da comunidade por período superior a seis meses. É bem superior à frequência de 19% no comportamento linguístico dos que

viveram um tempo fora da comunidade, geralmente em centros urbanos maiores. Essa diferença confirma também a mudança de substituição do *mais* pela preposição *com* como resultado de influências externas à comunidade. É o que se pode concluir a partir dos números da Tab. 3 e da Tab. 6.

Tabela 6: O *mais* comitativo segundo a variável *estada na comunidade* no PPI

ESTADA	Nº DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Não esteve fora	145/418	35%	.57
Esteve fora	99/531	19%	.45
Total	244/949	26%	-

Nível de significância: .000

4.1.1.4 Função do *com-DP*

A pesquisa realizada no universo do português afro-brasileiro (GOMES, 2014) apontou a *função do com-DP* como um fator importante no condicionamento da variante *mais*. Na delimitação dessa variável, a hipótese teve como objetivo verificar se a natureza do predicado verbal, simétrico ou não, tem alguma relevância na seleção de uma ou outra variante. A depender do tipo de verbo, a preposição introduz DP com função de complemento de V ou de adjunto de V.

O predicado simétrico tem como característica requerer necessariamente mais de um participante no evento. Dessa forma, o *com-DP* é considerado um argumento requerido pelo núcleo V para compor sua grade argumental. São exemplos as sentenças em (3b, d). Mas a preposição *mais/com* também pode introduzir constituinte adjunto, ocorrendo com verbos não simétricos, nas construções comitativas, a exemplo de (3a, c).

- (3)
- a. Aí ele cansava de sair *mais* o irmão. (SR) = adjunto
 - b. (...) que nem eu convessano *mais* Frô a semana passada. (SR) = compl.
 - c. Gostei de estudá *com* minhas amiga. (PR) = adjunto
 - d. Ela torno brigá *com* minha irmã pequena. (PR) = compl.

Nos predicados simétricos e nos comitativos genuínos o Suj-DP e o *com-DP* parecem exercer a mesma função semântica. Nos exemplos em (3), os participantes atuam como *agente*. Vale ressaltar que outros casos de comitativo (cf. seção 5.3.2) não entraram na análise

sociolinguística porque a variante *mais* não é selecionada. Só há ocorrência de *mais* conector quando a interpretação é de “co-participação” no evento.

O resultado obtido na pesquisa com o português afro-brasileiro (GOMES, 2014) apontou que o estatuto sintático de adjunto favorece a estratégia [DP V *mais* DP], com peso relativo .62 e frequência 44%. Para a função de complemento os números obtidos foram peso relativo .25 e frequência 19%.

No PPI, a variante *mais* também é favorecida quando o com-DP exerce função de adjunto (peso relativo .62). Por outro lado, a função de complemento favorece o uso da preposição *com* (peso relativo .75). Os números da Tab. 7 mostram um número reduzido de realizações da variante *mais* introduzindo complemento de V, um resultado importante para a análise formal apresentada no Capítulo 5.

Tabela 7: O *mais* comitativo segundo a variável *função do com-DP* no PPI

FUNÇÃO	Nº DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Adjunto	224/708	32%	.62
Complemento	28/306	9%	.25
Total	252/1.014	25%	-

Nível de significância: .000

Como o contexto de adjunção favorece o uso preposicional da variante *mais*, é possível afirmar que as propriedades básicas da preposição, seus traços semântico <INCLUSÃO> e sintático <RELACIONAL>, são mais relevantes do que os acarretamentos lexicais projetados pelo verbo simétrico aos seus argumentos (cf. seção 5.1.3).

4.1.1.5 Estrutura e referencialidade do com-DP

Quando o com-DP é formado por elementos gramaticais que evidenciam maior referencialidade, como pronome possessivo, artigo definido, DP pronominal e nomes nus (nomes próprios), a variante *mais* é favorecida. Entretanto, a estrutura formada por artigo indefinido + N alcançou o patamar de peso relativo .65, demonstrando ser um contexto favorável ao uso da preposição *mais*. Por outro lado, a variante *com* parece ser condicionada quando o DP é estruturado por elementos que denotam menor referencialidade, como pronome indefinido ou demonstrativo e núcleo vazio, bem como pelas estruturas mais pesadas, formadas por adjetivo, sintagma preposicional e coordenação. Esses resultados constam na Tab. 8. Exemplifico aqui apenas algumas dessas estruturas.

- (4) Os menino da vizinha que veio ‘marrá fumo *mais* minha mãe. (SS) = poss.
 (5) Aí eu fiquei *mais* um véi. Vêi muito sabido. (PR) = art. indef.
 (6) Não tem condições de ela tá *com* duas... [pessoas]. (FR) = núcleo Ø
 (7) Só pra tê mais folga pra tá namorando *com* uns e outro. (SS) = coord.

Tabela 8: O *mais* comitativo segundo a variável *estrutura do com-DP* no PPI

ESTRUTURA	Nº DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Poss. + N	29	26%	.56
Pronominal	107	27%	.56
Art. def. + N	47	32%	.60
Nome nu	25	30%	.59
Art. indef. + N	12	30%	.65
Pro. indef./demonst. + N	5	6%	.16
D + núcleo Ø	4	9%	.23
Adjetivo + N	4	13%	.26
N + PP	10	23%	.38
Outros	7	19%	.44
Total	250/1.012	25%	-

Nível de significância: .000

A variável *referencialidade* não foi selecionada pelo programa estatístico, mas o resultado percentual obtido ratifica a tendência apontada na Tab. 8. Os DPs com traço [+definido] são mais frequentes na fala dos informantes que selecionam a preposição *mais*. A ocorrência em (4) é um exemplo. A frequência de registro dessa variante cai à medida que a referencialidade torna-se menos definida, como em (5), ou é genérica, a exemplo de (7).

Tabela 9: O *mais* comitativo segundo a variável *referencialidade* no PPI

REFERENCIALIDADE	Nº DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA
Traço [+definido]	197/727	27%
Traço [-definido]	34/157	22%
Genérico	19/128	15%
Total	250/1.012	25%

O estudo feito por Gomes (2014) revela os mesmos condicionamentos no uso da variante *mais* no português afro-brasileiro. A variante *mais* é favorecida na presença de DPs com traço [+definido] (peso relativo .54) e seu uso diminui à medida que a referencialidade se torna [-definida] (peso relativo .32) ou genérica (peso relativo .21).

O resultado da Tab. 8 e da Tab. 9 pode se justificar pela atuação dos traços básicos do *mais* conector, <INCLUSÃO> e <RELACIONAL>.

Esses foram os resultados obtidos no âmbito do português falado no interior do Estado. A seguir, apresento a análise no universo do PPC.

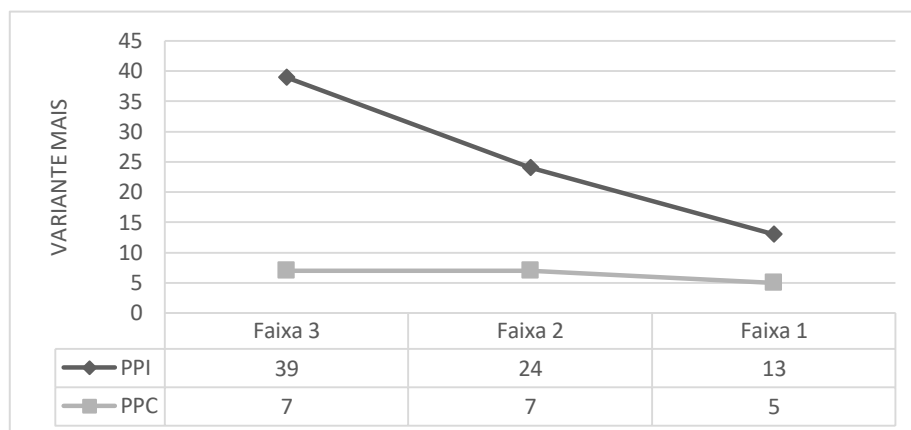
4.1.2 Variação *mais/com* no português popular da capital Salvador

Para o português popular falado na capital baiana, o VARBRUL apontou apenas a variável *função do com-DP* como estatisticamente relevante, o que, a princípio, causou estranheza. No entanto, uma pesquisa sociolinguística não deve realizar apenas análises quantitativas, mas também qualitativas. O nível de variação encontrado para esse fenômeno em Salvador é muito baixo, apenas 6% de realização da variante *mais*, um cenário que aponta quase uma regra semi-categórica (LABOV, 2003), ou seja, não é uma variação estruturada, uma situação em que as correlações entre os fatores linguísticos e extralinguísticos e o fenômeno variável ficam enfraquecidas. Porém, mesmo nesse cenário, é possível encontrar indícios de uma mudança, no que diz respeito ao desaparecimento da variante *mais*, como apresento na próxima subseção.

4.1.2.1 O contexto social para a variação *mais/com* em Salvador

Os números referentes à *faixa etária* do informante são apresentados em todos os contextos investigados a fim de se realizar uma análise da tendência da variante *mais*. Essa variável foi selecionada como relevante pelo VARBRUL no âmbito do PPI. Seguindo a hipótese de que os modelos urbanos cultos têm sido difundidos para todo o país, promovendo mudanças de cima para baixo na norma popular, espera-se que no PPC o processo de substituição da variante *mais*, produzida pelo contato, pelas variantes cultas/padrão *e/com* esteja mais avançado.

Na capital baiana, a influência da *faixa etária* na realização da partícula comitativa *mais*, na faixa 1, obteve o percentual de 5%. Para as faixas 2 e 3 as ocorrências computadas correspondem a 7% do total. Em contraparte, a variante padrão *com* predomina no cenário sociolinguístico da capital, uma vez que os três grupos de falantes apresentam percentuais de uso acima dos 90%. Os números indicam uma forte substituição da variante que emergiu do contato linguístico. No Gráfico 2, as curvas de distribuição representam esses resultados.

Gráfico 2: A variante *mais* na subordinação(*com*) segundo a faixa etária

De modo geral, o cenário é de mudança linguística: o uso do *mais* como partícula comitativa, decorrente da influência do contato com as línguas africanas, está cedendo lugar ao emprego da preposição *com*. A mesma mudança está em progresso no PPI. No PPC, os números mais discretos parecem indicar que a mudança está quase completada, o que é ratificado pelas variáveis *naturalidade*, *rede de relações* e *nível de exposição à mídia*.

Tabela 10: O *mais* comitativo segundo a variável *naturalidade* no PPC

NATURALIDADE	Nº DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA
Nascidos no interior	13/149	9%
Nascidos na capital	29/567	5%
Total	42/716	6%

Entre os falantes naturais do interior o percentual de uso da variante *mais* é maior, com 9%. Entre os nascidos na capital, há pouquíssima realização, representando apenas 5% dos dados.

Por se tratar de uma variedade de fala urbana, contextos sociais como exposição midiática e rede de relações podem ter influência sobre o comportamento linguístico do indivíduo em sua comunidade de fala. Os falantes dos centros urbanos são mais afetados pela *exposição à mídia*, por essa razão, na coleta dos dados controlou-se essa variável, mais especificamente a exposição à televisão e ao rádio, considerando os seguintes fatores: *alta*, com mais de quatro horas diárias; *baixa*, com até duas horas diárias; e *religiosa*, preferência à programação religiosa. Através da mídia, o falante de uma comunidade pode ter acesso a diferentes usos linguísticos, bem como à avaliação social sobre esses usos. Na Tab. 11 os

números apontam uma maior frequência da variante *mais* entre os falantes com baixa exposição à mídia, com 7%.

Tabela 11: O *mais* comitativo segundo a variável *nível de exposição à mídia* no PPC

EXPOSIÇÃO	Nº DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA
Exposição baixa	20/267	7%
Exposição alta	18/345	5%
Programas religiosos	4/104	4%
Total	42/716	6%

A variante *mais*, introduzida no PB como resultado do contato entre línguas, realiza-se mais frequentemente entre os falantes com rede de relações local, concentrada em sua comunidade de fala, com 7%.

Tabela 12: O *mais* comitativo segundo a variável *rede de relações* no PPC

REDE DE RELAÇÕES	Nº DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA
Local	29/418	7%
Dispersa	13/298	4%
Total	42/716	6%

De um modo geral, o perfil do falante que prefere a variante *mais* como estratégia comitativa é: naturais do interior, com rede de relações local e baixa exposição à mídia. Comparando-se esse resultado com o percentual de 94% de realização da variante *com*, esse parece ser um cenário de mudança praticamente completa de substituição do *mais* pelo *com* em Salvador.

Feitas essas considerações de relevância para a compreensão do fenômeno, apresento os resultados referentes à variável linguística selecionada como relevante pelo VARBRUL.

4.1.2.2 Função do *com-DP*

Como já foi dito na seção 4.1.1.4, a variável *função do com-DP* leva em consideração a natureza do predicado verbal, simétrico ou não. O predicado simétrico atribui um conjunto de acarretamentos aos DPs selecionados, e o papel da preposição parece ficar em segundo plano. Mas nos comitativos as propriedades básicas da preposição é que ficam em evidência, tendo em vista que os verbos em si não são os responsáveis pela equivalência semântica dos DPs. O estudo feito com o português afro-brasileiro (GOMES, 2014) e o resultado obtido por esta

pesquisa para o português falado no interior do Estado revelam a significância dos traços da preposição para o uso da variante *mais*.

No PPC, os dados numéricos na Tab. 13 apontam a função adjunto de V, a exemplo de (8a), como um contexto de favorecimento para a realização da preposição *mais*, com peso relativo .60, contra .24 quando o estatuto sintático do DP é complemento de V, como em (8b).

- (8) a. Eu vinha pa praia me picava (= ia) sozinho *mais* os colega aí. (IT) = adjunto
 b. Eu brigava muito assim *mais* meu pai. (PL) = compl.
 c. Vai, vai jantá *com* seus filho. (CJ) = adjunto
 d. Casô *com* uma enfermêra. (CJ) = compl.

Tabela 13: O *mais* comitativo segundo a variável *função do com-DP* no PPC

FUNÇÃO	Nº DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Adjunto	39/531	7%	.60
Complemento	3/185	2%	.24
Total	42/716	6%	-

Nível de significância: .002

A forma de análise adotada nesta pesquisa considera que o traço semântico <INCLUSÃO> e o traço sintático <RELACIONAL> parecem ter licenciado o uso do advérbio *mais* como uma partícula comitativa no vernáculo do português popular baiano, e a seleção predominante de argumentos adjungidos ao V reforça essa proposta.

Na próxima seção analiso o encaixamento social e linguístico do fenômeno coordenação entre DPs.

4.2 A COORDENAÇÃO ENTRE DPs

Partindo da concepção de coordenação como um processo gramatical formador de constituintes complexos simétricos, ou seja, sintática e semanticamente paralelos, como discutido na seção 1.2, passo a descrever os resultados obtidos para o fenômeno variável *mais/e*. Os exemplos seguintes são do *corpus*. Nas sentenças em (a) há a realização da variante não-padrão *mais* e nas sentenças em (b) da variante padrão *e*.

(9) PORTUGUÊS POPULAR DO INTERIOR

- a. Ói meu pai *mais* o seu batalhava... (FR)
- b. Só sai eu *e* ele. (SS)

(10) PORTUGUÊS POPULAR DA CAPITAL

- a. Minha mãe *mais* meus irmão vendero a casa. (IT)
- b. Eu *e* seu pai vai lhe dá uma surra. (CJ)

4.2.1 Variação *mais/e* no português popular do interior da Bahia

De um grupo de dez fatores fixados inicialmente, o pacote estatístico atribuiu relevância a *urbanização, função dos DPs coordenados, estrutura do primeiro DP e estrutura do segundo DP*, nessa ordem. As próximas seções dedicam-se à descrição do encaixamento dessas variáveis, mas também de *município, escolaridade e estada na comunidade*, que apresentam resultados qualitativamente importantes para esta pesquisa. Os percentuais obtidos para *faixa etária* no PPI encontram-se registrados na seção 4.2.2.2 para fins de comparação com o PPC.

4.2.1.1 Urbanização

O primeiro grupo de fatores apontado como significativo pelo VARBRUL diz respeito à *urbanização* da comunidade. Os resultados constam na Tab. 14, a seguir.

Tabela 14: O *mais* coordenador segundo a variável *urbanização* no PPI

URBANIZAÇÃO	Nº DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Rural	41/182	23%	.71
Rurbana	12/196	6%	.30
Total	53/378	14%	-

Nível de significância: .008

As comunidades localizadas na zona rural apresentam resultado favorável à realização da variante *mais*, com .71 de peso relativo (frequência 23%), confrontando-se com os resultados para as comunidades rurbanas, com .30 de peso relativo (frequência 6%). Esse resultado assemelha-se ao encontrado para a preposição *mais* no PPI, indicando um resultado que vai ao encontro da hipótese proposta por Lucchesi (2015): comunidades rurais e rurbanas localizam-se em pontos diferentes em um *continuum* linguístico, devido às suas especificidades. Os efeitos

da escolarização e da exposição midiática são mais intensos nas comunidades de fala onde há mais urbanização. Menos afetadas por esses efeitos (escolarização, mídia, urbanização), as comunidades rurais evidenciam mais os processos de variação e mudança, ocorridas no passado, em função do contato entre línguas.

4.2.1.2 O contexto social para a variação *mais/e* no interior

Com o objetivo de ampliar o espectro de análise em torno do comportamento das variantes investigadas, avalio os resultados percentuais obtidos para as variáveis *município*, *escolaridade* e *estada na comunidade*.

O perfil sociocultural das comunidades, descrito no Capítulo 3, em consonância com a proposta de Lucchesi (2015), caracteriza os municípios de Poções e Santo Antônio de Jesus como sendo de pequeno porte do interior. Feira de Santana, por sua vez, é considerada uma cidade de médio porte do interior. O Gráfico 1 apresentado na seção 4.1.1.2 mostra o grau de urbanização desses municípios de acordo com dados do IBGE³⁸: Poções (geral: 77%; sede 77%); Santo Antônio de Jesus (geral: 87%; sede 87%); Feira de Santana (geral: 91%; sede 89%).

O resultado para o uso do *mais* coordenador, na Tab. 15, indica comportamento semelhante ao uso do *mais* como partícula comitativa. O município com menor índice de urbanização, Poções, revela a maior frequência de realização da variante *mais* (18%), seguido por Santo Antônio de Jesus (10%) e Feira de Santana (9%), refletindo os índices mais elevados de urbanização desses dois últimos municípios.

Tabela 15: O *mais* coordenador segundo a variável *município* no PPI

MUNICÍPIO	Nº DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA
Poções	35/191	18%
Santo Antônio de Jesus	10/102	10%
Feira de Santana	8/85	9%
Total	53/378	14%

A escolarização do informante pode influenciar sua escolha pela variante de prestígio, padrão, em detrimento da variante não-padrão. Embora os informantes considerados escolarizados tenham estudado apenas até o 5º ano da educação básica, o contato com a escola

³⁸ Sinopse do Censo 2010 disponível em: <censo2010.ibge.gov.br/sinopse>.

pode ter criado a expectativa de que certas formas de uso são “corretas”. Na perspectiva de que a variante *mais* não é apresentada nos manuais normativos, nem nos textos escritos formais, a hipótese é que ela seja mais empregada por falantes não escolarizados. Os resultados, apresentados na Tab. 16, confirmam essa hipótese. Entre os indivíduos não escolarizados a variante *mais* tem uma frequência maior de realização, com 18%. A variante padrão tem maior ocorrência entre os falantes que frequentaram a instituição escolar.

Tabela 16: O *mais* coordenador segundo a variável *escolaridade* no PPI

ESCOLARIDADE	Nº DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA
Analfabeto	27/149	18%
Semianalfabeto	26/229	11%
Total	53/378	14%

Analisando a influência da *estada na comunidade*, na Tab. 17, a variante *mais* obteve um percentual maior de realização entre os falantes que não se ausentaram por período superior a seis meses, com 16%. De outro modo, entre aqueles que viveram fora da comunidade, mantendo contato com a norma urbana, essa variante é menos frequente, com 11%; um resultado favorável à hipótese de que o elemento coordenador *mais* é vernacular, resultante do contato entre línguas. Por outro lado, a maior frequência de uso da variante *e* entre os falantes que viveram fora da comunidade confirma a hipótese de que se trata de uma mudança, não apenas de cima para baixo, mas também de fora para dentro das comunidades.

Tabela 17: O *mais* coordenador segundo a variável *estada na comunidade* no PPI

ESTADA	Nº DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA
Não esteve fora	32/197	16%
Esteve fora	19/166	11%
Total	51/363	14%

A análise do uso da preposição *mais* no PPI revelou o mesmo condicionamento em relação aos informantes que estiveram fora da comunidade.

Na próxima subseção descrevo os condicionamentos internos para a realização do *mais* como um elemento de coordenação.

4.2.1.3 Função dos DPs coordenados

No PPI foram computadas três funções sintáticas para o sintagma coordenado: sujeito, complemento e adjunto, conforme exemplos em (11-13) na Tab. 18. Com a fixação dessa variável busco testar a relevância da posição do sintagma coordenado na estrutura da sentença. Como não foram encontradas ocorrências da variante *mais* coordenando DPs com traço [-animado], a hipótese inicial é a de que essa variante seja a escolha dos falantes quando os elementos coordenados atuam, principalmente, como sujeito da sentença, como no exemplo em (11), tendo em vista que essa posição mais alta abriga preferencialmente DPs com o traço [+animado].

- (11) Eu *mais* os colega saía todo dia três hora. (PS) = sujeito
 (12) Cê num lembrá de seu pai *mais* sua mãe? (PR) = compl. de V
 (13) E graças a Deus *mai* meu fio, essas três tarefa aqui muito bem dá pr'eu tabalhar
 (FR) = adjunto

Os dados de elementos coordenados atuando como sujeito sobressaltam às demais funções, talvez devido ao tipo de discurso ou ao fato de que essa posição sintática abriga DPs com o traço [+animado]. Ao todo, foram computadas 189 ocorrências, das quais 22% são da variante *mais*, e o VARBRUL indicou um peso relativo de .58 nesse contexto. Outras variáveis também têm apontado a relevância da carga semântica do *mais* conector e dos contextos de maior referencialidade para sua realização.

Tabela 18: O *mais* coordenador segundo a variável *função dos DPs* no PPI

FUNÇÃO	Nº DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Sujeito	42/189	22%	.58
Complemento	10/102	10%	.49
Adjunto	1/29	3%	.15
Total	53/320	17%	-

Nível de significância: .008

4.2.1.4 Estrutura dos DPs coordenados

Essa variável leva em consideração a configuração interna do DP. Conforme a pesquisa realizada no âmbito do português afro-brasileiro (GOMES, 2014), seria de se esperar que os itens que expressam maior referencialidade favorecessem o uso de *mais*. As primeiras rodadas no programa estatístico apontaram alguns *knockouts*, isto é, ausência categórica de determinado contexto em uma das variantes, assim, os dados foram agrupados de acordo com o tipo para o prosseguimento da análise. A seguir, apresento as definições de cada padrão exemplificadas.

- I. **Grupo 1:** estrutura formada por itens de referência [+definida]. Ex. possessivo, como em (14a); pronome, como em (14b); artigo definido, como em (14c).

- (14) a. *Seu* pai *mais sua* mãe.
 b. *Eu* *mais ele*.
 c. *Os* menino e *as* menina.

- II. **Grupo 2:** estrutura formada por itens de referência [-definida]. Ex. pronome indefinido/demonstrativo, como em (15a); numeral, como em (15b); artigo indefinido, como em (15c).

- (15) a. Ele *mais outro* pedreiro.
 b. *Seis* irmãs e nenhum irmão.
 c. *Uma* mulé e *um* home.

- III. **Grupo 3:** estrutura *mais pesada*, formada por itens com maior carga semântica ou estrutural. Ex. adjetivo/locução adjetiva, como em (16a); N+PP, como em (16b); N+Oração, como em (16c).

- (16) a. *Dotô* José e *dotô* Francisco.
 b. O pai *dela* e o irmão.
 c. Uma mulé e uma filha *que mora em São Paulo*.

A distribuição dos resultados na Tab. 19, referente ao primeiro DP da variável estrutural, elenca os fatores pertencentes ao Grupo 1 separadamente, pois são os dados mais relevantes

para a análise da variante *mais*. Os números do VARBRUL apontam os seguintes contextos de favorecimento: poss.+N, pronominal e nomes nus (em sua maioria nomes próprios devido ao tipo de entrevista), com pesos relativos de .66, .64 e .63, respectivamente.

A configuração art. def.+N foi apontada como altamente desfavorável à realização do *mais* coordenador, contrariando a hipótese inicial. Pode-se supor que seja pelo fato de essa formação possibilitar a construção de DPs genéricos, como na sentença em (17), na qual o informante se refere aos costumes culturais do passado da comunidade.

(17) Tinha que ir na casa da mãe pedir permissão *o pai e a mãe*. Pelo meno sempre eu vi assim, né? (FR)

Os resultados percentuais e os pesos relativos da Tab. 19 mostram que a variante *mais* sofre desfavorecimento quando a configuração interna do DP é do Grupo 2 ou do Grupo 3. Ressalto a ausência quase categórica de estrutura do Grupo 3 com a variante *mais*.

Tabela 19: O *mais* coordenador segundo a variável *estrutura do primeiro DP* no PPI

ESTRUTURA	Nº DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Poss. + N	7/37	19%	.66
Pronominal	30/131	23%	.64
Nome nu	11/87	13%	.63
Art. def. + N	2/44	5%	.11
Grupo 2	2/53	4%	.34
Grupo 3	1/26	4%	.30
Total	53/378	14%	-

Nível de significância: .008

No caso do segundo DP, os números da Tab. 20 mostram um condicionamento bem parecido, com poucas divergências. A estrutura formada por poss.+N e por pronome ainda são considerados relevantes para o uso do *mais* coordenador, com pesos relativos de .61 e .74, respectivamente; mas os DPs configurados como nomes nus parecem desfavorecer a realização dessa estratégia. Formações do Grupo 2 e do Grupo 3 parecem ter pouca influência na escolha do coordenador *mais*. No entanto, o resultado para a estrutura art. def.+N se comportou de maneira oposta: o peso relativo de .77 indica um contexto bastante favorável para a realização da variante *mais*.

Tabela 20: O *mais* coordenador segundo a variável *estrutura do segundo DP* no PPI

ESTRUTURA	Nº DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Poss. + N	11/52	21%	.61
Pronominal	8/28	29%	.74
Art. def. + N	13/64	20%	.77
Nome nu	13/104	13%	.38
Grupo 2	7/86	8%	.44
Grupo 3	1/44	2%	.20
Total	53/378	14%	-

Nível de significância: .008

Esses foram os resultados obtidos no âmbito do português falado no interior do Estado. A seguir, apresento a análise no universo do PPC.

4.2.2 Variação *mais/e* no português popular da capital Salvador

Do conjunto de onze variáveis fixadas inicialmente, a ferramenta de análise quantitativa atribuiu significância a *função dos DPs coordenados*, *rede de relações* e *naturalidade do informante*, nessa ordem. Primeiramente, descrevo os condicionamentos sociais e, em seguida, apresento os dados da *faixa etária* do informante estabelecendo uma comparação entre o PPI e o PPC, a fim de diagnosticar um quadro de variação estável ou de uma mudança em progresso. Por fim, faço a análise do condicionamento linguístico *função* e algumas considerações sobre a *estrutura* dos DPs.

4.2.2.1 Rede de relações e naturalidade do informante

Conforme os números da Tab. 21 e da Tab. 22, a coordenação com o *mais* predomina entre os falantes com rede de relações local (peso relativo .61; frequência de 19%) e os nascidos no interior do Estado (peso relativo .71; frequência de 25%). De outro modo, entre os informantes nascidos na capital e com rede social dispersa a variante padrão é *mais* usual.

Tabela 21: O *mais* coordenador segundo a variável *rede de relações* no PPC

REDE DE RELAÇÕES	Nº DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Local	27/143	19%	.61
Dispersa	10/119	8%	.37
Total	37/262	14%	-

Nível de significância: .011

Como já foi dito anteriormente, a rede social *dispersa* indica relações sociais fora da própria comunidade de fala, já a rede *local*, relações sociais limitadas à própria comunidade, o que pode favorecer a manutenção dos usos linguísticos locais. Para o fenômeno da subordinação(*com*) o condicionamento social nesse contexto revelou-se o mesmo.

Tabela 22: O *mais coordenador* segundo a variável *naturalidade* no PPC

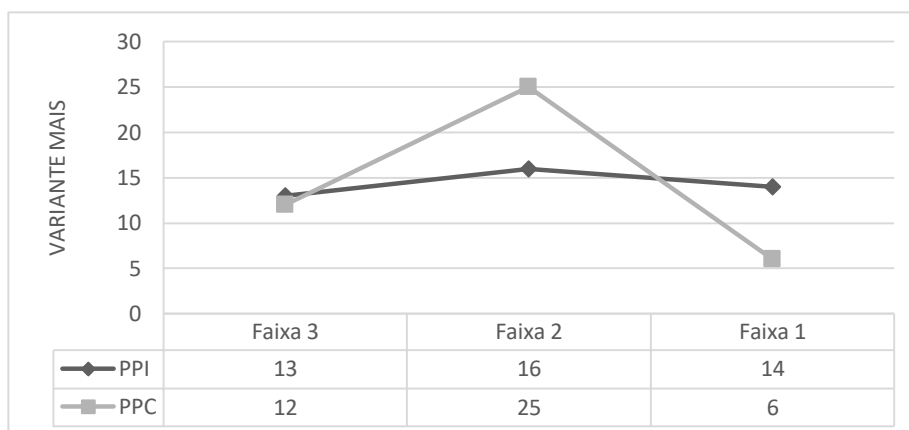
NATURALIDADE	Nº DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Nascidos no interior	12/48	25%	.71
Nascidos na capital	25/214	12%	.45
Total	37/262	14%	-

Nível de significância: .011

Os informantes nascidos no interior favorecem o uso da variante *mais* em ambos os fenômenos analisados nesta pesquisa. Esses falantes trazem para a capital usos linguísticos de regiões do país menos urbanizadas, um resultado que ratifica a relevância da variável *urbanização*. De acordo com Tarallo (1993b), o processo de migração do campo para a cidade favorece a interferência dos falares rurais nos falares urbanos.

4.2.2.2 Faixa etária

Nas comunidades do interior, o *mais coordenador* entre os informantes da faixa 3 corresponde a 13% dos dados, enquanto na faixa intermediária ocorre com uma frequência de 16% e na faixa 1 de 14%. A diferença percentual entre os informantes mais jovens e os mais velhos não é tão significativa, um cenário que aponta para uma variação estável. Nas comunidades da capital, a ocorrência dessa estratégia apresenta os seguintes números: 12% na faixa 3; 25% na faixa 2; 6% na faixa 1. O Gráfico 3 mostra a curva de distribuição da variante *mais*, nas três faixas etárias, no interior e na capital da Bahia.

Gráfico 3: A variante *mais* na coordenação entre DPs segundo a *faixa etária*

Parece haver uma variação estável nas duas variedades do português popular. Esse resultado difere do que encontrei (GOMES, 2014) no âmbito das comunidades rurais afro-brasileiras, quando o resultado apontou uma mudança em direção à forma padrão *e* (Figura 4).

4.2.2.3 Função e estrutura dos DPs

Em relação aos condicionamentos linguísticos, a função sintática exercida pelo(s) DP(s) revelou-se significativa nas quatro rodadas realizadas por esta pesquisa. Como partícula comitativa, a variante *mais* é favorecida quando o DP subordinado exerce função de adjunto de V. Como elemento coordenador, o estatuto sintático de sujeito condiciona o uso dessa variante no PPI (peso relativo .58) e no PPC (peso relativo .65). Em relação a esse último, os dados da Tab. 23 demonstram ainda que a função de *adjunto* (peso relativo .63) é relevante para o uso de *mais*.

Tabela 23: O *mais* coordenador segundo a variável *função dos DPs* no PPC

FUNÇÃO	Nº DE OCORRÊNCIAS/TOTAL	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Sujeito	28/129	22%	.65
Adjunto	4/19	21%	.63
Complemento	3/44	7%	.31
Aposto	2/41	5%	.21
Total	37/233	16%	-

Nível de significância: .011

Embora a *estrutura do DP* não tenha sido selecionada pelo VARBRUL, considero pertinente discutir os resultados obtidos a fim de se estabelecer uma comparação com essa variável selecionada nas rodadas anteriores. Na forma comitativa, a variante *mais* é favorecida quando o DP é formado por itens que denotam maior referencialidade (possessivo, pronome, artigo definido), pela configuração de nome nu (na maioria dos dados referindo-se a nomes próprios), e artigo indefinido. Como elemento de coordenação, no PPI, o DP pronominal ou formado por poss.+N e art. def.+N condicionam o uso de *mais*.

Esse condicionamento se repete no PPC. Tanto para o DP₁ como para o DP₂, a formação com pronome, possessivo e artigo definido foram encontradas em maior número; no entanto, as ocorrências classificadas como Grupo 2, de referência [-definido], e Grupo 3, mais pesadas/complexas, tiveram pouquíssima realização.

4.3 A TRAJETÓRIA DO *MAIS* CONECTOR NO PORTUGUÊS POPULAR BAIANO

O uso de um mesmo elemento exercendo função de partícula comitativa e coordenativa entre DPs é um padrão em línguas faladas na África. Conforme discutido e exemplificado no Capítulo 2, esse fenômeno se verifica em línguas africanas, pidgins e crioulas que se formaram na África, assim como no português falado como L2 no mesmo continente.

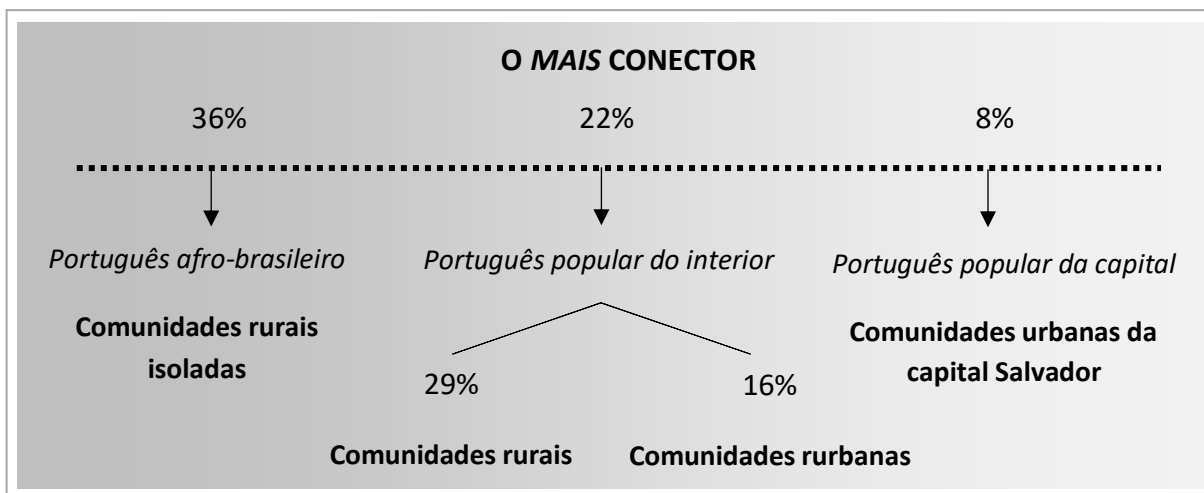
Muitas línguas com esse fenômeno vieram para o Brasil, e para o Estado da Bahia, durante o período do tráfico negreiro, durante os séculos XVI-XIX, trazidas pelos africanos que aqui desembarcaram (cf. seção 2.1). Entre elas estão quimbundo, hauçá, wolof, ewe, fula, nas quais o elemento para introduzir constituinte comitativo e coordenar DPs é o mesmo (GOMES, 2014).

Considerando esse fato histórico e a importância da matriz africana para a formação do PB, considero o *mais* conector resultado do contato linguístico, e uma evidência de que as línguas africanas teriam afetado o PB. O uso do *mais* como conector deve ser mais evidente no português afro-brasileiro enquanto esse percentual deve cair gradualmente até o outro extremo do *continuum*, a norma urbana da capital (LUCCHESI, 2015).

A fim de testar essa hipótese, compararam-se os resultados obtidos nas comunidades analisadas. As normas do português popular baiano são ordenadas em uma escala contínua segundo o grau de urbanização, em que a norma localizada mais à direita representa o comportamento linguístico mais afetado pelos efeitos da urbanização. Quanto mais à esquerda na Figura 19, menos urbanizada é a comunidade, menos afetada pela escolarização e exposição à mídia, e mais a norma linguística reflete os efeitos do contato, o que não deve ser considerado

uma coincidência. A distribuição contínua do fenômeno *mais* conector apresentou os seguintes resultados:

Figura 19: Distribuição da variante *mais* no português popular do Estado da Bahia



Fonte: Elaborado pela autora.

A comparação entre os percentuais de uso do *mais* nas comunidades confirma a proposta de *continuum*, uma vez que seu percentual de realização cai gradualmente, na medida em que se passa das comunidades *mais* isoladas (e menos afetadas pelos fatores que impulsionam o processo de nivelamento linguístico em curso no país) para as comunidades *mais* integradas aos padrões linguísticos difundidos a partir dos grandes centros urbanos. A variante *mais* é bastante significativa nas comunidades rurais afro-brasileiras, 36% (em relação aos 64% das variantes padrão *e/com*), espaços com menos interferência da escolarização e da mídia, mais marcadas etnicamente e *mais* afetadas pelo contato linguístico. A ocorrência da variante *mais* vai decrescendo nas comunidades do interior do Estado, com 22%, e da capital, com 8%. As variantes padrão *e/com* no interior representam 78% e na capital 92%.

Os números confirmam o *continuum* de difusão das mudanças no português popular, que configuram o nivelamento linguístico, nos termos da análise de Lucchesi (2006, 2015). As estratégias presentes nos padrões linguísticos urbanos estariam se difundindo para todas as regiões do país, em função da avassaladora influência dos meios de comunicação de massa, da ampliação do sistema de educação pública e do maior deslocamento dos indivíduos. As variantes resultantes das mudanças induzidas pelo contato entre línguas no passado estão sendo substituídas atualmente pelas formas hegemônicas nos grandes centros urbanos.

O *mais* conector é favorecido nas comunidades rurais. De outro modo, as comunidades urbanas favorecem as variantes padrão *e/com*. Entre os informantes de Salvador, o *mais* conector é mais frequente entre os informantes nascidos no interior da Bahia.

Considerando os informantes de todas as comunidades ranqueadas na escala, são os informantes das comunidades afrodescendentes de Helvécia e Cinzento os que mais fazem uso do *mais* conector, conforme os resultados para a variável *comunidade* no trabalho de Gomes (2014) apresentado na seção 2.2.1. Por outro lado, são os informantes de Salvador, nascidos em Salvador, os que menos fazem uso da variante *mais*.

Com os resultados encontrados nas comunidades do interior do Estado e da capital Salvador, é possível afirmar que o *mais* conector, uma estratégia que pode ter sua origem relacionada ao contato da LP com línguas africanas no Brasil, se expandiu passando a fazer parte do vernáculo dos falantes do PPI e do PPC. Sobre o processo de urbanização do território brasileiro, Lucchesi faz a seguinte consideração:

A urbanização do Brasil se deu basicamente através do maciço deslocamento da população rural para as grandes cidades. Esse êxodo rural trouxe para o perímetro urbano as variedades de português alteradas pelo contato entre línguas que se espalharam por todas as regiões do interior do país. (LUCCHESI, 2015:146)

Esse cenário de deslocamento da zona rural para a zona urbana pode explicar o uso do *mais* como um conector em Salvador e no interior do Estado da Bahia. Por outro lado, o trabalho de Gomes (2014) mostra que nas comunidades rurais afro-brasileiras o emprego do *mais* está cedendo lugar à preposição *com* e à conjunção aditiva *e*, como evidencia a análise da variável faixa etária, conforme Figura 4 (seção 2.2.1). No PPI e no PPC o uso do *mais* como partícula comitativa também está em processo de substituição pela preposição *com*. A esse respeito, os trechos de Bortoni-Ricardo (2011[1985]) e Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) podem oferecer uma explicação plausível.

A transformação de dialetos rurais em variedades urbanas não-padrão (...) está no âmago dos processos de mudança linguística e padronização da língua no Brasil. A migração de massas do campo para as cidades, a introdução em áreas rurais de um modo urbano de vida juntamente com toda a tecnologia e um alto nível de movimentação populacional inter-regional são, hoje em dia, as características fundamentais da sociedade brasileira. (BORTONI-RICARDO, 2011[1985] *apud* LUCCHESI, 2015:146)

Estaria em curso um nivelamento linguístico do interior do país a partir da influência dos modelos de prestígio das grandes cidades brasileiras. Tal processo de difusão das variantes do modelo urbano culto brasileiro seria implementado principalmente pela ação dos meios de comunicação de massa e do deslocamento populacional, com a contribuição da ampliação do sistema público de educação formal. Tal cenário sociolinguístico prevê que estejam em curso, nas comunidades de fala analisadas [comunidades rurais afro-brasileiras], processos de mudança linguística de cima para baixo nos quais a variante valorizada socialmente penetra na comunidade movida por influências externas. (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009:536)

No espectro do *continuum* do português popular aqui apresentado, o grande êxodo rural ocorrido ao longo do século XX teria expandido o uso da variante *mais* da esquerda para a direita, por um lado. Na contramão desse processo, o nivelamento linguístico atua no sentido do desaparecimento dessa variante, da direita para a esquerda.

4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

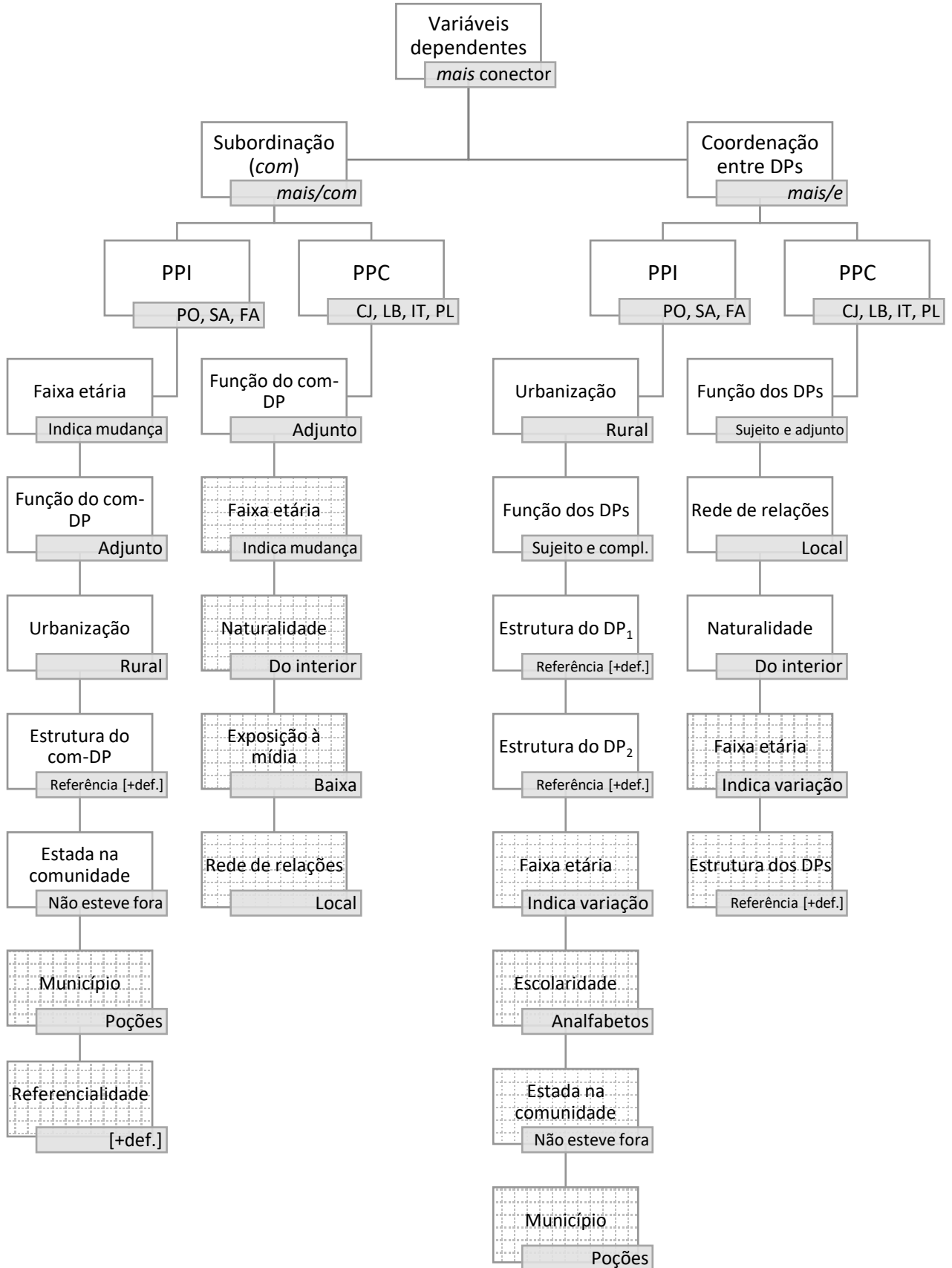
O Capítulo 4 finaliza a análise da dimensão sociolinguística dos fenômenos variáveis envolvendo o *mais* conector e os resultados obtidos vão em direção à confirmação da hipótese proposta inicialmente.

O número bastante reduzido da variante *mais* na fala do interior e da capital baiana, em comparação feita com o português afro-brasileiro já era esperado. Pode-se supor que seja pelo fato de essa estratégia ter entrado no vernáculo do português popular baiano por conta da influência do contato da LP com línguas africanas, e, mais recentemente, tem sido substituída pelas estratégias padrão (*e/com*), em um processo de nivelamento linguístico, no qual os falares urbanos difundem-se e influenciam os falares das demais regiões do país (LUCCHESI, 2001, 2006, 2015).

Os condicionamentos sociais da variante *mais*, no PPI e no PPC, são sintetizados na Figura 20. A disposição dos quadros permite uma comparação entre os grupos de fatores selecionados como estatisticamente relevantes, seguidos dos fatores apontados como condicionantes para a variante *mais*. Acrescentei ainda as outras variáveis não selecionadas (nos quadros destacados com padrão quadriculado), uma vez que foram discutidas e articuladas aos demais contextos para uma visão conjunta dos fenômenos.

É possível observar poucas divergências nos contextos de favorecimento para o uso do *mais* conector nessas duas variedades do português popular do Estado da Bahia. Comparando-se os resultados com o português afro-brasileiro, é possível identificar uma tendência no emprego do *mais* e um padrão de difusão da variante não-padrão no vernáculo baiano.

Figura 20: Síntese dos fatores condicionantes do *mais* conector no português popular baiano



Fonte: Elaborado pela autora.

A análise da Figura 20 permite as seguintes generalizações:

De modo geral, há uma clivagem entre as comunidades rurais e urbanas. No PPI, a variável *urbanização* foi selecionada nos dois contextos sintáticos. As comunidades rurais favorecem o uso da variante *mais*, enquanto as comunidades das sedes dos municípios favorecem as variantes padrão *e/com*. No PPC, a variante não-padrão é mais frequente entre os informantes naturais do interior do Estado, um resultado que ratifica o condicionamento da variante *urbanização* no PPI. Entre os municípios, Poções é o menos urbanizado e onde *mais* se registra o emprego do *mais* entre os falantes.

No PPC, a análise da variável *rede social* aponta uma frequência maior da variante *mais* entre os informantes que mantêm uma rede de relações local, sem deslocar-se para outros espaços onde pode haver um contato relevante com usos linguísticos distintos da sua comunidade. No PPI, esse resultado é ratificado pela permanência do informante na comunidade local.

Quanto à *faixa etária*, as variáveis dependentes indicam tendências opostas. No contexto da subordinação(*com*), o resultado mostra que o *mais* está sendo substituído pela preposição *com*. Em Salvador, a mudança encontra-se quase completada, e o uso do *mais* comitativo persiste entre os falantes naturais do interior, com rede de relações local e baixa exposição à mídia. Esse cenário de mudança em progresso também foi encontrado nas comunidades rurais afro-brasileiras por Gomes (2014). Na coordenação entre DPs, há um cenário indicativo de variação estável.

Em relação à trajetória da variante *mais* no português popular do Estado da Bahia, é possível afirmar que dois processos tenham atuado na sua difusão e atual retrocesso, como representado pela Figura 21:

Figura 21: Processos de urbanização e nivelamento linguístico sobre a variante *mais*



Fonte: Elaborado pela autora.

Por sua vez, as variáveis linguísticas revelam uma tendência para o *mais* conector. A função e a estrutura do(s) DP(s) com traço(s) [+definido] mostraram-se bastante relevantes para a escolha da estratégia não-padrão nas comunidades em ambos os fenômenos variáveis. Esse resultado é importante para a hipótese de introdução da variante *mais* no falar baiano e para a análise da dimensão formal do fenômeno.

Tentei mostrar através da análise variacionista os contextos que favorecem o uso da variante *mais* e o processo de difusão da mudança. Para entender a mudança linguística é preciso: i) observar fatos sociais, culturais e históricos, como busquei fazer principalmente nos capítulos 2 e 4; e ii) compreender o funcionamento da gramática. O próximo capítulo tem como foco esse segundo aspecto.

5 OS ASPECTOS FORMAIS³⁹: QUESTÕES E PROPOSTAS DE ANÁLISE⁴⁰

Este capítulo tem como objetivo discutir alguns aspectos formais observados durante o estudo do uso variável do *mais* conector. Os resultados obtidos, descritos no Capítulo 4, confirmaram a intuição inicial de que a partícula *mais* é selecionada: i) em contextos de maior carga semântica, junto a elementos que denotam maior referencialidade; e ii) em contextos que envolvem mais de um participante no evento, e o com-DP tem a interpretação de co-participação com o Suj-DP. O comportamento da partícula *mais* mostrou-se muito mais restritivo do que o comportamento da partícula *com*, sendo a última capaz de introduzir DPs com vários tipos de papel θ : agente, instrumento, causa, objetivo, tema, paciente, beneficiário, posse, estado mental, companhia e tempo (cf. CAVALCANTE; GOMES; FIGUEIREDO, 2018).

O primeiro questionamento formal surgiu da necessidade de se compreender que traços teriam licenciado o uso do advérbio *mais* como conector. Possivelmente, esses mesmos traços estariam restringindo o uso da partícula, tornando alguns contextos canceláveis.

Uma busca sobre o *mais* conector no português popular brasileiro revelou a ausência de trabalhos sobre o tema, um dos motivos que me levaram a fixá-lo com objeto de estudo de minhas pesquisas acadêmicas. Busquei verificar as estruturas em que ocorria e estabelecer uma relação com a sócio-história do PB, chegando às línguas resultantes de contato linguístico. A possibilidade de uso da partícula *mais* em dois contextos sintáticos diferentes chamou a atenção para a relação entre as construções subordinadas(*com*) e coordenadas. De que modo essas formas poderiam estar associadas?

Encontrei na literatura estudos sobre a relação entre as construções subordinadas(*com*) e coordenadas (FILLMORE, 1968; LAKOFF; PETERS, 1969; KAYNE, 1994), sobre os comitativos (ILARI *et. al.*, 2008; ARKHIPOV, 2009), e sobre os predicados simétricos e a função semântica dos argumentos simétricos (DOWTY, 1991; BAPTISTA, 2005b; ARELLANO GONZÁLEZ, 2004; GODOY, 2008, 2010; WACHOWICZ; FRUTOS, 2010),

³⁹ Agradeço ao Prof. Dr. Rerisson Cavalcante pelas discussões e indicações de leitura para a realização desta etapa da pesquisa.

⁴⁰ Os capítulos 1 e 5 complementam-se tratando dos aspectos formais do fenômeno em estudo. Optei por caracterizar as partículas e os processos sintáticos em que elas podem ocorrer no Capítulo 1, por ser uma introdução ao tema, e apresentar os demais aspectos formais investigados e respectivas propostas de análise no Capítulo 5, depois da análise variacionista.

trabalhos que jogaram alguma luz sobre outro problema que começava a se esboçar. O que fica claro, a princípio, é a possível realização de duas configurações sintáticas envolvendo o conjunto de elementos [DP₁, DP₂, V, conector], sem que o significado global das sentenças derivadas a partir dessas formas seja alterado, como em (1) e (2). Tenho chamado esse fenômeno de *alternância coordenativa-subordinativa(com)*, e, embora não seja o foco das investigações, é o gatilho para a discussão apresentada ao longo deste capítulo, permitindo-me levantar alguns aspectos importantes que culminam na delimitação do segundo problema e respectiva análise.

(1) [DP₁ V conector DP₂]

- a. João casou *com* Maria.
- b. Miguel viajou *com* a esposa.

(2) [DP₁ conector DP₂ V]

- a. João *e* Maria casaram.
- b. Miguel *e* a esposa viajaram.

Nas sentenças em (a) os DPs parecem exercer a mesma função semântica de *paciente*⁴¹ e nas sentenças em (b) a mesma função de *agente*, o que tornaria as construções subordinadas sinônimas das respectivas formas coordenadas. Ao olhar para as construções subordinadas(*com*) e coordenadas acima é possível levantar, a priori, duas hipóteses importantes:

(3) Em algum ponto na derivação Suj-DP e com-DP podem ter formado um só constituinte. Uma sentença teria dado origem a outra.

(4) O Suj-DP e com-DP nunca formaram um só constituinte, foram gerados separadamente. As sentenças são independentes.

Alguns autores argumentam em favor de uma equivalência semântica entre as duas estruturas (FILLMORE, 1968; LAKOFF; PETERS, 1969; KAYNE, 1994), na perspectiva da

⁴¹ Como argumentado em Cavalcante, Gomes e Figueiredo (2018) os noivos são considerados *pacientes* do evento de *casar* porque mudam de estado civil, passam por *mudança de estado*. O papel de *agente* fica, então, reservado para o argumento que induz a alteração de estado, que equivale ao celebrante da cerimônia e/ou ao articulador do matrimônio, caso esteja presente, como em “o *pastor* casou João mais Maria”.

afirmativa em (3), orientados por uma concepção de Estrutura-D (*Deep*, profunda) e Estrutura-S (Superficial), níveis de representação sintática postuladas pelo modelo tradicional gerativo (CHOMSKY, 1970). A similaridade de papel θ dos DPs descontínuos seria decorrente da atribuição em posição argumental de s-seleção, antes de qualquer movimento derivacional. Outros autores defendem que o papel θ do com-DP não é exatamente igual ao do Suj-DP, portanto, as construções subordinadas não seriam totalmente sinônimas das coordenadas, seriam formações independentes (DOWTY, 1991; GODOY, 2008, 2010; WACHOWICZ; FRUTOS, 2010), um posicionamento teórico que preserva a Condição da Estrutura Coordenada (ROSS, 1967), pois não prevê a extração de algum dos termos coordenados.

O segundo problema formal diz respeito à participação do Suj-DP e do com-DP ser a mesma no evento. O que parece claro é que, independentemente de como tenha ocorrido a derivação, como em (3) ou (4), de algum modo, o Suj-DP e o com-DP compartilham uma similaridade, tornando possível uma interpretação em que as sentenças subordinadas em (1) teriam o mesmo significado das coordenadas em (2).

O primeiro bloco deste capítulo (seção 5.1) é dedicado a apresentar aspectos fundamentais para a análise formal aqui desenvolvida, mais especificamente no que diz respeito ao segundo problema. Como já foi dito, um contexto de licenciamento para o uso da partícula *mais* é a interpretação “co-participativa” do com-DP.

Antes de apresentar alguns estudos de naturezas distintas, que permitem diferentes perspectivas de análise do mesmo tema (seções 5.1.2 e 5.1.3), delimito a categoria *comitativo* apontando suas semelhanças e diferenças com os *predicados simétricos* (seção 5.1.1). O uso do *mais* conector pode ocorrer com verbos que selecionam ou não complementos, como é o caso dos verbos *casar* e *viajar*. A grade argumental do verbo *viajar* não seleciona argumento interno, portanto, a atribuição de papel θ ao DP introduzido pela preposição não pode ser feita pelo núcleo V. O papel θ atribuído ao DP *a esposa* em (1b) é dado pela preposição comitativa, de natureza lexical. Mas o verbo *casar* é um predicado simétrico, requer necessariamente mais de um participante no evento. Caberia então ao verbo a atribuição de papel θ aos seus argumentos.

No segundo bloco (seção 5.2) faço uma síntese dos estudos sobre o tema e delimito os dois problemas formais investigados na tese. Em seguida, no terceiro bloco (seção 5.3) apresento propostas de análise desenvolvidas em duas etapas, mas que se completam: i) **os traços do *mais* conector** (seção 5.3.1); e ii) ***continuum* de simetria entre o Suj-DP e o com-DP** (seção 5.3.2). Por fim busco estabelecer uma relação entre dados do *corpus* do português popular baiano e as propostas de análise (i) e (ii), a fim de fundamentá-las empiricamente e mostrar sua relevância para o estudo do tema.

O capítulo encerra com as considerações finais (seção 5.4) resumindo os principais posicionamentos teóricos assumidos e as consequências para uma análise formal do objeto de estudo.

5.1 A ALTERNÂNCIA ESTRUTURAL E A QUESTÃO DA SIMETRIA ENTRE DPs

A alternância na estrutura sintática tem sido alvo de muitos estudos linguísticos. Levin e Rappaport Hovav (2005:17) definem a alternância verbal como sendo “o fenômeno em que um verbo admite mais de uma opção de realização argumental e pode exibir uma ou mais alternâncias na expressão do mesmo conjunto de argumentos”.

A alternância estrutural causativo-ergativa “consiste em um mesmo verbo aparecer em duas configurações sintáticas distintas, uma transitiva, como ‘João quebrou o vaso’, e outra intransitiva, como ‘o vaso quebrou’”, como explica Ciríaco (2007). A alternância conativa “é um tipo de alternância verbal em que o argumento interno pode ocupar tanto a posição de argumento direto quanto a posição de argumento indireto”, como em “João comeu a torta, João comeu da torta”, de acordo com Wachowicz (2009). No âmbito do Projeto Vertentes, Mello (2013) estudou a alternância dativa no português popular baiano, em que há duas construções para a realização do dativo: a construção de dativo preposicionado e a de objeto duplo.

A *alternância estrutural coordenativa-subordinativa(com)* é a alternância sintática entre as estruturas coordenada e subordinada, considerando a expressão do conjunto de elementos [DP₁, DP₂, V, conector] e o significado global das sentenças derivadas a partir dessas formas. Os DPs ora aparecem descontínuos, como em (5), ora aparecem contínuos, como em (6), e o conector pode ser expresso pelas formas *mais/e/com*.

(5) [DP₁ V conector DP₂]

- a. João casou *mais* Maria.
- b. João casou *com* Maria.

(6) [DP₁ *conector* DP₂ V]

- a. João *mais* Maria casou-casaram.
- b. João *e* Maria casou-casaram⁴².
- c. ? João *com* Maria casou-casaram.
- d. João, *com* Maria, casou.
- e. João, *mais* Maria, casou.

Assim como o verbo *quebrar*, na alternância causativo-ergativa, ocorre em configurações diferentes, no que diz respeito à sua grade argumental, em (5) e (6) o verbo *casar* alterna-se, ora em uma estrutura transitiva, ora em uma estrutura intransitiva.

Ao longo desta seção apresento alguns trabalhos sobre comitativos e predicados simétricos, temas relacionados ao envolvimento de mais de um participante no evento e que tocam na questão da atribuição (ou não) do mesmo papel θ a eles. Esses estudos encontrados na literatura são os que mais se aproximam da problemática da alternância coordenativa-subordinativa(*com*).

Alguns aspectos e termos-chave orientam esta pesquisa e precisam ser esclarecidos à guisa de introdução para que o texto desta segunda parte fique claro para o leitor.

Em relação à estrutura em (6), semanticamente, o coordenador *e* permite tanto uma leitura distributiva, com a interpretação de eventos diferentes, quanto coletiva, considerando-se o mesmo evento envolvendo dois participantes, podendo ser acrescentada, sem prejuízo à gramaticalidade da sentença, a expressão *um com o outro*. O primeiro tipo de leitura não será considerado para análise. Nesse estudo, os exemplos de frases coordenadas serão interpretados sempre com uma leitura coletiva.

A simetria e a assimetria são conceitos da teoria da gramática e são ambíguos podendo se referir ao estatuto sintático ou semântico de elementos numa sentença. Os elementos são considerados simétricos quando possuem o mesmo estatuto sintático ou semântico. Por outro lado, uma relação é assimétrica quando os elementos relacionados não são iguais em seu significado ou estruturalmente se encontram em níveis hierárquicos distintos.

Uma das características da coordenação, apontada por diversos autores, é a simetria estrutural, gramatical e semântica dos termos coordenados (cf. Capítulo 1). Nos exemplos em

⁴² Há casos em que o sujeito plural pode indicar pacientes que se casam, mas sem reciprocidade: “Meus filhos já casaram”, “minhas filhas casaram cedo”. Essa interpretação distributiva poderia ser estendida a (6e). Ressalto que para esse estudo estou considerando uma interpretação coletiva, referindo-se a um mesmo evento envolvendo os dois indivíduos (cf. seção 1.1.2).

(6a-b) é possível observar uma simetria gramatical e semântica dos DPs: ambos exercem função de sujeito *paciente* e podem permutar em suas posições. Estruturalmente, estão no mesmo nível hierárquico⁴³.

A semelhança entre o significado das sentenças em (5) e (6) traz à tona a questão da equivalência entre as construções subordinadas(*com*) e coordenadas, mas essa problemática é apenas o ponto de partida para o debate apresentado neste capítulo, pois oriento a investigação para outra direção. A forma subordinada é estruturalmente assimétrica e levanta um possível questionamento: essa assimetria sintática seria uma evidência de assimetria semântica? Ou seja, a posição sintática dos DPs indica alguma diferença semântica qualitativa entre eles? De acordo com a hipótese assumida na seção 5.3.2, o Suj-DP e o com-DP podem ter simetria semântica total ou parcial.

Outro aspecto que suscita observação se refere ao uso da partícula *com* nas sentenças em (6c-d). A construção em (6c) parece ser um caso de coordenação comitativa⁴⁴. Por outro lado, em (6d) o termo parentético parece ser um adjunto adverbial com valor de comitativo, deslocado para uma posição pré-verbal, sendo então uma construção subordinada, e não coordenada. A sentença em (6e) parece mostrar um exemplo do uso preposicional do termo *mais*, variando com a sentença em (6d). Se na coordenação os DPs estão contínuos, ou seja, colocados lado a lado, o que justificaria a estrutura “contínua” em (6d-e) ser uma subordinação?

Na tradição gramatical, os termos na função de sujeito relacionados pelo *com* seguem a seguinte regra, de acordo com Cunha e Cintra (1985:503-504): o verbo pode ficar no plural ou concordar com o primeiro sujeito, de acordo com a valorização dada ao elemento regido *com*.

⁴³ No Capítulo 1 mostro que toda linearização é, *a priori*, assimétrica, por um requerimento da PF (forma fonética). Para as construções coordenadas, assumo que na aplicação do Axioma da Correspondência Linear (Kayne, 1994), uma coordenação é convertida em item lexical complexo para ser linearizada em relação aos outros elementos da frase em que ocorre. Ou seja, se ao longo da tese assumo que a coordenação é simétrica, estou considerando que os itens passam a ter esse estatuto após a aplicação do LCA.

⁴⁴ O fenômeno da coordenação comitativa ocorre quando a preposição *com* é realizada numa construção tipicamente coordenada, com valor conjuncional. O espanhol e o PE dispõem da preposição *con/com* para expressar comitativo. Na coordenação entre DPs, combinam duas estratégias: a coordenação copulativa, realizada pela conjunção *y/e*, e a coordenação comitativa, realizada pelo uso conjuncional da preposição *con/com*. Colaço (2004) explica a coordenação comitativa: “em diversas línguas um DP singular pode combinar-se com uma expressão comitativa para formar um constituinte que tem sido descrito como um DP complexo sintactica e semanticamente plural. O facto de conduzir à formação de DPs plurais tem levado alguns autores a sugerir que a construção comitativa em causa partilha as propriedades gerais da coordenação, sendo-lhe atribuída a designação de *coordenação comitativa*”. Essa estratégia de coordenação é bastante restrita no PE. Colaço (2004) elenca as seguintes restrições para o uso do *com* conjuncional: i) o *com* só coordena a categoria DP e requer adjacência dos constituintes coordenados; ii) deve haver uma relação de simetria/reciprocidade entre os constituintes relacionados; iii) só coordena termos em posição argumental, podendo ser na posição de sujeito ou complemento, mas nunca em contexto de adjunção (quando ocorre com adjunto, *com* apresenta valor comitativo e não conjuncional).

Os autores afirmam que o verbo irá para o plural “quando os sujeitos estão em pé de igualdade, e a partícula *com* os enlaça como se fosse a conjunção *e*”. De outro modo, o verbo concorda com o número do primeiro termo “quando pretendemos realçá-lo em detrimento do segundo, reduzido à condição de adjunto adverbial de companhia”. Dentre outros, dois exemplos de José Lins do Rêgo ilustram essas considerações, reproduzidos a seguir.

- i. O mestre com o boleeiro fizeram a emenda.
 - ii. A viúva, com o resto da família, mudara-se para Vila Isabel desde o rompimento.
- (CUNHA; CINTRA, 1985:503-504)

De acordo com a prescrição de Cunha e Cintra, apenas a estrutura em (i) deve ser considerada coordenação. Em (ii) há um sujeito singular e um adjunto adverbial com valor comitativo deslocado.

Em suma, as sentenças elencadas em (5) e (6) despertam alguns questionamentos formais, dentre os quais destaco os seguintes:

- a) As sentenças em (5a) e (6a) exprimem o mesmo valor semântico?
- b) Que traços licenciam o uso do advérbio *mais* como conector em (5a) e (6a)?
- c) A sentença em (6c) é igual a (6a) e/ou (6b)?
- d) *E* é igual a *mais*?
- e) *Mais* é igual a *com*?
- f) *E* é igual a *com*?

5.1.1 Comitativo e predicados simétricos

Nesta seção, apresento o conceito formal e as propriedades da categoria *comitativo*, traçando um paralelo com os chamados predicados simétricos, a fim de mostrar que ambos os tipos de construções são pluralizantes, ou seja, envolvem mais de um participante no mesmo evento. Procuro mostrar ainda que, apesar da característica compartilhada, há uma distinção elementar entre as duas categorias.

O comitativo é definido por Arkhipov (2009:223) como “um tipo particular de construção usado para ‘pluralizar’ um participante - isto é, predicar o mesmo estado de coisas de dois participantes individuais, de tal forma que o predicado principal não é repetido e os dois

participantes não são iguais em seus estatutos sintáticos”. O autor chama de *participant set* os casos em que “é atribuído a dois ou mais indivíduos separados o mesmo tipo de participação no evento” (cf. Maslova, 2007:337). Um *participant set* pode ser um DP plural, um par de DPs coordenados ou uma construção comitativa (2009:224), e esse *mesmo tipo de participação* ou *mesmo estado de coisas* parece sinalizar o mesmo estatuto semântico, ou seja, uma igualdade/simetria entre os termos relacionados.

Ainda de acordo com a definição de Arkhipov, os participantes encontram-se em uma relação de assimetria sintática. Essa assimetria na construção comitativa genuína segue algumas restrições: a) o predicado não é repetido mais do que uma vez; b) os participantes individuais que compõem o conjunto de participantes são expressos separadamente; c) as expressões que denotam esses participantes diferem em grau estrutural (ARKHIPOV, 2009:224). O autor explica que a restrição em (a) exclui construções complexas como (7), em que há mais de um evento. As restrições em (b) e (c) fazem distinção entre a construção comitativa e a coordenada.

(7) João chegou e Maria chegou também.

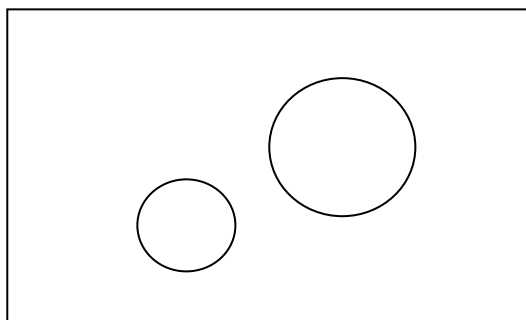
Arkhipov (2009:234) apresenta ainda outra característica importante dos comitativos ao afirmar que “é um tipo específico de construção gramatical: é uma construção assimétrica empregada para introduzir um participante não obrigatório com o mesmo papel que um dos participantes principais” (ARKHIPOV, 2009:240). A não obrigatoriedade desse participante indica sua condição de adjunto do V, uma vez que os argumentos complementos são selecionados pelo próprio núcleo V para satisfazer sua grade argumental.

É possível afirmar que a preposição comitativa introduz um DP adjunto e pode atribuir a ele o mesmo papel θ de um dos argumentos do V. A equivalência de papéis, como em (8), não constitui um problema ao Critério θ porque eles são atribuídos por núcleos diferentes, pelo verbo e pela preposição lexical.

(8) [_{agente} Miguel] viajou mais/com [_{agente} a esposa].

Ilari *et. al.* (2008) apresentam uma representação, conforme Figura 21, para a relação estabelecida entre os termos ligados pela preposição comitativa. De acordo com os autores, a relação é de *concomitância*. Em termos espaciais, é a presença simultânea de dois indivíduos no mesmo espaço. Podemos considerar que, em termos sintáticos, mais de um participante está envolvido no caso comitativo.

Figura 22: Esquema imagético da preposição *com*



Fonte: Ilari *et. al.* (2008:744).

Um outro aspecto relevante para se destacar é a afirmação de Ilari *et. al.* (2008:744) de que o caso comitativo ocorre “quando a sentença remete a um indivíduo cuja ação, essencialmente a mesma que a do *agente*, é vista como paralela, secundária ou dependente”. Os autores apresentam o exemplo em (9) como um caso de emprego típico de comitativo. No trecho que segue, os DPs [o professor] e [o estudante] parecem ser igualmente responsáveis pela ação de realizar uma serenata.

(9) O professor não pode sair com o estudante... ele achava; mas acho que isso não influi, né? Sair para fazer serenata *com o estudante*.

(ILARI *et. al.*, 2008:744)

Esse emprego mais típico do comitativo não se observa em uma sentença como (10), em que o termo introduzido pela preposição *com* “não é mais do que poderíamos chamar de ‘segundo agente’ ou ‘agente paralelo’: o predicado ‘falar no baile’ não se aplica às entrevistadoras no mesmo sentido em que se aplica ao entrevistado”. Segundo Ilari *et. al.*, a participação das entrevistadoras no evento é na situação de ouvintes ou destinatárias.

(10) Já que eu falo *com moças* (as entrevistadoras), quero falar no baile. Também posso falar no baile, não posso?

(ILARI *et. al.* 2008:746)

Diferentemente é o caso da sentença em (11), na qual se verifica um distanciamento ainda maior da ideia genuinamente comitativa de “co-participação numa ação” para uma ideia de “co-presença humana numa ação” ou “presença humana numa ação a ser levada em consideração”, segundo Ilari *et. al.*

- (11) Éramos casados com vida de solteiro⁴⁵, topávamos qualquer negócio, mas agora, *com a garota*, não. Tem que segurar um pouco.

(ILARI *et. al.* 2008:746)

Em (11) o com-DP não atua necessariamente na mesma função semântica que o Suj-DP, “o máximo que podemos dizer é que o indivíduo referido pelo comitativo tem participação na ação, e essa participação é relevante para a verdade do que se afirma” (ILARI *et. al.* 2008:747). Dos exemplos (9-11) é possível observar, segundo os autores, uma gradação do emprego do comitativo. Por um lado, o Suj-DP e o com-DP podem apresentar o mesmo *status* semântico, uma ação paralela, ou podem ter papéis distintos, sendo o com-DP apenas um participante secundário ou dependente.

A particularidade observada em (9), equivalência de papéis θ , é tratada na literatura sobre os predicados simétricos. A definição de simetria é dada por Baptista nos seguintes termos:

Por simetria entende-se as propriedades sintáticas e semânticas de certas construções, em que dois constituintes, de igual natureza distribucional, estabelecem com o elemento predicativo *uma idêntica relação semântica*, que implica necessariamente uma reciprocidade e de que resulta poderem trocar de posições ou aparecerem coordenados numa dada posição sintática sem que, apesar disso, o significado global da frase se altere. (BAPTISTA, 2005b:354) (*grifo nosso*)

Para o autor, a relação de simetria pode ser estabelecida entre os objetos, como em (12), em que o verbo parece selecionar um complemento necessariamente plural, ou entre o sujeito e o objeto, como em (13), mesmo quando há outros participantes além do constituinte simétrico ao sujeito, a exemplo de (14), em que o sujeito atua como um agente causador. Comparando (13) e (14), o foco é que *casar* possui mais de uma transitividade, em (14) tem um sujeito causador, mas não em (13).

- (12) O Pedro misturou a farinha com o açúcar.

- (13) O Pedro casou com a Ana.

- (14) O padre João casou o Pedro com a Ana.

(BAPTISTA, 2005b:354,359)

⁴⁵ Pode ser interpretado como “tínhamos uma vida de solteiro”.

Baptista distingue os predicados simétricos e as construções recíprocas. A propriedade da *reciprocidade intrínseca* caracteriza uma construção simétrica, por isso o complemento “um com o outro” acaba sendo facultativo nesses casos. Diferentemente é o caso das construções recíprocas, como exemplificado em (15). Nessas construções, há duas sentenças independentes contendo o mesmo verbo. Quando coordenadas, os elementos repetidos reduzem-se a zero e a cópia pronominal é obrigatória (BAPTISTA, 2005b:355). Conforme discutido anteriormente, a leitura nesse caso seria distributiva, enquanto nos predicados simétricos seria coletiva.

- (15) a. Pedro conta com Ana e Ana conta com Pedro <para isso>.
 b. Pedro e Ana contam um com o outro.
 c. *Pedro e Ana contam.

(BAPTISTA, 2005b:355).

O autor chama a atenção para o fato de que nem todo complemento introduzido pela partícula *com* é complemento simétrico, e exemplifica com os comitativos. Não estou assumindo que os comitativos não possam ser simétricos.

(...) deverão distinguir-se os complementos simétricos dos complementos *com N* que exprimem outro tipo de relação semântica, como por exemplo os comitativos, os complementos de causa, e outros. No caso dos comitativos, em particular, os dois *GN* (sujeito e complemento) podem também aparecer coordenados na posição de sujeito e a frase apresentar até uma cópia pronominal - O Pedro foi ao cinema (E + com a Ana); O Pedro e a Ana foram ao cinema (E + um com o outro) - mas nestas frases está claramente ausente a intuição de reciprocidade intrínseca que caracteriza as construções simétricas. (BAPTISTA, 2005b:356)

Por sua vez, Wachowicz e Frutos (2010) também investigam os verbos simétricos, considerando a possibilidade de paráfrase com a estrutura coordenada uma evidência dessa classe de predicados. As autoras apresentam os seguintes exemplos:

- (16) a. João casou com Maria.
 b. João escreveu o livro.
- (17) a. João e Maria (se) casaram.
 b. *João e o livro (se) escreveram.

(WACHOWICZ; FRUTOS, 2010:450)

Em (16a) os DPs desempenham papel semelhante na ação, admitindo a reescrita em (17a) e a ocorrência opcional do pronome *se*. Mas em (16b) como a função semântica dos DPs não é a mesma, a paráfrase na forma intransitiva é agramatical, a exemplo de (17b).

Wachowicz e Frutos (2010) também diferenciam três conceitos bastante debatidos na literatura dos simétricos: a simetria, a reciprocidade e a reflexividade. Segundo elas, a *simetria* é um fenômeno lexical e se refere à atribuição do mesmo proto-papel θ a mais de um argumento, como em (16a), os verbos não-simétricos não aceitam alternância com uma estrutura coordenada, a exemplo de (17b); a *reciprocidade* é sintática, e ocorre quando a agentividade de um participante recai sobre outro, e vice-versa, como em (18a), permitindo uma construção com a expressão *um no outro*; por fim, a *reflexividade* é morfo-sintática, e ocorre quando um indivíduo age e sofre a ação do verbo, como em (18b).

- (18) a. João e o aluno se esbofetearam.
b. João_i matou-se_i.

(WACHOWICZ; FRUTOS, 2010:455)

De acordo com Arellano González (2004) a propriedade que define os predicados simétricos é a bidirecionalidade - relação de correspondência mútua entre uma entidade e outra(s); é uma propriedade léxica, que distingue os simétricos de outros tipos de verbos, e se manifesta na possibilidade de alternância. Os verbos simétricos não são necessariamente binários, como mostra a autora no exemplo (20):

- (19) a. Henrique VIII se divorciou de Ana Bolena e Catarina Howard.
b. *Ana Bolena se divorciou de Henrique VIII e Catarina Howard.
- (20) a. Rosana convive com Carmen e José.
b. Carmen convive com Rosana e José.

(ARELLANO GONZÁLEZ, 2004:352)

A partir desses exemplos, a autora busca mostrar que há dois grupos de predicados simétricos: os binários, quando dois participantes estão envolvidos no mesmo evento, como em (19); e os não binários, quando mais de dois indivíduos estão implicados no evento, a exemplo de (20). Uma construção não deixa de ser simétrica por relacionar mais de duas entidades. A

bidirecionalidade é o caracteriza a simetria. Em (19) há três argumentos sintáticos, mas apenas dois participantes no evento e a relação entre eles é mútua.

Diferentemente do que ocorre com os comitativos, o Critério θ chomskiano não é preservado com os predicados simétricos, pois o com-DP pode ser considerado argumento requerido pelo V e a preposição pode ser interpretada como sendo de natureza funcional. Como um predicador poderia atribuir o mesmo papel θ a DPs distintos em sentenças como (21)?

- (21) a. [_{paciente} João] casou mais/com [_{paciente} Maria].
 b. [_{agente} Miguel] conversou mais/com [_{agente} a esposa].
 c. Luís encontrou [_{tema} a amiga] mais/com [_{tema} o namorado].

Algumas propostas de análise para esse problema são apresentadas na seção 5.1.3.

Para finalizar esse bloco, sintetizo as propriedades gerais do comitativo e dos predicados simétricos estabelecendo os pontos de intersecção e de distinção entre essas categorias:

(22) PROPRIEDADES GERAIS DO COMITATIVO

- a. Envolver mais de um participante no mesmo evento e um deles não é obrigatório;
- b. Ser sintaticamente assimétrico;
- c. A preposição comitativa é sempre lexical e introduz um participante não requerido pelo verbo;
- d. O Suj-DP e o com-DP podem receber papéis θ totalmente equivalentes, sendo simétricos, como em (8) e (9);
- e. O papel θ do com-DP pode ser parcialmente simétrico com o Suj-DP, como em (10) e (11).

(23) PROPRIEDADES GERAIS DOS PREDICADOS SIMÉTRICOS

- a. Requerer necessariamente mais de um participante no mesmo evento;
- b. A preposição introduz argumento do V;
- c. O Suj-DP e o com-DP recebem sempre o mesmo papel θ , como em (21).

Em suma, o comitativo e os predicados simétricos compartilham a característica de envolver mais de um participante no mesmo evento, mas distinguem-se, principalmente, pela natureza dos participantes e de como se dá a atribuição temática a cada um deles.

Tendo definido o que se entende por comitativo neste trabalho, apresento na próxima seção alguns estudos sobre a relação entre as estruturas subordinadas(*com*) e coordenadas, na perspectiva de uma sinonímia estrutural.

5.1.2 A perspectiva estrutural

No início deste capítulo apresentei o que tenho chamado de alternância coordenativa-subordinativa(*com*): a possibilidade do conjunto de elementos [DP₁, DP₂, V, conector] derivar sentenças alternantes, com duas configurações sintáticas, ora com os DPs contínuos (coordenados) ora descontínuos (o DP₂ subordinado). O conector pode ser expresso pelas partículas *mais/e* na estrutura coordenada ou pelas partículas *mais/com* na forma subordinada.

No âmbito do modelo padrão da sintaxe gerativa, alguns estudos reconhecem haver uma estreita relação entre construções subordinadas(*com*) e coordenadas, propondo que sejam equivalentes. As análises têm como base os aspectos estruturais referentes à formação delas, ou seja, buscam demonstrar como uma estrutura deriva da outra e quais regras sintáticas atuam na derivação (FILLMORE, 1968; LAKOFF; PETERS, 1969; KAYNE, 1994). A sinonímia parte da ideia de que há uma mesma estrutura profunda para as duas construções.

De acordo com Fillmore (1968) uma coordenação comitativa [DP *com* DP] estaria na origem de uma construção coordenada [DP *e* DP] e de uma construção comitativa genuína [DP V *com* DP]. Essa proposta parece supor uma sinonímia total entre as estruturas.

Para Lakoff e Peters (1969), a construção coordenada é identificada pela possibilidade de paráfrase com a subordinada(*com*). A aplicação de duas regras de movimento dá origem a uma estrutura subordinada a partir da coordenação: i) adjunção da preposição, o apagamento de *e* e inserção de *com* à esquerda do DP₂; e ii) movimento do DP conjunto, o movimento de *com*-DP para a direita do VP. O exemplo em (24a) é a representação da estrutura profunda de uma construção subordinada(*com*).

- (24) a. João *e* Maria <sair> (juntos). (=Estrutura-D)
 b. João *com* Maria <sair>.
 c. João <sair> *com* Maria. (=Estrutura-S)

Para que haja uma sinonímia entre as formas subordinada(*com*) e coordenada, os DPs envolvidos no evento devem possuir a mesma função semântica. Lakoff e Peters (1969) consideram que o Suj-DP e o *com*-DP derivam do mesmo sujeito profundo. Esse raciocínio

poderia dar conta do requerimento de um único papel θ para cada argumento, a partir de uma interpretação de que o mesmo papel é dividido entre os dois DPs na posição argumental de s-seleção, mas não seria compatível com a versão do Critério θ formulado em termos de que cada *cadeia argumental* tenha um único papel θ . A noção de papel θ foi incorporada à teoria gerativa no modelo de P&P (CHOMSKY, 1981) e o princípio que regula a atribuição de papéis é o Critério θ .

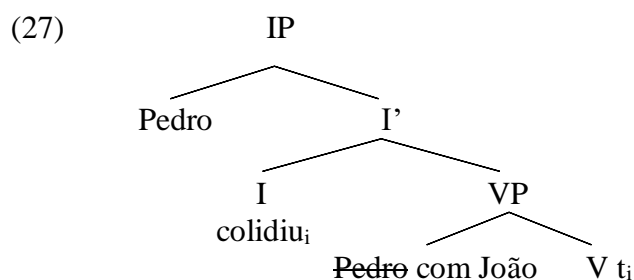
(25) CRITÉRIO θ ⁴⁶

- i. Cada argumento tem que receber um e um só papel θ ;
- ii. Cada papel θ tem que ser atribuído a um e um só argumento.

(MIOTO *et. al.*, 2007:140)

Na derivação em (24), é possível observar uma coordenação (DP e DP) dando origem a uma construção comitativa genuína. Kayne (1994) apresenta uma proposta para explicar a posição descontínua dos DPs na forma subordinada a partir de uma coordenação comitativa (DP com DP). Para o autor, inicialmente, os DPs são coordenados na posição de especificador de VP por um coordenador-comitativo; em seguida, o DP₁ move-se para a posição de especificador de IP, enquanto o com-DP permanece no especificador de VP. O que motiva o movimento do DP₁ é a necessidade de receber caso, e isso acontece quando, em especificador de IP, recebe caso Nominativo. Já o DP₂ recebe caso da partícula *com* (KAYNE, 1994:64).

(26) [Pedro *com* João] <colidir> → [[DP₁ Pedro] [V colidiu] [PP com [DP₂ João]]].



⁴⁶ Há uma versão do Critério θ (revisto) que diz que “(i) cada cadeia tem que receber um e um só papel θ ; (ii) cada papel θ tem que ser atribuído a uma e uma só cadeia” (MIOTO *et. al.*, 2007:142). Com essa versão, as duas análises violariam o critério, pois há duas cadeias diferentes com o mesmo papel. Segundo o critério revisto, apenas a “cauda” da cadeia recebe papel, na posição onde é gerada. Dessa forma, em uma sentença como “Que livro_i ela comprou t_i?” (que livro_i, t_i), “Que livro” recebe papel de tema pela sua conexão com o vestígio t_i que fica na posição θ .

Nas propostas de Lakoff e Peters (1969) e Kayne (1994) a coordenação gera uma estrutura subordinada(*com*). Na posição argumental original os DPs recebem o mesmo papel θ , e depois um deles seria movido. Essa análise implica a interpretação de que um dos termos coordenados foi extraído para fora do domínio da coordenação, o que é um problema diante da CEC formulada por Ross (1967:89): “em sentenças coordenadas, nenhum termo da coordenada pode ser movido, assim como nenhum elemento contido em um termo da coordenada pode ser movido para fora da sentença coordenada”.

As propostas discutidas partem da concepção de que sempre houve um ponto na derivação em que Suj-DP e com-DP formavam um só constituinte. Nessa visão, parece não haver problemas com relação ao papel θ ser o mesmo, já que os dois elementos poderiam receber o mesmo papel, quando ainda formavam um constituinte. O Critério θ tem a ver com a posição estrutural de atribuição, não com a posição linear, portanto, não haveria violação do princípio postulado por Chomsky (1981). Mas haveria o problema kayniano da linearização, que não se refere ao papel θ , mas às restrições a movimento identificadas por Ross (1967).

Por outro lado, alguns trabalhos propõem que na forma descontínua o Suj-DP e o com-DP jamais tenham formado um único constituinte em algum momento derivacional. Os constituintes seriam gerados em posições estruturais diferentes. Essa visão não oferece problemas para a questão da linearização nem da CEC (Ross, 1967), mas parece violar o Critério θ . Esse tema é o foco da próxima subseção.

5.1.3 A perspectiva semanticista

Na literatura sobre predicados simétricos, alguns trabalhos têm tentado explicar a atribuição temática numa perspectiva de que os papéis podem ser decompostos em propriedades (DOWTY, 1991; CANÇADO, 2005; GODOY, 2008, 2010; WACHOWICZ; FRUTOS, 2010) e/ou a função semântica de um constituinte não depende exclusivamente de uma atribuição unívoca, mas da interação entre diferentes fatores envolvendo o traço semântico da preposição, os traços semânticos inerentes ao DP complemento e ao verbo (CAVALCANTE; GOMES; FIGUEIREDO, 2018). A questão da equivalência estrutural é secundária e o foco desses estudos são as construções descontínuas e como a função semântica dos participantes é definida.

Como foi dito, há duas situações em que a partícula *mais/com* introduz um constituinte que parece ter o mesmo papel θ que um dos argumentos do verbo. No caso dos comitativos, esse participante do evento não é obrigatório, e a atribuição temática do Suj-DP e do com-DP é computada por núcleos diferentes. Por outro lado, os predicados simétricos parecem atribuir

papel θ equivalente a DPs argumentais em posições sintáticas diferentes, violando o princípio de unicidade de atribuição θ (CHOMSKY, 1981).

Dowty (1991) formula uma proposta de análise assumindo papéis θ como um conjunto de acarretamentos lexicais e como não-discretos. Ele define dois protótipos de categoria temática, *proto-agente* e *proto-paciente*, e identifica as propriedades associadas a eles:

- (28) PROPRIEDADES TEMÁTICAS ATRIBUÍDAS AO *PROTO-AGENTE*
- a. Envolvimento volicional no evento ou no estado;
 - b. Intenção ou consciência;
 - c. Causa de um evento ou mudança de estado no outro participante;
 - d. Movimento relativo à posição do outro participante;
 - e. Existir independentemente do evento nomeado pelo verbo.
- (29) PROPRIEDADES TEMÁTICAS ATRIBUÍDAS AO *PROTO-PACIENTE*
- a. Sofrer mudança de estado;
 - b. Ser tema incremental;
 - c. Ser afetado causalmente por outro participante;
 - d. Estacionário em relação ao movimento do outro participante;
 - e. Não existir independentemente do evento.

Segundo Dowty, esses acarretamentos lexicais são hierarquizados e a atribuição temática é composicional, dependendo da combinação dessas propriedades.

Voltando à questão da sinonímia estrutural, na forma coordenada o verbo atribuiria o mesmo conjunto de acarretamentos aos dois participantes. Mas na forma em que os DPs aparecem descontínuos, o Suj-DP e o com-DP se distinguiriam em pelo menos uma das propriedades, o que, por si só, seria capaz de associá-los a posições sintáticas diferentes. A explicação para a semelhança entre as funções semânticas dos DPs resultaria da seleção de algumas propriedades do mesmo proto-papel. Diante dessa argumentação, as formas contínua e descontínua não seriam inteiramente sinônimas para Dowty.

Por sua vez, Cançado (2005) propõe uma decomposição dos papéis θ sem, contudo, relacionar as propriedades a proto-papéis, como na proposta de Dowty (1991). A autora redefine papel θ nas seguintes palavras:

O papel temático de um argumento, ou seja, a função semântica que determinado argumento exerce em uma sentença, é definido como sendo o grupo de propriedades atribuídas a esse argumento a partir das relações de acarretamentos estabelecidas por toda a proposição em que esse argumento encontra-se. (CANÇADO, 2005:28)

A autora elenca quatro propriedades semânticas primitivas: desencadeador, afetado, estativo e controle, consideradas as mais relevantes para a organização da estrutura sintática no PB. A posição sintática de determinado argumento na estrutura é determinada pelo grupo de propriedades atribuídas a ele.

Quadro 13: Os acarretamentos/propriedades de Cançado (2005)

NOME DA PROPRIEDADE		DEFINIÇÃO	EXEMPLO
		<i>Um argumento x recebe essa propriedade se, na sua relação semântica com o verbo que o predica, é necessariamente verdade (é acarretado):</i>	
Desencadeador (D)		<i>Que x tem papel do desenrolar da ação denotada pelo verbo</i>	<u>João</u> dirigiu o carro.
Afetado (A)		<i>Que x muda de um estado A para um estado B no evento denotado</i>	<u>João</u> caiu.
Estativo (E)		<i>Que x não tem nenhum de seus atributos alterados no intervalo de tempo da eventualidade denotada</i>	<u>João</u> tem uma casa.
Controle (C)	Desencadeador com controle (D/C)	<i>Que x tem a capacidade de iniciar ou não uma ação</i>	<u>João</u> assassinou o gato.
	Afetado com controle (A/C)	<i>Que x tem a capacidade de interromper um processo</i>	<u>João</u> recebeu um presente.
	Estativo com controle (E/C)	<i>Que x tem a capacidade de interromper um estado</i>	<u>João</u> mora em BH.

Fonte: Godoy (2010:102)

Godoy (2010) adota o modelo de análise de Cançado (2005) e considera que as estruturas simples/coordenadas e descontínuas⁴⁷ não são sinônimas, pois deve haver alguma distinção semântica, ou mesmo pragmática, entre elas. Se a posição sintática de um argumento é determinada pela combinação de acarretamentos projetados sobre ele, então “(...) as alternâncias de realização argumental trazem sempre alterações de sentido, entendendo que, se

⁴⁷ Segundo Godoy (2010:100) a forma descontínua ocorre sempre com preposição na LP, e quase sempre é a preposição *com*, apesar de haver casos em que as preposições selecionadas são *de* e *a*. Para o estudo ora apresentado, interessa apenas a subordinação pela preposição *com*.

há duas formas distintas na realização sintática de um item lexical, há também duas semânticas distintas”.

Para a autora, os argumentos de sentenças como “João e Maria conversaram” e “João conversou *com* Maria” comportam-se de maneiras distintas quanto à função semântica que exercem. Na estrutura coordenada, ambos os DPs estão engajados volitivamente no decorrer da ação, ou seja, possuem as propriedades D/C; já na forma descontínua, os argumentos diferem em pelo menos uma propriedade semântica: ambos estão engajados e possuem a propriedade D, mas apenas um argumento teve a iniciativa (controle) de desencadear o evento, esse é o DP₁ que possui as propriedades D/C. Godoy então conclui que “as duas formas, portanto, denotam eventos distintos, em outras palavras, não têm as mesmas condições de verdade ou não são sinônimas”.

Por outro lado, os verbos estativos - como *combinar*, *coincidir*, *rimar*, *destoar*, *divergir*, *associar*, *comparar* e *relacionar* - descrevem comparações ou relações, e não eventos, e podem denotar as mesmas condições de verdade independente da ordem dos DPs ser a forma coordenada ou descontínua. Os estativos parecem contrariar a proposta de não sinonímia dessas construções porque não fica claro que propriedade semântica poderia distinguir os DPs descontínuos. Para Godoy a diferença, nesses casos, é pragmática, como mostram os seguintes exemplos:

- (30) a. Preto combina com vermelho.
b. Preto e vermelho combinam.
- (31) a. João compara a atual namorada com a ex.
b. João compara a atual namorada e a ex.

(GODOY, 2010:106-107)

De acordo com Godoy (2010:108), nas sentenças em (a) *vermelho* e *ex* são tomados como ponto de referência da comparação, o que não acontece com as sentenças em (b), quando nenhum dos elementos é tomado como base para uma comparação. “A forma simples parece se distinguir da forma descontínua no nível pragmático, ainda que não em termos de valor de verdade”.

Partindo do modelo de Dowty (1991), Wachowicz e Frutos (2010) também propõem um esquema de atribuição temática decorrente de acarretamentos lexicais. Do estudo realizado pelas autoras para os verbos simétricos do PB, destaco um ponto importante: a formulação

teórica de uma “gradação de simetria”, ou simetria relativa, entre os argumentos que compartilham mais propriedades semânticas, sendo, portanto, mais simétricos, e os que não compartilham muitas propriedades, sendo menos simétricos.

(...) há simetria verbal traduzida no comportamento temático dos verbos, mas ela não é homogênea. Se o verbo atribui simetricamente papel de agente a dois participantes, a seleção de propriedades pode variar (...). Se o verbo atribui simetricamente papel de paciente a dois participantes, as propriedades também variam (...). Isso sugere uma *gradação de simetria* entre os verbos: fortemente simétricos (mais propriedades) e fracamente simétricos (menos propriedades). Logo, a simetria depende da seleção de pelo menos uma propriedade dos proto-papéis de Dowty (1991), mas não pode ser considerada homogênea. (WACHOWICZ; FRUTOS, 2010:456) (*grifo nosso*).

Finalizando esta subseção, apresento uma análise desenvolvida mais recentemente por Cavalcante, Gomes e Figueiredo (2018) que tem como foco os diferentes papéis θ que o DP introduzido por *com* pode apresentar. Além de contribuir para uma caracterização da preposição, mostrando os diferentes contextos em que pode ocorrer, oferece uma alternativa de análise para o caso dos simétricos.

Cavalcante, Gomes e Figueiredo (2018) fazem um estudo inserido na interface entre sintaxe, semântica e pragmática a fim de explicar os diferentes tipos de papéis θ associados aos DPs introduzidos pela preposição *com* em contextos bem distintos. Os autores exibem uma lista de exemplos, dos quais alguns são apresentados a seguir, para mostrar que a preposição *com* é capaz de realizar pelo menos onze tipos de contribuição semântica ao significado das frases.

1. Agente

Ex. João saiu *com* **Maria**.

2. Instrumento

Ex. João abriu a porta *com* **o pé-de-cabra**.

3. Causa/causador

Ex. A porta se abriu *com* **o vento**.

4. Objetivo/Objeto de referência

Ex. João concorda *com* **Pedro**.

5. Tema

Ex. As mesas foram levadas *com* **as cadeiras** para a outra sala.

6. Paciente

Ex. João casou *com* **Maria**.

7. Beneficiário

Ex. O jovem repartiu seus bens *com os pobres*.

8. Posse

Ex. João encontrou Pedro (ontem) *com as jóias*.

9. Estado mental

Ex. João deixou Pedro *com medo/vergonha*.

10. Companhia

Ex. a. João está em casa *com Maria*.

11. Tempo

Ex. João acordou/dormiu *com o raiar do dia*.

(CAVALCANTE; GOMES; FIGUEIREDO, 2018)

Os papéis θ associados ao com-DP são bastante diversos e também distintos entre si. Nessa perspectiva, Cavalcante, Gomes e Figueiredo (2018) levantam a questão sobre quais propriedades da preposição *com* poderiam torná-la compatível com esse conjunto tão variado de funções semânticas e sua análise leva em conta, primeiramente, a natureza da preposição. A proposta tem como base as seguintes premissas:

- a) *Com* é sempre um núcleo lexical;
- b) Sempre contribui com o traço <PARTICIPAÇÃO NO EVENTO>;
- c) A função semântica do com-DP decorre da interação entre o traço <PARTICIPAÇÃO NO EVENTO> e o traço do DP ao qual está associado.

A contribuição semântica da preposição *com*, nos diferentes contextos, é sempre a mesma, marcando a presença do argumento no evento. “As demais interpretações resultam da interação composicional desse traço com os demais traços do DP e do VP mais o auxílio de inferências pragmáticas”. A combinação de traços pode resultar em um com-DP com participação no evento na mesma intensidade que o Suj-DP ou não. Essa proposta é retomada na seção 5.3.2.

Cavalcante, Gomes e Figueiredo (2018) chamam a atenção para um ponto importante das propostas que consideram a atribuição temática decorrente de acarretamentos lexicais projetados sobre os argumentos do verbo. Se a diferença de acarretamentos entre o argumento principal e o com-DP é fruto somente das propriedades do próprio verbo, e não da preposição, a forma com DP sujeito coletivo poderia ter uma interpretação ambígua. “A inexistência da

ambiguidade na forma contínua sugere que a diferença de acarretamentos entre as formas contínua e descontínua decorre da contribuição semântica efetuada pela preposição ‘com’”.

O objetivo desta subseção é mostrar algumas propostas para explicar a atribuição temática a DPs selecionados por predicados simétricos. Independente de como a função semântica do complemento simétrico seja definida, parece consensual que há algum grau de simetria entre ele e o Suj-DP.

Na próxima seção, faço uma síntese das diferentes abordagens teóricas em torno do tema estudado e delimito os questionamentos formais que conduziram a investigação desta etapa da pesquisa.

5.2 SÍNTESE DO DEBATE TEÓRICO E QUESTÕES FORMAIS

No bloco anterior defini o termo alternância coordenativa-subordinativa(*com*) tendo em vista dois aspectos principais: i) a expressão do conjunto de elementos [DP₁, DP₂, V, conector], podendo o conector ser expresso pelas partículas *mais/e/com*, ora em uma configuração sintática de subordinação, na qual os DPs aparecem descontínuos, ora de coordenação, com a realização dos DPs contínuos; ii) o conteúdo semântico das sentenças, já que nas duas possibilidades estruturais o significado global da sentença parece ser o mesmo. Retomo aqui os exemplos (1) e (2) renumerados como (32) e (33), respectivamente. O fenômeno da alternância seria um indício de equivalência entre as sentenças abaixo?

- (32) a. Miguel viajou *mais/com* a esposa.
b. Miguel *mais/e* a esposa viajaram.

- (33) a. João casou *mais/com* Maria.
b. João *mais/e* Maria casaram.

Mostrei que, de um modo geral, as duas configurações sintáticas são pluralizantes, envolvem necessariamente mais de um participante no mesmo evento. A característica distintiva mais claramente observável entre elas é a assimetria sintática. Por outro lado, a questão semântica parece ser um pouco mais complexa. Na coordenação, a possibilidade de realização de um sujeito pronominal (“*Eles* viajaram/casaram”) parece indicar uma simetria semântica total entre os DPs, ou seja, a mesma participação no evento. Mas na forma subordinada os argumentos descontínuos seriam simétricos?

Para jogar alguma luz sobre o tema da alternância coordenativa-subordinativa(*com*), apresentei duas vertentes de trabalhos encontrados na literatura: i) os que consideram haver uma equivalência entre construções subordinadas(*com*) e coordenadas, pressupondo uma mesma estrutura profunda (FILLMORE, 1968; LAKOFF; PETERS, 1969; KAYNE, 1994); ii) os que têm discutido mais de perto as formações com DPs descontínuos, no âmbito dos predicados simétricos, tomando como base as propriedades semânticas dos argumentos verbais (DOWTY, 1991; CANÇADO, 2005; GODOY, 2008, 2010; WACHOWICZ; FRUTOS, 2010). Para essa vertente, a alternância estrutural revela condições de verdade diferentes.

Os trabalhos do tipo (i), orientados pelo modelo tradicional gerativo (CHOMSKY, 1970), partem da concepção de que há níveis de representação sintática: uma estrutura inicial “profunda” e outra gerada após o movimento de constituintes, a “superficial”. As propostas de análise apresentadas esbarram na CEC (ROSS, 1967), como já foi discutido. Supor que a estrutura coordenada gera uma subordinada implica a interpretação de que um dos termos da coordenação é extraído, uma hipótese que viola a CEC, mais especificamente a primeira parte: “em sentenças coordenadas, nenhum termo da coordenada pode ser movido”.

Os estudos do tipo (ii) se concentram na aparente contradição dos predicados simétricos com o Critério θ . A proposta para superar essa problemática está na concepção de papel θ como um conjunto de propriedades semânticas atribuídas a um argumento considerando-se o contexto de sua realização. O conjunto de acarretamentos projetados pelo verbo aos DPs descontínuos não é essencialmente o mesmo, alguma(s) propriedade(s) diferencia(m) os argumentos. Embora a simetria não seja total, ela ocorre em algum grau: “a simetria depende da seleção de pelo menos uma propriedade dos proto-papéis de Dowty (1991), mas não pode ser considerada homogênea” (WACHOWICZ; FRUTOS, 2010:456).

Ao longo da seção 5.1.1 busquei diferenciar duas situações em que as preposições *mais/com* parecem introduzir um participante com o mesmo papel θ que um dos argumentos do verbo: os comitativos, como em (32a), e os predicados simétricos, como em (33a). O primeiro tipo distingue-se do segundo essencialmente por introduzir uma entidade não requerida pelo verbo, um constituinte adjunto com a mesma função do Suj-DP.

Mostrei que a equivalência de papel θ nos DPs da construção comitativa é defendida por Arkhipov (2009), mas não por Baptista (2005b). Ilari (2008) *et. al.* consideram haver simetria total no caso do comitativo genuíno, mas não em casos que denotam apenas uma co-presença de um dos participantes no evento. Por sua vez, Wachowicz e Frutos (2010) e Godoy (2010) não consideram haver uma simetria total entre os argumentos dos predicados simétricos na estrutura subordinada(*com*), salvo algumas exceções.

O estudo ora realizado não pretende oferecer uma proposta adicional para explicar a atribuição temática dos argumentos simétricos, mas fazer uma *generalização sobre a questão da simetria nas duas situações em que o ‘mais’ conector pode ocorrer*, nas construções comitativas e com predicados simétricos, além de *identificar os traços do ‘mais’* que permitem sua realização em determinados contextos.

No palco dos questionamentos teóricos sobre o tema estudado, uma gama de problemas foi levantada. As questões principais apontadas ao longo do presente capítulo são listadas e exemplificadas a seguir:

- (34) As sentenças em (a) e (b) exprimem o mesmo valor semântico?
- a. Miguel viajou *mais* a esposa.
 - b. Miguel *mais* a esposa viajaram.
- (35) Na subordinação(*com*), *mais* é igual a *com*?
- (36) A sentença em (e) é igual a (c) e/ou (d)?
- c. Miguel *mais* a esposa viajaram.
 - d. Miguel *e* a esposa viajaram.
 - e. ? Miguel *com* a esposa viajou/viajaram.
- (37) Na coordenação, *e* é igual a *mais*?
- (38) *Mais* é igual a *com*?
- (39) *E* é igual a *com*?
- (40) As sentenças em (f), (g) e (h) são idênticas?
- f. Miguel *com* a esposa viajou/viajaram.
 - g. Miguel, *com* a esposa, viajou.
 - h. Miguel, *mais* a esposa, viajou.
- (41) Que traços licenciaram o uso do advérbio *mais* como conector em (a) e (b)?

Não pretendo exaurir a lista acima e oferecer respostas para todas as questões. É preciso delimitar o campo de investigação como fiz na primeira parte da tese. Assim, decidi que as questões em (36), (38) e (39) não serão abarcadas por esta pesquisa, tendo em vista tratar-se do fenômeno da coordenação comitativa.

Por sua vez, o problema em (40) já foi respondido ao longo da discussão do capítulo. Trata-se de dois fenômenos distintos: coordenação comitativa em (f) e subordinação com

adjunto adverbial comitativo deslocado para uma posição pré-verbal em (g) e (h). Embora a disposição dos elementos na sentença em (g) pareça contínua, a pausa indicada pela vírgula estabelece uma diferença importante com a sentença em (f). Como esse é um problema que deve ser discutido no nível pragmático-discursivo, foge aos alcances e limites do estudo ora realizado. Nesta pesquisa, o foco é a relação dos argumentos com o evento denotado pelo V, nas construções subordinadas, sejam elas aparentemente contínuas (40h) ou claramente descontínuas (34a).

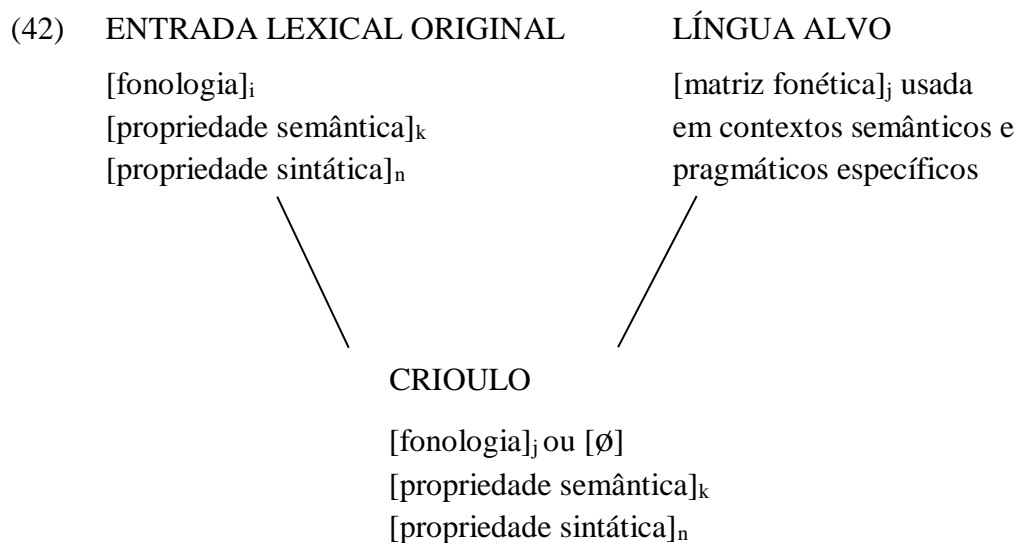
Frente aos questionamentos remanescentes (34), (35), (37) e (41), considero que (35) e (37) podem ser respondidas no bojo de uma análise mais ampla. Os contextos de restrição da variante *mais* revelam até que ponto a variante não-padrão *mais* assemelha-se às variantes padrão *e/com*, como apresentado na seção 5.3.2. Dessa forma, restam as questões em (34) e (41), e a partir delas delimito dois questionamentos formais que esta pesquisa busca responder.

**a) Há simetria semântica entre o Suj-DP e o com-DP na construção comitativa?
Ou seja, de que forma os participantes do evento podem estar relacionados?**

b) Que traços teriam licenciado o uso do advérbio *mais* como conector?

A questão em (a) foi motivada pela discussão sobre as construções subordinadas e coordenadas: a posição sintática dos DPs descontínuos indica estatutos semânticos diferentes? De acordo com a proposta apresentada nesse estudo (seção 5.3.2) há alternância coordenativa-subordinativa (*com*) entre sentenças com os verbos simétricos e com os comitativos genuínos. A proposta de uma escala simétrica entre o Suj-DP e o com-DP tenta captar diferentes nuances de simetria que vão desde uma simetria total até uma simetria parcial.

A questão em (b) é uma ampliação do que foi estudado em pesquisa anterior, durante o Mestrado. Em Gomes (2014) busquei explicar o fenômeno *mais* conector considerando o contato entre línguas, nessa perspectiva, propus que o advérbio *mais* teria passado por um processo de relexificação (LEFEBVRE, 1998, 2001; LEFEBVRE; LUMSDEN, 1994) na formação do PB, por conta do contato linguístico com o substrato africano. A representação a seguir é apresentada por Lefebvre e Lumsden (1994):



(LEFEBVRE, 2001, p. 12)

O cenário sociolinguístico descrito na seção 3.1 permite inferir a presença de um substrato africano no Brasil com línguas em que há uma mesma partícula exercendo função comitativa e coordenativa entre DPs. Considerando esse fator sócio-histórico, o *mais* pode ter sido a escolha fonética da LP para relexificar uma entrada lexical copiada da(s) língua(s) do substrato, no período formativo do PB, conforme o esquema em (42). O *mais* conector no PB, passa a ter propriedades semânticas e sintáticas da entrada original (língua do substrato) e representação fonológica da língua alvo. De acordo com Muysken (1981a), no processo de relexificação, a entrada lexical copiada e a matriz fonética escolhida da língua-alvo devem ter algum aspecto semântico em comum, dessa forma, propus que o traço semântico <ADIÇÃO> teria licenciado a relexificação do advérbio *mais* (GOMES, 2014).

No estudo ora apresentado, busco uma explicação a partir de uma perspectiva formal não só do traço semântico, mas também de outras características do advérbio *mais* que podem ter atuado na ampliação de suas funções no português popular baiano. Pretendo ainda oferecer uma explicação relacionada aos contextos de restrição para o uso do *mais*, indicados a partir da análise sociolinguística tanto do português afro-brasileiro (GOMES, 2014) quanto do PPI e do PPC.

5.3 PROPOSTAS DE ANÁLISE FORMAL

O título escolhido para esta tese sugere qual é o seu tema central - o *mais* conector no português popular da Bahia - e aponta quais aspectos desse fenômeno são investigados,

sociolinguísticos e formais. Nesta seção, apresento duas propostas para explicar o fenômeno *mais* conector em uma perspectiva formal, na interface morfossintática-semântica.

A primeira etapa da pesquisa deu algumas pistas importantes para a identificação dos contextos em que a partícula *mais* é selecionada pelo falante, revelando um comportamento bastante restritivo em comparação com os usos de *e/com*. As restrições de seleção da partícula estão no cerne dos problemas formais delimitados e, conseqüentemente, das análises que proponho.

Diante do que foi apresentado ao longo de todo este estudo, é preciso esclarecer porque a partícula *mais* é selecionada nos seguintes casos:

- a) Sempre em contextos que envolvem mais de um participante no evento, e o com-DP tem a interpretação de co-participação com o Suj-DP;
- b) Sempre com DPs com traço [+animado];
- c) Preferencialmente em contextos de maior carga semântica, junto a elementos que denotam maior referencialidade.

Primeiramente, identifico os traços formais que teriam licenciado o uso do advérbio *mais* como um conector de DPs, e, em seguida, sugiro uma generalização sobre a simetria semântica entre o Suj-DP e o com-DP mostrando que os traços básicos do *mais*, resguardados durante sua gramaticalização, interferem significativamente na simetria do com-DP.

5.3.1 Os traços do *mais* conector

Neste estudo, trato as características compartilhadas entre as partículas *mais/e/com* como traços. No Capítulo 1, mostrei que o traço <INCLUSÃO> está presente nessas partículas. Em pesquisa anterior, me referi a esse traço como *adição* (GOMES, 2014), mas optei pelo termo *inclusão* aqui por ser mais abrangente. O traço <INCLUSÃO> é semântico e diz respeito à inclusão/participação no evento.

Do ponto de vista sintático, a principal característica da preposição e da conjunção é ligar termos. São predicados de pelo menos dois lugares. O advérbio também parece ser capaz de relacionar estados de coisas, parece evidenciar uma comparação implícita, mesmo que não haja um termo realizado para que se efetive a comparação. Essa característica se torna mais evidente em construções tradicionalmente consideradas pelos gramáticos como “grau comparativo” e “grau superlativo”, nas quais o advérbio *mais* é empregado. Essa característica

sintática em comum é o traço <RELACIONAL> e se refere à possibilidade de estabelecer alguma relação entre entidades/estados de coisas. O nexos sintático estabelecido pela partícula *e* é de coordenação e pela partícula *com* de subordinação. A presença de um segundo termo para ser relacionado é obrigatória no caso das partículas *e/com*, como mostrei a partir dos exemplos (19) e (20), na seção 1.1.3, retomados a seguir:

(43) *Maria *e* compraram sapatos novos.

(44) *João foi à festa *com*.

No caso do advérbio *mais*, o nexos estabelecido é de comparação e um segundo termo não é necessariamente explicitado, como mostra a gramaticalidade de (45) e (46). É importante observar que em construções como (45) e (46) o advérbio *mais* pressupõe *algo em comum que possa ser tido como ponto de referência para uma comparação*. Vou chamar essa característica de **similaridade**. É possível inferir que a relação, no caso da partícula *mais*, é entre aspectos que possam ser comparados, como entidade/entidade ou qualidade/qualidade; associar elementos distintos parece ser agramatical.

(45) João foi *mais* cedo para o trabalho.

a. mais cedo do que os colegas = comparação entre João e os colegas.

b. mais cedo do que ontem = comparação entre um tempo passado e o tempo em que a sentença é produzida.

c. *mais cedo do que alegre = não é possível estabelecer uma comparação.

(46) João é *mais* simpático.

a. mais simpático do que Maria = comparação entre João e Maria.

b. mais simpático do que alegre = comparação entre duas qualidades.

c. *mais simpático do que ontem = não é possível estabelecer uma comparação.

Segundo Mira Mateus *et. al.* (2003:390), “nos comparativos de superioridade e de inferioridade comparam-se os valores de uma propriedade ou de uma qualidade em dois indivíduos. Isso também é verdade no comparativo de igualdade”.

Na Figura 23, destaco as principais características das partículas *mais/e/com* e identifico os traços básicos associados a elas.

Figura 23: Traços semântico e sintático das partículas *mais/e/com*

Traço semântico <INCLUSÃO> Traço sintático <RELACIONAL>		
MAIS	E	COM
Como advérbio modifica e intensifica nomes, verbos, adjetivos, advérbios, orações; é empregado na flexão comparativa e superlativa do adjetivo; quando estabelece comparação, pressupõe algo em comum que possa ser tido como ponto de referência para a comparação (similaridade); adição (matemática).	Por ser mais neutra que outros coordenadores, liga termos de diferentes categorias, produzindo agramaticalidade se um dos termos não for explicitado; indica uma relação semântica de adição.	Introduz constituinte subordinado, complemento ou adjunto, com diferentes tipos de interpretação semântica.

Fonte: Elaborado pela autora.

Considerando as características elencadas na Figura 23, proponho que a manutenção do traço semântico <INCLUSÃO> e do traço sintático <RELACIONAL> do advérbio *mais* tenham licenciado seu uso como um conectivo. O advérbio *mais* teria sido gramaticalizado passando a atuar como uma conjunção aditiva e como uma preposição comitativa. Atribuo a esses traços básicos o fato de a partícula *mais* ser selecionada em contextos que envolvem mais de um participante no evento.

O *mais* conector teria resguardado ainda o aspecto **similaridade** do advérbio. Como esse traço estaria ativo, a preposição *mais* seria um núcleo lexical nas construções comitativas, contribuindo com seus traços básicos para a atribuição ao com-DP de papel θ simétrico. Pela sua contribuição semântica, *mais* ocorre, preferencialmente, em contextos de maior carga semântica, junto a elementos que denotam maior referencialidade.

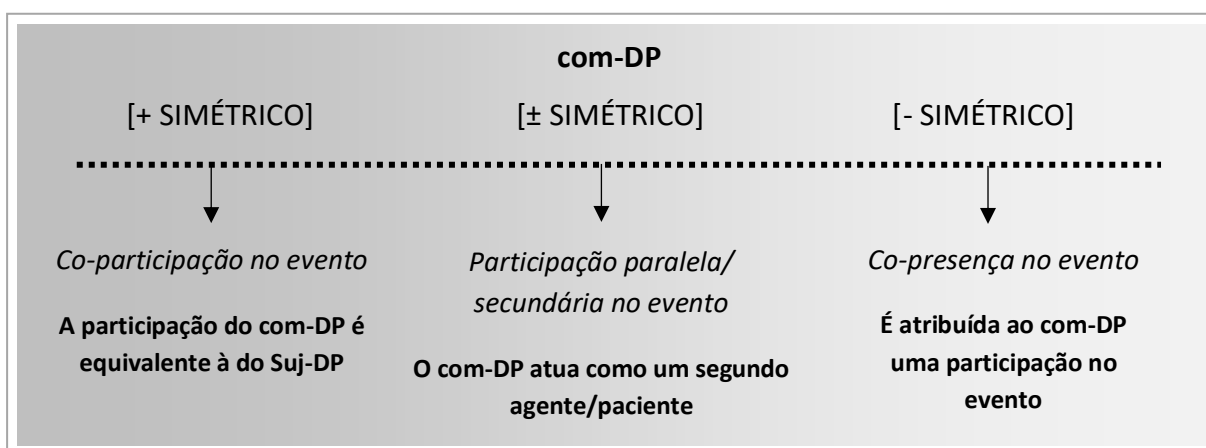
É necessário refletir sobre o fato de que o *mais* e o *com* têm comportamentos distintos: as partículas compartilham traços, mas a realização do *mais* é bloqueada em determinados contextos onde *com* pode ocorrer livremente. Essas restrições podem ser um indício em favor da hipótese de um *continuum* de simetria.

5.3.2 Continuum de simetria entre o Suj-DP e o com-DP

O segundo questionamento formal busca explicar de que forma os participantes do evento podem estar semanticamente relacionados na construção comitativa. A formulação aqui apresentada é inspirada em Ilari *et. al.* (2008) e em Cavalcante, Gomes e Figueiredo (2018).

Segundo Ilari *et. al.*, o emprego do comitativo pode ocorrer gradualmente, de um caso comitativo mais típico, com a ideia de “co-participação numa ação” até a ideia de “co-presença humana numa ação”, como apresentado na seção 5.1.1, através dos exemplos (9-11). Partindo desse modelo de análise, proponho uma escala contínua para a atribuição temática dos DPs comitativos, como representado na Figura 24, a seguir:

Figura 24: Papel θ do com-DP num esquema *continuum*



Fonte: Elaborado pela autora.

O grau de simetria semântica entre o Suj-DP e o com-DP pode ser total ou parcial. Em um extremo, estaria o comitativo genuíno, mais simétrico. A participação dos DPs seria essencialmente a mesma. Do nível intermediário para a direita a simetria vai perdendo força à medida que a participação do com-DP se distancia do argumento principal do verbo. Essa gradação pode ser observada através dos seguintes exemplos:

- | | | |
|------|--------------------------------------|---|
| (47) | João viajou <i>mais/com</i> Maria. | [+simétrico] (= João e Maria viajaram.) |
| (48) | João falou <i>com</i> Maria. | [±simétrico] |
| (49) | João está chateado <i>com</i> Maria. | [-simétrico] |

Na primeira sentença a função de ambos os participantes parece ser a mesma, de *agente*. Mas em (48) um dos participantes tem maior responsabilidade sobre o evento, sendo possível inferir que o com-DP *Maria* não é tão atuante quanto o Suj-DP *João*, cabendo ao constituinte subordinado um papel secundário de ouvinte/destinatário. Mais distante ainda é a interpretação do com-DP em (49). Na sentença, *Maria* não parece ser uma entidade participante do evento, no sentido de compartilhar com *João* a propriedade de “estar chateada”, até porque a sentença poderia ter o seguinte contexto “João está chateado com Maria e ela nem sabe disso.” O com-DP está apenas co-presente, contribui para a significação do evento envolvendo mais de uma entidade.

A preposição *com* pode ser considerada um núcleo lexical nas construções comitativas e contribui para a atribuição de papel θ simétrico ou parcialmente simétrico ao com-DP. Cabe agora apontar como a função semântica dos comitativos seria definida dentro do modelo *continuum* proposto na Figura 24. Seguindo o raciocínio de Cavalcante, Gomes e Figueiredo (2018), o papel θ do com-DP decorreria da interação entre:

- a) O traço básico <INCLUSÃO> da preposição;
- b) As propriedades semânticas intrínsecas do núcleo do DP introduzido por *com*;
- c) As propriedades semânticas do evento expresso pelo verbo.

A combinação resultante desses fatores alocaria o com-DP em algum ponto da escala simétrica. Essa análise me permite assumir que a possibilidade de realização de uma estrutura descontínua com simetria total entre os DPs, como em (47), ou de uma estrutura coordenada, parece ser um caso de variação sintática disponível para o falante. Ou seja, **há alternância coordenativa-subordinativa(*com*) nas sentenças comitativas genuínas**. A mesma conclusão não é válida para os casos menos simétricos.

Assumir que a interação entre os fatores (a-c) é mais coerente para explicar a atribuição temática decorre de um aspecto observado durante a primeira fase da pesquisa.

Na análise sociolinguística, a variável *função do com-DP* foi fixada para investigar a relevância do tipo de predicado. Como apresentado na seção 5.1.3, alguns autores defendem que o predicado simétrico atribui um conjunto de acarretamentos lexicais a cada DP selecionado. Nessa perspectiva, a atuação da preposição parece ficar em segundo plano. Mas no caso dos comitativos são as propriedades básicas da preposição que se destacam, já que os verbos envolvidos, não simétricos, não podem ser considerados responsáveis pela equivalência semântica dos DPs.

A pesquisa realizada no universo do português popular baiano apontou a *função do com-DP* como um grupo de fatores importante no condicionamento da variante *mais* em todas as variedades estudadas: no português afro-brasileiro (seção 2.2.1), no PPI (seção 4.1.1.5) e no PPC (seção 4.1.2.2). Em todos os falares o contexto de **adjunção** favorece o uso preposicional da variante *mais*. Dessa forma, é possível afirmar que as propriedades básicas da preposição são mais relevantes do que os acarretamentos lexicais projetados pelo verbo simétrico aos seus argumentos.

Feita essa generalização sobre a simetria dos DPs na construção comitativa, é preciso voltar à questão central do *mais* conector para oferecer uma resposta para o seguinte problema: por que os contextos “unilaterais” não permitem o uso do *mais*? A partir dos exemplos em (50) procuro mostrar que o uso da partícula é bloqueado sempre que a leitura não é de “co-participação”.

- (50) a. João falou *com/*mais* Maria sobre política.
 b. Às vezes Maria perde a cabeça *com* as filhas_i porque elas_i são pirracentas.
 c. *Às vezes Maria perde a cabeça *mais* as filhas_i porque elas_i são pirracentas.
 d. Às vezes Maria perde a cabeça *mais/com* as filhas_i porque João_j é pirracento.
- (51) João *e/mais* Maria falaram sobre política (com os amigos).

A comparação das sentenças acima permite duas generalizações: i) quando há co-participação dos argumentos no evento a variante *mais* pode ocorrer; ii) quando a interpretação é a de que apenas um dos participantes tem maior responsabilidade sobre o evento a variante *mais* é bloqueada. Confrontando-se (50a) com (51), é possível inferir que, na primeira sentença, *Maria* não é tão atuante quanto *João*, sendo somente ouvinte/destinatário, um contexto de não-realização da variante *mais*; na segunda sentença o verbo *falar* parece ser sinônimo de *conversar/debater*, pressupondo uma atuação conjunta dos DPs para o desenrolar do evento, uma situação comunicativa que permite o uso do *mais* conector. Na sentença em (50b) só é possível a escolha de *com* como estratégia subordinativa, porque “perder a cabeça” é uma condição que afeta somente *Maria*; a causa da agramaticalidade de (50c) é *as filhas* serem afetadas/pacientes, e a vinculação serve para mostrar isso; por outro lado, a sentença (50d) é possível de ocorrer com o *mais* conector porque a interpretação é a de que os DPs *Maria* e *as filhas* são igualmente afetados pelo predicado. Outros dados empíricos retirados do *corpus* do

português popular baiano são listados a seguir. A comparação das sentenças mostra a característica de “co-participação” necessária para a realização do *mais* conector.

- (52) a. Usos do *mais* em construções comitativas simétricas:
- i. **Mora** na terra *mais* o... o irmão dela. (CZ)
 - ii. **Prantava** roçadão de parma aí *mais* os home aí. (PR)
 - iii. Ele tava viajano, aí eu comecei a **viajar** *mais* ele. (SR)
 - iv. Quando minha mãe **ia** para roça *mais* meu pai. (FS)
 - v. Eu fui **pescá** *mais* um colega meu. (IT)
- b. Usos do *com* em construções comitativas simétricas:
- i. Ana Isidora **mora** *com* a filha dela. (CZ)
 - ii. Minha mãe tava quereno vim embora, eu **vim** *com* ela. (PS)
 - iii. Eu **trabalhava** *com* um irmão meu que era bom. (SS)
 - iv. Ontem ainda eu fui pra rua **fazer compra** *com* mainha. (FR)
 - v. Ela **morava** no Rio Vermelho *com* a tia dela. (IT)
- (53) a. Usos do *mais* com predicados simétricos:
- i. Denestina (...) é masiado *mais*... **casado** *mais* Nezim... (HV)
 - ii. Ah, sim, ni natal, **ajuntava** *mais* Denorinda. (PR)
 - iii. Ninguém **briga** *mais* eu, a gente num discute. (SR)
 - iv. Eu tou aqui **bateno papo** *mais* as moça. (FR)
 - v. Eu tava **conversano** *mais* a Dona Vânia (IT)
- b. Usos do *com* com predicados simétricos:
- i. O irmão dele hoje teve aqui, **conversô** *com* eu. (SP)
 - ii. As criança responde aos professô, **briga** *com* o colega... (PS)
 - iii. Esse filho **casô** *com* essa... essa menina. (SR)
 - iv. Eu chegava (...) ficava **batendo papo** *com* os menino. (FR)
 - v. Ela já **se envolveu** *com* um cara tombém errado. (IT)
- (54) Usos licenciados apenas para a partícula *com*:
- a. Eu tenho abri o zói dela, e falano *com* ela, dano ela essa ‘ducação. (HV)
 - b. Gosto de confessá *com* os padre daqui. (PS)

- c. Eu tenho muito cuidado *com* meus filhos. (FR)
- d. Eu me invoquei *com* essa menina. (FR)
- e. Eu não quis mais conta *com* ele. (FR)
- f. Eu fiquei muito barvo *com* ela. (FS)
- g. Eu fiquei chateado mesmo *com* ela. (FS)
- h. Foi uma confusão e, e eu só mim agarrei *cum* Jusuis. (FS)
- i. Eu tive meu filho em casa *com* parteira. (FS)
- j. Ele já tinha rixa *com* o primo. (SR)
- k. Fazê um jeito, se apegá *com* político pa... pa dá uma força. (SR)
- l. Ele é mei ciumento *com* a mulé. (SS)
- m. Dexô de falá *co* todo mundo, ninguém qué amizade também. (LB)
- n. Minha mãe é toda fechada *cum* ela. (IT)
- o. Pegaro a senhora de idade e fizeram uma malvadeza... *com* a senhora. (PL)
- p. Por mais que uma mãe seja amarga *com* um filho, o filho tem que se... sempre tá doce *com* ela. (CJ)

Uma explicação provável para esse comportamento do *mais* seria o fato de que o advérbio em si mesmo pressupõe *algo em comum entre os elementos relacionados*, algo que sirva como ponto de referência para que a comparação seja estabelecida. Esse traço <SIMILARIDADE> do advérbio *mais* teria permanecido mesmo após a gramaticalização e estaria ativo, impedindo que o conector *mais* entre em contextos unilaterais, tendo um uso *mais* específico que a partícula *com*. Assumo que o *mais* conector seria selecionado apenas nos contextos de interpretação bidirecional, ou seja, em que haja “co-participação” dos DPs. A preposição *com* pode ter leitura assimétrica, podendo ser selecionada em contextos de interpretação unilateral, justamente por não ter esse requerimento.

5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

O Capítulo 5 teve como objetivo apresentar aspectos formais do fenômeno *mais* conector, contribuindo com uma proposta de análise dos seus traços formais (semântico e sintático) e com uma generalização sobre os comitativos em geral, na perspectiva de uma simetria do com-DP com o Suj-DP. Toda a discussão aqui realizada visa ampliar o ponto de vista da investigação sobre o *mais* conector, complementando a descrição e a análise sociolinguística realizadas na primeira fase da pesquisa.

A motivação inicial para a investigação formal partiu dos condicionamentos linguísticos e das restrições para o uso do *mais* conector, descritos no Capítulo 4. O trabalho de seleção e tratamento dos dados revelou que em determinados contextos as variantes padrão *e/com* podem ocorrer livremente, ao passo que esses mesmos contextos funcionam como uma barreira para a escolha da variante *mais* como estratégia conectiva.

Partindo de uma problemática mais geral, duas estruturas sintáticas associadas com a mesma característica de envolver mais de um participante no evento, comecei investigando o fenômeno da alternância coordenada-subordinada(*com*) (seção 5.1), e tracei um percurso até chegar a um problema mais específico sobre a participação dos DPs no evento. Delimitei duas questões para investigação (seção 5.2) e propus algumas explicações tendo como arcabouço a semântica lexical (seção 5.3). As formulações apresentadas não são interdependentes, pelo contrário, elas se completam. Uma dá suporte ao entendimento da outra é só foram redigidas separadamente para fins de organização textual.

a) Os traços do *mais* conector (seção 5.3.1)

A proposta tem como base estudos sobre as partículas *mais/e/com* e sobre as características semântica e sintática do advérbio *mais* (cf. Capítulo 1). Sugiro que no processo de gramaticalização do advérbio *mais*, houve a manutenção do traço semântico <INCLUSÃO> e do traço sintático <RELACIONAL>, permitindo o uso preposicional e conjuncional do *mais*, bem como do traço semântico <SIMILARIDADE>, que atuaria impedindo que o conector *mais* entre em contextos unilaterais.

b) *Continuum* de simetria entre o Suj-DP e o com-DP (seção 5.3.2)

Partindo das considerações de Ilari *et. al.* (2008) sobre os comitativos (seção 5.1.1) e de Cavalcante, Gomes e Figueiredo (2018) sobre o papel θ da preposição *com*, proponho uma generalização sobre a relação semântica entre os DPs participantes do mesmo evento, nas construções comitativas. Basicamente, a análise proposta foi elaborada a partir das seguintes conclusões sobre o estudo do tema:

- i. A partícula *mais/com* seria um núcleo lexical e contribuiria para a atribuição temática do com-DP num esquema de interação entre o traço semântico básico <INCLUSÃO>, as propriedades inerentes ao núcleo do DP introduzido pela preposição e as propriedades semânticas do evento expresso pelo verbo.
- ii. A atribuição temática do com-DP se dá em um esquema *continuum* onde, de um lado está o comitativo típico, mais simétrico com o Suj-DP, até o outro extremo onde está o caso menos simétrico, codificando apenas “co-presença” no evento.
- iii. O comportamento da partícula *mais* distancia-se da partícula *com* no que diz respeito ao grau de simetria dos DPs, pois *mais* só é selecionado quando há leitura de “co-participação”. Uma explicação provável para a restrição do uso do *mais* em contextos de interpretação unilateral seria a propriedade adverbial de pressupor algo em comum entre os elementos relacionados, a característica que tenho chamado de <SIMILARIDADE>, presente no conectivo gramaticalizado, mas não na preposição canônica *com*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno *mais* conector é o uso da partícula *mais* empregada como um conector em dois contextos sintáticos: subordinação, variando com a preposição *com*, como em “[_{DP} João] casou *mais/com* [_{DP} Maria]”; e coordenação entre DPs, variando com a conjunção aditiva *e*, como em “[_{DP} João] *mais/e* [_{DP} Maria] casaram”. Nesta tese, o fenômeno é estudado a partir de duas abordagens: a Sociolinguística e a Gramática Gerativa, uma perspectiva Sociolinguística Paramétrica, em que busco ler os resultados da análise variacionista à luz da Teoria da Gramática. Nesse trajeto de mão dupla, por um lado, busco descrever os fenômenos variáveis *mais/com* e *mais/e*, relacionando a variante não-padrão *mais* ao contato entre línguas subjacente à formação das variedades populares do PB, das quais é exemplo o português popular baiano. Ao mesmo tempo, tenho o objetivo de responder algumas questões sobre aspectos formais do *mais* conector e sobre a relação entre os DPs participantes no evento.

O estudo ora apresentado é uma ampliação da pesquisa realizada durante o Mestrado (GOMES, 2014) em que busquei explicar o fenômeno *mais* conector à luz dos fatores sócio-históricos, considerando a importância do contato entre línguas para a formação do PB. Assumi que o advérbio *mais* teria sido relexificado (cf. LEFEBVRE, 1998, 2001; LEFEBVRE; LUMSDEN, 1994) no período formativo do PB por conta do contato linguístico com o substrato africano.

O **Capítulo 1** introduz o tema com a caracterização das partículas *mais/e/com* envolvidas nos fenômenos variáveis e algumas considerações sobre as construções sintáticas de subordinação(*com*) e coordenação. Destaco os seguintes pontos desse capítulo inicial:

- (1) As partículas *mais/e/com* compartilham o traço semântico básico de <INCLUSÃO> e o traço sintático <RELACIONAL>;
- (2) Quando o advérbio *mais* estabelece comparação, pressupõe algo em comum que possa ser tido como ponto de referência para uma comparação entre termos relacionados. Tenho chamado esse aspecto de <SIMILARIDADE>;

(3) A CEC (Ross, 1967) restringe a extração de um dos termos da sentença coordenada ou de um elemento contido em um termo da coordenada. Apenas a extração simultânea, movimento *across-the-board*, seria permitida, porque o movimento simultâneo de ambos os termos coordenados respeita o requisito de paralelismo. Essa formulação de Ross coloca em xeque trabalhos orientados por uma concepção de equivalência entre sentenças subordinadas(*com*) e coordenadas, partindo da ideia de derivação de uma mesma estrutura profunda. Nesse estudo, busquei apresentar uma proposta que desse conta das sentenças semanticamente equivalentes, sem violar a CEC.

As definições teóricas assumidas no primeiro capítulo têm importante implicatura para a discussão dos aspectos formais do objeto de estudo e para as propostas de análise formuladas no Capítulo 5.

Seguindo as etapas de desenvolvimento da pesquisa, dediquei os capítulos subsequentes ao estudo dos aspectos sociolinguísticos. No **Capítulo 2**, apresentei algumas evidências que mostram a ocorrência de fenômeno semelhante - um elemento gramatical exercendo cumulativamente as funções de partícula comitativa e coordenativa entre DPs - em línguas faladas na África ou formadas em condições sócio-históricas específicas, como os pidgins e os crioulos. Mostrei ainda que é possível supor a presença de línguas com esse fenômeno no Brasil, e na Bahia, por conta do intenso tráfico negreiro que se estendeu por quase quatro séculos, introduzindo, forçadamente, em terras brasileiras africanos bantos e sudaneses para trabalho escravo. O estudo realizado no universo do português afro-brasileiro (GOMES, 2014) vai ao encontro dessa hipótese.

A análise ora empreendida busca reunir novas evidências para relacionar a formação do PB ao contato entre línguas, ocorrido na história do Brasil, e busca ampliar a descrição e a caracterização do PB, sobretudo em sua vertente popular. Nessa perspectiva, a hipótese norteadora diz respeito ao uso do *mais* como conector ser o resultado de uma reestruturação desencadeada pelo contato do português com línguas africanas, ao longo da formação da sociedade brasileira. O universo de observação é o português popular baiano, o que se justifica pela importância histórica e cultural do Estado da Bahia na formação do Brasil. Como já foi dito, a história do Brasil começou na Bahia, um espaço fortemente influenciado pelas marcas do contato com os africanos. Na língua, diversos trabalhos sociolinguísticos têm apontado a relevância desse contato, a exemplo das pesquisas realizadas no âmbito do Projeto Vertentes.

Assumindo o arcabouço metodológico variacionista, parti de uma base empírica formada por 2.370 dados selecionados de 14 comunidades para realizar uma análise quantitativa através da ferramenta estatística VARBRUL, que apontou contextos sociais e linguísticos que estariam condicionando o uso da variante *mais*. As variedades do português popular baiano estudadas representam normas linguísticas distintas, que podem ser dispostas em um *continuum* de urbanização: o português afro-brasileiro, a norma *mais* nitidamente influenciada pelo contato entre línguas; o português popular do interior, as normas intermediárias, graduando-se entre rurais e urbanas das cidades de pequeno, médio e grande porte; o português popular da capital, falado nas grandes cidades, *mais* afetado pela escolarização e exposição à mídia. O **Capítulo 3** apresentou todo o procedimento metodológico adotado na pesquisa e a fundamentação teórica da Sociolinguística Paramétrica para a interpretação dos resultados.

Diante das evidências apontadas pelo trabalho quantitativo, foi possível identificar os condicionamentos sociais e linguísticos para as variantes *mais/com* e *mais/e*, bem como fazer algumas conclusões importantes sobre o uso da variante *mais*, no **Capítulo 4**. Ressalto que fiz, sempre que necessário, uma leitura paramétrica na interpretação dos resultados probabilísticos, utilizando elementos da teoria linguística gerativa.

(4) SUBORDINAÇÃO(COM):

- a) No PPI, a variante *mais* é favorecida entre os informantes que permaneceram na comunidade e nas comunidades rurais. O grau de urbanização do município também indica uma tendência no uso do *mais*: o menos urbanizado Poções é onde a variante foi realizada *mais* frequentemente.
- b) No PPC, a variante *mais* é *mais* frequente entre os informantes nascidos no interior, com baixa exposição à mídia e rede de relações sociais local.
- c) Em ambas as variedades, o *mais* está sendo substituído pela preposição culta *com*, em um processo de mudança. Em Salvador, a mudança encontra-se quase implementada.
- d) Quanto aos condicionamentos linguísticos, a variante *mais* é favorecida quando o com-DP exerce função de adjunto de V e quando o DP é configurado com elementos que denotam maior referencialidade.

(5) COORDENAÇÃO ENTRE DPs:

- a) No PPI, a variante *mais* é favorecida entre os informantes analfabetos, que permaneceram na comunidade, nas comunidades rurais. Quanto ao grau de urbanização do município, Poções apresenta maior índice de ocorrência da variante.
- b) No PPC, a variante *mais* predomina entre os informantes nascidos no interior e com rede de relações sociais local.
- c) As evidências apontam que o fenômeno *mais/e* é uma variação estável no PPI e no PPC.
- d) A variante *mais* é favorecida quando os DPs coordenados exercem função sintática de sujeito da sentença e quando são formados por elementos *mais* referenciais.

Em relação à trajetória da variante *mais*, os dados quantitativos evidenciam a hipótese de que o *mais* conector tem sua origem no intenso contato linguístico entre a LP e as línguas africanas durante a formação do PB.

- (6) Português afro-brasileiro 36% > Português rural do interior 29% > Português rurbano do interior 16% > Português urbano da capital 8%.

A variante *mais*, resultante das mudanças induzidas pelo contato entre línguas no passado, teria se expandido para os centros urbanos devido ao grande êxodo rural ocorrido ao longo do século XX. Na contramão desse processo, um nivelamento linguístico estaria atuando no sentido do desaparecimento dessa variante, que estaria sendo substituídas atualmente pelas formas hegemônicas nos grandes centros urbanos.

A fim de ampliar a compreensão do tema, alguns aspectos formais foram abordados ao longo do **Capítulo 5**. Defini o fenômeno da alternância coordenativa-subordinativa(*com*) como sendo a possibilidade do mesmo conjunto de elementos [DP₁, DP₂, V, conector] ser realizado em uma forma coordenada, com os DPs contínuos, ou subordinada, com os DPs descontínuos.

A partir dessa questão *mais* geral, delimitarei dois problemas centrais a serem investigados. O primeiro deles referente aos traços formais do *mais* conector. Propus que a manutenção dos traços <INCLUSÃO> e <RELACIONAL> do advérbio *mais* teriam permitido sua gramaticalização como um elemento de ligação. Esses traços também são encontrados nas partículas *e/com*. O que distinguiria as partículas *mais/com* seria a propriedade do advérbio de

relacionar termos que tenham em si algo em comum, a característica <SIMILARIDADE> que teria permanecido no *mais* preposicional gramaticalizado, mas não é encontrada na preposição *com*.

O segundo problema tem como foco a relação semântica entre os DPs participantes do evento. Mostrei que o *mais* conector pode ocorrer em dois tipos de estruturas subordinadas: as formas comitativas e as formas com predicados simétricos. O que há em comum entre essas construções é a característica de envolver mais de um participante no mesmo evento, mas alguns pontos distanciam os comitativos e os predicados simétricos:

(7) Os comitativos introduzem um DP não obrigatório no evento. Por não ser requerido pelo núcleo verbal, o com-DP é um adjunto.

(8) Os predicados simétricos introduzem um DP complemento requerido pelo V.

Ao longo do Capítulo 5, apresentei estudos sobre os predicados simétricos, mais especificamente, sobre como a atribuição semântica dos DPs seria feita de modo a não violar o Critério θ chomskiano de atribuição unívoca: um núcleo, um papel θ para cada argumento. Na perspectiva de decomposição dos papéis θ em propriedades semânticas, alguns autores defendem uma projeção de propriedades/acarretamentos lexicais do verbo para seus argumentos, assumindo que os DPs descontínuos não receberiam do verbo simétrico o mesmo conjunto de acarretamentos. Dessa maneira, uma construção coordenada não poderia ser considerada sinônima de uma estrutura subordinada. A posição sintática descontínua dos DPs seria uma evidência em favor de uma assimetria semântica em algum grau.

Entretanto, sobre esse ponto, retomei a seguinte argumentação de Cavalcante, Gomes e Figueiredo (2018): se as propriedades semânticas dos DPs descontínuos resultam exclusivamente de acarretamentos lexicais, na forma coordenada esses mesmos DPs não deveriam ser ambíguos, podendo ter interpretações distintas? Seguindo o modelo de Cavalcante, Gomes e Figueiredo (2018), mostrei que a atribuição semântica dos DPs descontínuos não resultaria de acarretamentos lexicais, mas da interação entre: i) os traços básicos da preposição *mais/com*; ii) os traços inerentes ao núcleo do DP introduzido pela preposição; e iii) aos traços do próprio predicado verbal envolvido.

Essa proposta encontra uma evidência nos dados empíricos analisados na primeira parte da pesquisa. O levantamento quantitativo da *função do com-DP* mostrou que em 72% dos dados

o com-DP exerce função de adjunto de V, e em 28% função de complemento de V. O cômputo geral da variável pode ser verificado na Tab. 24.

Tabela 24: A função do com-DP no PPI e no PPC

	Nº TOTAL DE OCORRÊNCIAS NO PPI	Nº TOTAL DE OCORRÊNCIAS NO PPC	TOTAL	TOTAL/ FREQUÊNCIA DA VARIANTE <i>MAIS</i>
Adjunto de V	708	531	1.239	263/21%
Complemento de V	306	185	491	31/6%
TOTAL	1.014	716	1.730	294/17%

A interpretação desses resultados é que os acarretamentos lexicais do predicado verbal, simétrico ou não, não podem ser os únicos responsáveis pela definição do papel θ exercido pelo com-DP. Se assim fosse, os predicados simétricos deveriam predominar. Mas o que é possível observar é uma maioria significativa de dados em que o com-DP aparece em estrutura comitativa, como adjunto de V. É consensual que a atribuição semântica dos adjuntos não é acarretada pelos verbos, mas pela preposição lexical. Diante das evidências empíricas e da teoria semântica lexical, assumo que o papel da preposição teria uma relevância significativa para a função semântica do com-DP.

Finalizando os aspectos formais estudados, propus que a função semântica do com-DP pode ser mais ou menos simétrica com o Suj-DP em uma escala contínua que vai do nível [+simétrico] ao [-simétrico]. A preposição *mais* só é selecionada quando há maior simetria entre os DPs, enquanto a preposição *com* pode ocorrer mais livremente abarcando todos os níveis desse *continuum*. Essa proposta oferece uma explicação para o fenômeno da alternância coordenativa-subordinativa(*com*). Considero que há alternância nas sentenças comitativas genuínas, em que o Suj-DP e o com-DP são simetricamente equivalentes.

A partir da análise ora realizada é possível relacionar a **mudança** observada na partícula *mais*, ou seja, a ampliação de suas funções, passando a atuar como conector, ao contato entre línguas que caracteriza a sócio-história do PB. A partícula *mais* passou por um processo de relexificação e gramaticalização com base em especificação sintática e semântica de item lexical do substrato africano. Os traços formais do advérbio *mais*, na competência linguística do falante, orientam a mudança e expansão funcional da partícula.

Em suma, esta tese é um estudo sobre um fenômeno do português popular baiano. Um trabalho que faz parte de um projeto maior: caracterizar e explicar a formação e trajetória do português falado em terras brasileiras. Em sua dimensão funcional, os resultados obtidos indicam a relevância do contato entre línguas para a formação do PB, uma vez que o *mais*

conector parece fazer parte do vernáculo baiano por conta do contato com a matriz africana. A influência cultural África-Brasil é muito clara, assim como a influência no léxico do PB. Mas o fenômeno investigado nessa pesquisa revela que os africanos podem ter deixado marcas de suas línguas nativas na estrutura morfossintática do PB, em sua vertente popular.

O fenômeno ainda não havia sido objeto de estudo na pesquisa realizada no Brasil, por essa razão, optei por realizar um trabalho que abarcasse tanto sua dimensão formal quanto a funcional, abrindo uma enorme possibilidade de estudos futuros.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- ARELLANO GONZÁLEZ, B. Los verbos simétricos. *Verba*. Anuario Galego de Filoloxía, 2004, v. 31, p. 325-359.
- ARKHIPOV, A. Comitative as a cross-linguistically valid category. In: EPPS, P.; ARKHIPOV, A. *New challenges in typology: transcending the borders and refining the distinctions*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.
- AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAPTISTA, J. Construções simétricas: argumentos e complementos. In: FIGUEIREDO, O; RIO-TORTO, G; SILVA, F. (Eds.). *Estudos de Homenagem a Mário Vilela*. Porto: Campo das Letras, 2005b, p. 353-367.
- BAPTISTA, M. *The Syntax of Cape Verdean Creole: the Sotavento varieties*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002.
- BARBOSA, P.; DUARTE, M.; KATO, M. Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 2005, v. 4, n. 2, p. 11-52.
- BARROS, I. *As preposições introdutoras de dativo em verbos ditransitivos dinâmicos no português rural da Bahia: evidências do contato entre línguas*. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 2018.
- BAXTER, A. *Creole-like traces in rural Brazilian Portuguese dialects*. Department of Spanish. La Trobe University, Bundoora, Australia. 47p, MS, 1987.
- _____. Transmissão Geracional Irregular na História do Português Brasileiro: divergências nas vertentes afro-brasileiras. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 1995, v. 14, p. 72-90.

BAXTER, A.; LUCCHESI, D. A Transmissão Linguística Irregular. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 101-124.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Para uma história do negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1988. Disponível em:
<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1104317/icon1104317.pdf>.

BONVINI, E. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: PETTER, M.; FIORIN, J. L. (Orgs). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola, 2011[1985].

_____. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *et. al.* (Orgs). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 1999.

BRASIL. IBGE. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Municípios do Estado da Bahia. v. 20. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

_____. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Municípios do Estado da Bahia. v. 21. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

_____. *Estatísticas do século XX*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Disponível em:
<<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=237312>>

CANÇADO, M. Propriedades semânticas e posições argumentais. *DELTA*, São Paulo, 2005, v. 21, n. 1, p. 23-56.

CARDOSO, E. A. *O Crioulo da ilha de S. Nicolau de Cabo Verde*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Instituto Cabo-Verdiano do Livro, 1989.

CARVALHO, O. L. S. *Lexicografia bilíngue português-alemão: teoria e aplicação à categoria das preposições*. Brasília: Thesaurus, 2001.

CASTRO, Y. P. *A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, 2002.

CAVALCANTE, R.; GOMES, D.; FIGUEIREDO, C. Prepositions “com” and “mais”: their Thematic Roles. In: III Encontro Internacional de Sintaxe e Semântica & Interfaces, 2018, Florianópolis. Abstracts 3 rd EISSI [recurso eletrônico]. Syntax and Semantics & Cognition. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018, p. 70-71.

CHAMBERS, J. *Sociolinguistic Theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell, 1995.

CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957.

_____. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965

_____. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (Eds.) *Reading in English Transformational Grammar*. Waltham: Ginn, 1970, p. 184-221.

_____. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CIRÍACO, L. *A Alternância Causativo/Ergativa no PB: restrições sintáticas e semânticas*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

COELHO, I.; GÖRSKI, E.; SOUZA, C.; MAY, G. *Para Conhecer Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

COLAÇO, M. Coordenação comitativa em Português Europeu. *Actas do XIX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 2004, p. 383-396.

COSERIU, E. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, C. F. *Gramática da Língua Portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

DOWTY, D. Thematic proto-roles and argument selection. *Language*, Baltimore, 1991, v. 63, n. 3, p. 547-617.

DUARTE, M. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1995.

_____. On the embedding of a syntactic change. *Language variation in Europe: papers from ICLaVE2*, Uppsala, 2004, p. 144-155.

_____. Sociolinguística “Paramétrica”. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JÚNIOR, C. *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 33-44.

FARACLAS, N. *Nigerian Pidgin*. London/New York: Routledge, 1996.

FIGUEIREDO, C. *O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2004.

_____. *O objeto nulo no português rural baiano: teoria temática e elipse de DP*. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 2009.

FILLMORE, C. The case for case. In: BACH, E.; HARMS, R. (Eds). In: *Universals in linguistic theory*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1968, p. 1-88.

GODOY, L. A. *Os verbos recíprocos no PB: interface sintaxe-semântica lexical*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

_____. A semântica da dupla realização argumental dos verbos recíprocos. *Revista do GEL*, São Paulo, 2010, v. 7, n. 1, p. 95-115.

GOMES, Débora C. T. *O uso variável do MAIS no português afro-brasileiro: coordenação e subordinação*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2014.

GONÇALVES, S. C.; SOUSA, G.; CASSEB-GALVÃO, V. C. As construções subordinadas substantivas. In: CASTILHO, A.; ILARI, R.; MOURA NEVES, M. H. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

GUY, G. R. A questão da crioulização no português do Brasil. In: ZILLES, A. (Org.). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 15-62.

GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HORNSTEIN, N.; NUNES, J.; GROHMANN, K. *Understanding minimalism*. Cambridge: Cambridge Press, 2005.

ILARI, R.; CASTILHO, A.; ALMEIDA, M. L.; KLEPPA, L.; BASSO, R. M. A preposição. In: CASTILHO, A.; ILARI, R.; MOURA NEVES, M. H. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

JAGGAR, P. J. *Hausa*. v. 7. London Oriental and African language library: John Benjamins Publishing Company, 2001.

KATO, M. The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In: KATO, M.; NEGRÃO, E. *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madri: Iberoamericana/Frankfurt: Vervuert, 2000, p. 223-258.

KATO, M.; DUARTE, M. *(Micro) parametric variation between European (EP) and Brazilian Portuguese (BP): similarities and differences related to ongoing changes in Latin American Spanish*. Monterrey: ALFAL, 2005.

KAYNE, R. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1994.

LABOV, W. What can be learned about change in progress from synchrony descriptions. In: SANKOFF, D.; CEDERGREN, H. (Eds.). *Variation Omnibus*. Carbondale; Edmonton: Linguistic Research, 1981, p. 177-199.

_____. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982, p. 17-92.

_____. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. v. 1. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Orgs). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwall, 2003, p. 235-250.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972].

LAKOFF, G.; PETERS, S. Phrasal conjunction and symmetric predicates. In: REIBEL, D. A.; SCHANE, S. A. (Eds.). *Modern studies in English*. New Jersey: Prentice-Hall, 1969, p. 113-142.

LANG, J. (Ed.). *A variação geográfica do crioulo caboverdiano*. Erlangen: FAU University Press, 2014.

LEFEBVRE, C. *Creole genesis and the acquisition of grammar: the case of Haitian creole*. Cambridge Studies in Linguistics 88. New York: Cambridge University Press, 1998.

_____. Relexification in creole genesis and effects on the development of the creole. In: SMITH, N.; VEENSTRA, T. (Eds.). *Creolization and Contact*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

_____. On the principled nature of the respective contributions of substrate and superstrate languages to a creoles's lexicon. In: MICHAELIS, S. (Ed.). *Roots of Creole Structures: weighing the contribution of substrates and superstrates*. Creole language library 33. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2008, p. 197-223.

LEFEBVRE, C.; LUMSDEN, J. The central role of Relexification in Creole Genesis: the case of Haitian Creole. In: LEFEBVRE, C.; LUMSDEN, J. (Orgs.). *La genèse du créole haïtien: un cas particulier d'investigation sur la forme de la grammaire universelle*. UQAM, 1994.

LEVIN, B; RAPPAPORT HOVAV, M. *Argument Realization*. Cambridge: Cambridge: University Press, 2005.

LUCCHESI, D. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil. *DELTA*, São Paulo, 2001, v. 17, n. 1, p. 97-130.

_____. O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. 1. ed. Rio de Janeiro: 7letras, 2003, p. 272-284.

_____. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, 2006, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112.

_____. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. A periodização da história sociolinguística do Brasil. *DELTA*, 2017, v. 33, n. 2. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/34369/23622>>.

LUCCHESI, D.; GOMES, D.; FIGUEIREDO, C. Estratégias de subordinação comitativa no português rural afro-brasileiro. *Papia*, 2017, v. 27, n. 1, p. 11-31.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J.; FIGUEIREDO, C. O português afro-brasileiro: as comunidades analisadas. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 75-100.

MARTINS, J. *O parâmetro do sujeito nulo: uma análise contrastiva entre o português e o italiano*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MASLOVA, E. Reciprocal and polyadic: remarkable reciprocals. In: NEDJALKOV, V. (Ed.). *Reciprocal Constructions*. Typological Studies in Language 71. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 2007.

MATOS, G. Estruturas de coordenação. In: MATEUS, M. H. M. *et. al. Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MATTOSO, K de Q. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2001[1982].

MATTOS E SILVA, R. V. “Bárbaros à porta”: uma reflexão histórica sobre a língua portuguesa no Brasil da atualidade. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. *Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

MELLO, C. F. *Alternância dativa no português popular de Salvador*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2013.

MICHAELIS, S. M. *et al.* (Eds.). *The Atlas of Pidgin and Creole Language Structures*. United Kingdom: Oxford, 2013.

MIOTO, C; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. *Novo manual de sintaxe*. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2007

MIRA MATEUS, M. H. *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MOLLICA, M.; BRAGA, M. (Orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORO, A. *Dynamic antisymmetry*. Cambridge: MIT Press, 2000.

MOURA NEVES, M. H. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

MUNN, A. B. *Topics in syntax and semantics of coordinate structures*. Tese de Doutorado. Maryland: Universidade de Maryland, 1993.

MUYSKEN, P. Half-way between Quechua and Spanish: the case for relexification. In: HIGHFIELD, A.; VALDMAN, A. (Eds.) *Historicity and variation in creole studies*. Ann Arbor: Karoma, 1981a, p. 52-79.

PARKVALL, M. *Da África para o Atlântico*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

PETTER, M. Línguas africanas no Brasil. In: CARDOSO, S. A.; MOTTA, J; MATOS E SILVA, R. V. (Orgs.). *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da língua portuguesa*. 45. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

RODRIGUES, A. As outras línguas da colonização do Brasil. In: CARDOSO, S. A.; MOTTA, J.; MATTOS E SILVA, R. V. (Orgs.). *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.

ROMANO, L. *Negrume (Lzimparin)*. Rio de Janeiro: Leitura, 1973.

ROSS, J. R. *Constraints on variables in syntax*. Tese de PhD. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology: 1967.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística geral*. 5. ed. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973[1916].

SILVA, J. A. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia*. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 2005.

SOARES DA SILVA, H. *O Parâmetro do Sujeito Nulo: confronto entre o português e o espanhol*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

_____. *Evidências da mudança paramétrica em dados da língua-E: o sujeito pronominal no português e no espanhol*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

STASSEN, L. And-languages and With-languages. *Linguistic Typology*, 2000, v. 4, n. 1, p. 1-54.

SWOLKIEN, D. Cape Verdean creole of São Vicente. *SPiCL II*, 2013, p. 20-30.

_____. Cape Verdean Creole of São Vicente structure dataset. APiCS. Disponível em: <<http://apicsonline.info/contributions/32>>.

_____. *The cape verdean creole of São Vicente: its genesis and structure*. Tese de Doutorado. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2015.

TARALLO, F. Por uma Sociolinguística Românica “Paramétrica”: fonologia e sintaxe. *Ensaio de Linguística*, 1987, n. 13, p. 51-84.

_____. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993b, p. 35-68.

_____. *A pesquisa sociolinguística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TARALLO, F.; KATO, M. Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística. *Diadorim: Revista de Estudos Lingüísticos e Literários*, 1989, n. 2 (2006), p. 13-42.

URIAGEREKA, J. Multiple spell-out. In: EPSTEIN, S. D.; HORNSTEIN, N. (Eds). *Working minimalism*. Cambridge: MIT Press, 1999c, p. 251-282.

VIANNA FILHO, L. *O negro na Bahia*. Coleção documentos brasileiros 55. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1946. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/92306>>.

WACHOWICZ, T. C.; FRUTOS, L. Uma abordagem semântica dos verbos simétricos. *Diacrítica*, Braga, 2010, v. 24, p. 449-470.

WACHOWICZ, T. C. A alternância conativa no PB. VI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN. *Anais...* João Pessoa, 2009, p. 2890-2899.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006[1975].